



# DIÁRIO

# da Assembleia da República

VII LEGISLATURA

1.ª SESSÃO LEGISLATIVA (1995-1996)

## REUNIÃO PLENÁRIA DE 30 DE ABRIL DE 1996

Presidente: Ex.<sup>mo</sup> Sr. António de Almeida Santos

Secretários: Ex.<sup>mos</sup> Srs. Artur Rodrigues Pereira dos Penedos

Duarte Rogério Matos Ventura Pacheco

João Cerveira Corregedor da Fonseca

José Ernesto Figueira dos Reis

## SUMÁRIO

O Sr. Presidente declarou aberta a sessão às 15 horas e 20 minutos.

Deu-se conta da apresentação da proposta de lei n.º 27/VII, do projecto de resolução n.º 20/VII e do projecto de lei n.º 145/VII.

Procedeu-se ao debate da interpelação n.º 2/VII — Sobre os temas do combate ao desemprego e das políticas de emprego (CDS-PP), tendo usado da palavra, a diverso título, além do Sr. Deputado Manuel Monteiro e da Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego (Maria João Rodrigues), que proferiram intervenções na fase de abertura, do Sr. Ministro da Economia (Álvaro Mateus) e dos Srs. Secretários de Estado dos Assuntos Parlamentares (António Costa) e da Administração Pública (Fausto Correia), os Srs. Deputados Odete Santos (PCP), Henrique Neto, Elisa Damião e Jorge Lacão (PS), Lino de Carvalho (PCP), Carlos Encarnaçāo

(PSD), Osório Gomes (PS), Pedro Passos Coelho (PSD), Gonçalo Almeida Velho (PS), Nuno Abecasis (CDS-PP), Hermínio Loureiro (PSD), Nuno Correia da Silva (CDS-PP), Manuela Ferreira Leite (PSD), Paulo Neves e Rui Namorado (PS), Rodeia Machado (PCP), Barbosa de Oliveira (PS), António Lobo Xavier (CDS-PP), Sérgio Ávila e Joel Hasse Ferreira (PS) e Maria José Nogueira Pinto (CDS-PP).

A encerrar o debate interviveram, pelo partido interpellante, o Sr. Deputado Jorge Ferreira e, pelo Governo, o Sr. Ministro da Solidariedade e Segurança Social (Ferro Rodrigues).

Entretanto, foi aprovado um parecer da Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias sobre retoma de mandato e substituição de Deputados do PS e do PSD.

O Sr. Presidente encerrou a sessão eram 20 horas e 25 minutos.

O Sr. Presidente: — Srs. Deputados, temos quórum, pelo que declaro aberta a sessão.

*Eram 15 horas e 20 minutos.*

*Estavam presentes os seguintes Srs. Deputados:*

**Partido Socialista (PS):**

Adérito Joaquim Ferro Pires.  
Agostinho Marques Moleiro.  
Aires Manuel Jacinto de Carvalho.  
Alberto de Sousa Martins.  
Albino Gonçalves da Costa.  
António Bento da Silva Galamba.  
António de Almeida Santos.  
António Fernandes da Silva Braga.  
António Fernando Marques Ribeiro Reis.  
António José Gavino Paixão.  
António José Guimarães Fernandes Dias.  
Arnaldo Augusto Homem Rebelo.  
Artur Clemente Gomes de Sousa Lopes.  
Artur Miguel Claro da Fonseca Mora Coelho.  
Artur Rodrigues Pereira dos Penedos.  
Carlos Alberto Cardoso Rodrigues Beja.  
Carlos Justino Luís Cordeiro.  
Carlos Manuel Amândio.  
Carlos Manuel Luís.  
Cláudio Ramos Monteiro.  
Domingos Fernandes Cordeiro.  
Elisa Maria Ramos Damião.  
Eurico José Palheiros de Carvalho Figueiredo.  
Fernando Alberto Pereira de Sousa.  
Fernando Alberto Pereira Marques.  
Fernando Antão de Oliveira Ramos.  
Fernando Garcia dos Santos.  
Fernando Manuel de Jesus.  
Fernando Pereira Serrasqueiro.  
Francisco Fernando Osório Gomes.  
Francisco José Pereira de Assis Miranda.  
Francisco José Pinto Camilo.  
Gonçalo Matos Correia de Almeida Velho.  
Henrique José de Sousa Neto.  
João Carlos da Costa Ferreira da Silva.  
João Rui Gaspar de Almeida.  
João Soares Palmeiro Novo.  
Joaquim Moreira Raposo.  
Joel Eduardo Neves Hasse Ferreira.  
Joel Maria da Silva Ferro.  
Jorge Lacão Costa.  
Jorge Manuel Damas Martins Rato.  
Jorge Manuel Gouveia Strecht Ribeiro.  
José Adelmo Gouveia Bordalo Junqueiro.  
José Afonso Teixeira de Magalhães Lobão.  
José Alberto Cardoso Marques.  
José António Ribeiro Mendes.  
José Carlos das Dores Zorrinho.  
José Carlos Lourenço Tavares Pereira.  
José da Conceição Saraiva.  
José de Matos Leitão.  
José Ernesto Figueira dos Reis.  
José Fernando Rabaça Barradas e Silva.  
José Manuel de Medeiros Ferreira.  
José Manuel Santos de Magalhães.  
José Pinto Simões.  
Jovita de Fátima Romano Ladeira Matias.  
Júlio Manuel de Castro Lopes Faria.

Luís Afonso Cerqueira Natividade Candal.  
Luís António do Rosário Veríssimo.  
Luís Pedro de Carvalho Martins.  
Manuel Afonso da Silva Strecht Monteiro.  
Manuel Alberto Barbosa de Oliveira.  
Manuel Alegre de Melo Duarte.  
Manuel António dos Santos.  
Manuel Francisco dos Santos Valente.  
Manuel Jorge Pedrosa Forte de Goes.  
Manuel Martinho Pinheiro dos Santos Gonçalves.  
Manuel Porfírio Vargas.  
Maria Amélia Macedo Antunes.  
Maria Celeste Lopes da Silva Correia.  
Maria da Luz Gameiro Beja Ferreira Rosinha.  
Maria do Carmo de Jesus Amaro Sequeira.  
Maria do Rosário Lopes Amaro da Costa da Luz Carneiro.  
Maria Fernanda dos Santos Martins Catarino Costa.  
Maria Isabel Ferreira Coelho de Sena Lino.  
Maria Jesuína Carrilho Bernardo.  
Martim Afonso Pacheco Gracias.  
Miguel Bernardo Ginestal Machado Monteiro Albuquerque.  
Natalina Nunes Esteves Pires Tavares de Moura.  
Nelson Madeira Baltazar.  
Nuno Manuel Pereira Baltazar Mendes.  
Osvaldo Alberto Rosário Sarmento e Castro.  
Paula Cristina Ferreira Guimarães Duarte.  
Paulo Jorge dos Santos Neves.  
Pedro Ricardo Cavaco Castanheira Jorge.  
Raúl d' Assunção Pimenta Rego.  
Rita Maria Dias Pestana Cachuxo.  
Rosa Maria da Silva Bastos da Horta Albernaz.  
Rui do Nascimento Rabaça Vieira.  
Rui Manuel dos Santos Namorado.  
Sérgio Humberto Rocha de Ávila.  
Sérgio Paulo Mendes de Sousa Pinto.  
Victor Brito de Moura.

**Partido Social Democrata (PSD):**

Adalberto Paulo da Fonseca Mendo.  
Álvaro dos Santos Amaro.  
Álvaro Roque de Pinho Bissaia Barreto.  
Amândio Santa Cruz Domingues Basto Oliveira.  
Antônio da Silva Antunes.  
António Costa Rodrigues.  
António de Carvalho Martins.  
António Joaquim Correia Vairinhos.  
António Jorge de Figueiredo Lopes.  
António Moreira Barbosa de Melo.  
António Paulo Martins Pereira Coelho.  
António Roleira Marinho.  
António Soares Gomes.  
Arménio dos Santos.  
Bernardino Manuel de Vasconcelos.  
Carlos Alberto Pinto.  
Carlos Manuel de Sousa Encarnação.  
Carlos Manuel Marta Gonçalves.  
Carlos Miguel Maximiano de Almeida Coelho.  
Duarte Rogério Matos Ventura Pacheco.  
Eduardo Eugenio Castro de Azevedo Soares.  
Fernando José Antunes Gomes Pereira.  
Fernando Pedro Peniche de Sousa Moutinho.  
Fernando Santos Pereira.  
Filomena Maria Beirão Mortágua Salgado Freitas Bordalo.  
Francisco Antunes da Silva.  
Francisco José Fernandes Martins.

**Francisco Xavier Pablo da Silva Torres.**  
**Gilberto Parca Madail.**  
**Guilherme Henrique Valente Rodrigues da Silva.**  
**Hermínio José Sobral Loureiro Gonçalves.**  
**Hugo José Teixeira Velosa.**  
**João Álvaro Poças Santos.**  
**João Calvão da Silva.**  
**João Carlos Barreiras Duarte.**  
**João Eduardo Guimarães Moura de Sá.**  
**Joaquim Manuel Cabrita Neto.**  
**Joaquim Martins Ferreira do Amaral.**  
**Jorge Paulo de Seabra Roque da Cunha.**  
**José Augusto Gama.**  
**José Bernardo Velo Falcão e Cunha.**  
**José de Almeida Cesário.**  
**José Guilherme Reis Leite.**  
**José Luís Campos Vieira de Castro.**  
**José Manuel Costa Pereira.**  
**José Mário de Lemos Damião.**  
**Lucília Maria Samoreno Ferra.**  
**Luís Manuel Gonçalves Marques Mendes.**  
**Luís Maria de Barros Serra Marques Guedes.**  
**Manuel Acácio Martins Roque.**  
**Manuel Alves de Oliveira.**  
**Manuel Filipe Correia de Jesus.**  
**Manuel Maria Moreira.**  
**Maria Eduarda de Almeida Azevedo.**  
**Maria Fernanda Cardoso Correia da Mota Pinto.**  
**Maria Luísa Lourenço Ferreira.**  
**Maria Manuela Aguiar Dias Moreira.**  
**Maria Manuela Dias Ferreira Leite.**  
**Maria Teresa Pinto Basto Gouveia.**  
**Mário da Silva Coutinho Albuquerque.**  
**Miguel Bento Martins da Costa de Macedo e Silva.**  
**Pedro José da Vinha Rodrigues Costa.**  
**Pedro Manuel Mamede Passos Coelho.**  
**Rolando Lima Lalanda Gonçalves.**  
**Rui Fernando da Silva Rio.**  
**Sérgio André da Costa Vieira.**

**Partido do Centro Democrático Social — Partido Popular (CDS-PP):**

**António Afonso de Pinto Galvão Lucas.**  
**António Bernardo Aranha da Gama Lobo Xavier.**  
**Carlos Alberto Maia Neto.**  
**Ismael António dos Santos Gomes Pimentel.**  
**Jorge Alexandre Silva Ferreira.**  
**Manuel Fernando da Silva Monteiro.**  
**Manuel Maria Mendonça da Silva Carvalho.**  
**Maria José Pinto da Cunha Avilez Nogueira Pinto.**  
**Maria Manuela Guedes Outeiro Pereira Moniz.**  
**Nuno Jorge Lopes Correia da Silva.**  
**Nuno Kruz Abecasis.**  
**Paulo Sacadura Cabral Portas.**  
**Silvio Rui Neves Correia Gonçalves Cervan.**

**Partido Comunista Português (PCP):**

**António Filipe Gaião Rodrigues.**  
**António João Rodeia Machado.**  
**Bernardino José Torrão Soares.**  
**João Cerveira Corregedor da Fonseca.**  
**José Fernando Araújo Calçada.**  
**Lino António Marques de Carvalho.**  
**Maria Luísa Raimundo Mesquita.**  
**Maria Odete dos Santos.**

**Octávio Augusto Teixeira.**  
**Ruben Luís Tristão de Carvalho e Silva.**

**Partido Ecologista Os Verdes (PEV):**

**Heloisa Augusta Baião de Brito Apolónia.**  
**Isabel Maria de Almeida e Castro.**

**O Sr. Presidente:** — Srs. Deputados, o Sr. Secretário vai anunciar os diplomas que deram entrada na Mesa.

**O Sr. Secretário (Artur Penedos):** — Sr. Presidente e Srs. Deputados, deram entrada na Mesa, e foram admitidos, os seguintes diplomas: proposta de lei n.º 27/VII — Estabelece o princípio a que deve obedecer o regime de recrutamento e selecção de directores de serviço e chefe de divisão para os quadros da Administração Pública, que baixou à 1.ª Comissão; projecto de resolução n.º 20/VII — Auditoria aos Serviços da Assembleia da República (CDS-PP), que baixou à 1.ª Comissão; projecto de lei n.º 145/VII — Elevação da povoação de Sobralinho, no concelho de Vila Franca de Xira, à categoria de vila (PSD), que baixou à 4.ª Comissão.

**O Sr. Presidente:** — Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados, vamos dar início ao debate da interpelação n.º 2/VII, requerida pelo CDS-PP, sobre os temas do combate ao desemprego e das políticas de emprego.

Para proferir a intervenção de abertura em nome do CDS-PP, tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Monteiro

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr.ºs e Srs. Deputados: De acordo com os dados disponíveis, o desemprego em Portugal tem vindo a aumentar a um ritmo impressionante nos últimos doze meses. Este aumento fica a dever-se não só ao crescimento do número de jovens à procura do primeiro emprego, fenómeno que muito nos preocupa, mas também à perda de empregos verificada no sector produtivo.

Em Março eram mais de 487 000 os portugueses desempregados, mas enquanto isto acontece Portugal assiste hoje a uma separação total entre o sentimento real das pessoas e as discussões que nos últimos dias têm agitado a opinião pública.

Um observador menos atento e menos conhecedor das realidades chegará mesmo a pensar que o verdadeiro problema do País, talvez o único neste momento, tem um nome: regionalização.

Poderia, aliás, aproveitar a oportunidade para afirmar: portugueses, estão preocupados com o desemprego? Não estejam, porque vem aí a regionalização! Estão preocupados com a diminuição do crescimento económico? Não estejam, porque vem aí a regionalização! Estão preocupados com a falência de empresas? Não estejam, porque vem aí a regionalização! Estão preocupados com os pescadores que não pescam? Não estejam, porque vem aí a regionalização! Estão preocupados com a agricultura que definhava? Não estejam, porque vem aí a regionalização! Estão preocupados pelo facto de tardarem as decisões do Governo? Não estejam, porque também vem aí a regionalização!...

Portugal é, assim, um país sem crise, um país de sucesso, um país onde aqueles que se questionam quanto ao futuro ou são pessimistas ou andam mal informados, ainda e sempre, porque haverá regionalização!...

O Sr. Jorge Ferreira (CDS-PP): — Muito bem!

O Orador: — Minhas Senhoras e Meus Senhores: Creio poder afirmar que nunca como agora a separação entre o País verdadeiro e o País político se tornou tão evidente.

Acredite, Sr. Primeiro-Ministro, que gostaria hoje não ter de aqui estar a falar destes assuntos, mas o meu dever, o dever do meu partido, para com os portugueses e para connosco leva-nos a dizer basta! Basta de conversa fiada sobre o que só nos interessa a nós e nada diz a quem trabalha ou a quem quer trabalhar! Basta de frenesim político, de chantagens ou contra-chantagens, basta de artificialismos! Vamos ao que interessa!

Será que nós, todos os que aqui nos encontramos, não seremos capazes de cometer a modesta proeza de darmos as mãos e juntos trabalharmos para encontrar as melhores soluções que protagonizem Portugal? Será que todos nós não seremos capazes de pôr de lado, por um momento que seja, as nossas rivalidades e discutir de forma concreta as melhores propostas para o País? Será que todos nós não seremos capazes de trabalhar em conjunto, tendo consciência de que o que nos move ou deve mover é o interesse nacional?

O que aconteceria, Sr. Presidente e Srs. Deputados, se nós próprios tivéssemos os salários em atraso? O que aconteceria, Sr. Presidente e Srs. Deputados, se o Estado nos comunicasse que este ano não receberíamos subsídio de férias? O que aconteceria, Sr. Presidente e Srs. Deputados, se hoje V. Ex.<sup>a</sup> anunciasse que não haveria senha de presença ou pagamento de ajudas de custo?

A resposta é muito simples: todos nos juntarfamo para rapidamente resolver a situação; todos nos sentarfamo em nome dos superiores interesses da democracia, logo do Parlamento, para que o problema fosse debelado.

Então, se assim seria — e estou disso convicto —, por que razão não fazemos todos um pacto, afim sim, para ajudar ao relançamento da economia portuguesa? Por que razão não damos nós o exemplo aos portugueses que as palavras que, melhor ou pior, proferimos podem ser úteis se em nome do País se soubermos dar as mãos, procurando encontrar o que nos une em vez de, permanentemente, enfatizarmos o que nos divide?

O Sr. Jorge Ferreira (CDS-PP): — Muito bem!

O Orador: — Utópico? Irrealista? Não o creio! Ambicioso? Impossível de concretizar? Não o sinto! Desnecessário? Não o penso!

Sr. Primeiro-Ministro, desde que V. Ex.<sup>a</sup> foi eleito há mais 63 000 desempregados em Portugal. Há hoje mais jovens que não conseguem sonhar! Há hoje mais jovens a quem foi prometido um mundo de ilusões e, ao fim de meio ano, têm um saco cheio de decepções.

*Aplausos do CDS-PP.*

Há hoje mais portugueses sem esperança nem convicção que se perguntam a si próprios se ainda vale a pena — se ainda vale a pena persistir, se ainda vale a pena acreditar, se ainda vale a pena confiar no País onde nasceram.

Que fique claro que o que aqui me importa não é continuar a citar números. Dados, estatísticas, balanços, análises e contra-análises, todos os sabemos, todos os temos, todos os fazemos. O que me importa é afirmar bem alto que a primeira, que a principal riqueza de um país está ou

não está nas suas pessoas, que a principal arma para combater qualquer crise tem um nome, e esse nome é povo! Se o povo acredita, se o povo confia, se o povo tem fé, não há nação que afunde, não há crise económica que dure, não há futuro que assuste!

Ao contrário, se a desilusão aumenta, o desespero dispara e as pessoas baixam os braços, e então, afim sim, é que os nossos problemas começam, e começam muito a sério!

O que fazer então? Nós propomos: fale-se a verdade ao País, diga-se aos portugueses que o amanhã poderá ser melhor se hoje assumirmos que o presente não é risonho; diga-se aos portugueses que podem existir caminhos diferentes e que com eles contamos, se necessário, para enfrentar mais e mais dificuldades.

O que não pode continuar a ser feito, aquilo a que não podemos continuar a assistir é a uma sucessão de declarações, a uma proliferação de programas cheios de palavras, mas vazios de conteúdo, como faz o Governo de V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Engenheiro António Guterres, pela boca da Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego! Porque aquilo que queremos e pensamos poder exigir é muito simples: queremos um Governo a falar menos e a actuar mais!

O Sr. Jorge Ferreira (CDS-PP): — Muito bem!

O Orador: — Queremos um Governo que resolva o que se comprometeu a resolver e não um Governo que cada vez que é questionado pela sua acção em vez de olhar em frente se desculpa apenas com o passado!

*Aplausos do CDS-PP e do Deputado do PSD Correia de Jesus.*

Sr. Primeiro-Ministro, o passado passou e tão depressa não voltará! Já pensou V. Ex.<sup>a</sup> que cada vez que o Governo ou o Partido Socialista se desculpa com o passado apenas evidencia as fraquezas e as semelhanças com o presente? Já pensou V. Ex.<sup>a</sup> que cada vez que fala dos últimos dez anos para justificar a insuficiência dos últimos seis meses está apenas a criar condições para que haja instabilidade e insegurança?

Já pensou V. Ex.<sup>a</sup> que os que em si votaram o não fiziam para ouvir desculpas, mas para ver e sentir reformas e claras mudanças?

*Vozes do CDS-PP:* — Muito bem!

O Orador: — Sr. Primeiro-Ministro, V. Ex.<sup>a</sup> veio a esta Câmara apresentar um Orçamento do Estado para o corrente ano. Nesse Orçamento estavam contidas as ideias e as propostas em que os portugueses maioritariamente confiaram.

Com responsabilidade na defesa da estabilidade política e pensando num povo que não gosta de brincar às eleições, o Partido Popular, ao abster-se, viabilizou o seu principal instrumento de governação. Na altura, V. Ex.<sup>a</sup> falou-nos de crescimento, apontou metas e indicou números; na altura, falou-nos de confiança, apontou objectivos e traçou rumos.

O Sr. Lino de Carvalho (PCP): — Foram enganados!

O Orador: — Também na altura lhe dissemos que as suas metas e os seus números pouco divergiam dos objectivos traçados pelo anterior Governo, mas o País, ao não votar maioritariamente no Partido Popular e ao dar o

voto ao Partido Socialista, preferiu-o a si para Primeiro-Ministro!

Permita-me então, cara a cara, que lhe pergunte: de que é que V. Ex.<sup>a</sup> continua à espera? O que se passa para que as previsões económicas sejam permanentemente revistas em baixa? O que se passa para que o desemprego aumente hora a hora? O que se passa para que a confiança tarde e o consumo não dê mostras de animar? Estará V. Ex.<sup>a</sup> bloqueado ou ameaçado por alguém dentro do seu próprio partido? Terá, em algum momento, o Parlamento boicoteado o seu trabalho e colocado entraves à sua acção?

Não, Sr. Primeiro-Ministro! O Parlamento não lhe tem dificultado a vida, os Deputados não o têm impedido de trabalhar e esta Assembleia tem provado, em todos os momentos cruciais, saber respeitar a vontade expressa pelos portugueses no dia 1 de Outubro de 1995.

O Sr. Jorge Ferreira (CDS-PP): — É verdade!

O Orador: — V. Ex.<sup>a</sup> é que parece continuar a «aquecer o motor». Mas tome atenção, porque carregar no «acelerador» e no «travão» ao mesmo tempo e tantos meses seguidos poderá levar a que o «carro rebente» e, se assim continuar, bem mais cedo do que pensa!

Tome nota, Sr. Primeiro-Ministro: aqueles que nesta Câmara têm tido um comportamento de permanente responsabilidade, como provaram ao viabilizar o Orçamento do Estado, não estão dispostos nem disponíveis para assistir a que seja morta a esperança do povo português. É que, da mesma forma como viabilizámos o Orçamento, assumiremos as nossas responsabilidades para fazer cair o Governo, se essa for a decisão melhor e mais propícia para o interesse e desafios de Portugal.

Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados: O Governo do País prefere a inflação ao emprego, o Governo do País prefere a convergência nominal à economia real, o Governo do País prefere a moeda única em 1999 do que o aumento da produção e da riqueza nacional.

Portugal continua a ver em Bruxelas toda a saída para os seus males e parece esquecer que esta União Europeia ou muda de rumo ou vai à falência. Há claros indícios de que a política seguida ao nível europeu é errada. Há, objectivamente, uma instabilidade interna na União que cresce dia após dia.

Na Alemanha, de acordo com as mais recentes estimativas, o défice público aumentou, em 1995, muito mais do que o previsto, tendo o desemprego aumentado, ultrapassando os 10% da população activa em Dezembro último, valor que é simultaneamente o mais elevado desde a Segunda Grande Guerra Mundial.

Em França, as iniciativas legislativas do Governo para reformar o sistema da segurança social, tendo em vista o saneamento das contas públicas, encontraram uma forte resistência de diversos sectores da sociedade, de tal forma que a versão final da reforma foi significativamente limitada em relação ao seu alcance inicial.

Ora, o abrandamento económico verificado na segunda metade de 1995, ao reflectir-se em menor arrecadação de receitas fiscais e num novo aumento de desemprego volta a exercer uma pressão negativa sobre as finanças públicas dos países da União, numa altura em que aproxima, drasticamente, a data da verificação do cumprimento dos critérios de convergência.

Assim, que ninguém duvide que a manterem-se os prazos previstos e os critérios para a União Económica e Monetária, o arrefecimento da actividade económica voltará a ter como consequência o aumento do desemprego...

O Sr. Paulo Portas (CDS-PP): — Muito bem!

O Orador: — ... que, como se sabe, atinge já índices difficilmente suportáveis.

Como se isto não bastasse, uma segunda abordagem do enquadramento macroeconómico, de carácter mais estrutural, traduz-se na ideia de que a crescente integração económica mundial está a evidenciar uma diminuição da competitividade da economia europeia face aos demais blocos económicos, designadamente os asiáticos, com a consequente perda de quotas de mercado das empresas europeias e a deslocalização de investimentos para fora da União.

Como é óbvio, dias piores virão! A conclusão do novo acordo sobre o comércio mundial acentuará — que ninguém duvide! — esta tendência de perda de competitividade da própria Europa.

Esta perda de competitividade começou por afectar, profundamente, o sector industrial e está a estender-se ao sector dos serviços, implicando com isso um contínuo crescimento do desemprego e um sensível menor crescimento económico. De acordo com cálculos efectuados pela própria Comissão Europeia, a taxa potencial de crescimento anual da economia comunitária diminuiu, nos últimos 20 anos, de cerca de 4,5% para um valor próximo dos 2,5%.

Como se constata, a política seguida pela União é errada, precipitada e poderá, a prazo, conduzir a própria Europa a um beco sem saída.

Perante isto o que faz o Governo de Portugal? Muda de caminho? Inverte a estratégia? Infelizmente não! Continua a insistir, tal como fez o PSD, acreditando que basta que o nosso Primeiro-Ministro se deixe fotografar ao lado dos outros que são maiores do que ele, para que imediatamente possamos dizer que já crescemos!

Esta não é a nossa visão para o que se deve fazer, nem a nossa estratégia, por isso aqui dizemos e também promos: Portugal deve pôr de lado o objectivo de querer estar na moeda única em 1999.

*Aplausos do CDS-PP.*

E deve fazê-lo por duas razões: primeiro, porque não é isso que nos interessa; segundo, porque devemos privilegiar a nossa economia e não querer colocá-la a qualquer custo, nominalmente, ao lado das outras; primeiro, porque temos de apostar no aumento da produção e do crescimento; segundo ainda, porque o que nos deve interessar não é ter uma baixa inflação a qualquer preço, mas uma inflação à medida das nossas preocupações;...

O Sr. Paulo Portas (CDS-PP): — Muito bem!

O Orador: — ... primeiro, por último, porque o que temos a fazer é preocuparmo-nos connosco e só depois com os outros.

Em segundo lugar, Sr. Primeiro-Ministro, e se outras razões não existissem, porque já vai sendo tempo de acordarmos e termos consciência que há cada vez mais indícios de que a moeda única poderá não se realizar em 1999. Ou será que os senhores pensam que se a Alemanha e a própria França tiverem problemas para resolver nos seus países, os deixarão de lado para pensar em Portugal e na União Europeia?

O Sr. Jorge Ferreira (CDS-PP): — Muito bem!

**O Orador:** — Em segundo lugar, ainda, porque se é o próprio Ministro das Finanças de Portugal a afirmar que se não entrarmos na moeda única em 1999 não haverá qualquer problema para o País, então, Sr. Primeiro-Ministro, poupe-nos à sua teimosia! Da mesma forma lho pedimos, tal como o fizemos, insistentes vezes, ao anterior Primeiro-Ministro Cavaco Silva!

*Aplausos do CDS-PP.*

Sr. Primeiro-Ministro, oiça o que lhe digo, porque quem o avisa seu amigo é!

**Vozes do PSD e do PCP:** — Ah!...

*Risos do PS.*

**O Orador:** — Não corra atrás de uma miragem, não volte as costas à produção nacional! De nada nos servirá termos a moeda dos outros se com ela apenas consumirmos, e cada vez menos, o que os outros produzem e exportam.

**Vozes do CDS-PP:** — Muito bem!

**O Orador:** — Os senhores riem, mas não riram no dia 25 de Abril, quando o vosso colega Manuel Alegre veio a esta tribuna citar Goldsmith. Os senhores aplaudiram, mas a maior parte, provavelmente, não sabe quem ele é!

*Aplausos do CDS-PP.*

Pensemos em Portugal primeiro e tenhamos a consciência de que não há parceiros que nos acudam se a nossa própria família estiver desfeita — e a nossa família é, e será sempre, a primeira prioridade.

**Vozes do CDS-PP:** — Muito bem!

**O Orador:** — Também aqui lhe propomos: aproveite a Conferência Intergovernamental e ataque o GATT — defendendo a preferência comunitária, a alteração da política de fronteiras da Europa face aos países terceiros e, com isso, estará também a defender os interesses de quem quer trabalhar e produzir em Portugal.

Estas são duas medidas concretas que, ao nível externo e interno, o Governo de Portugal pode e deve adoptar rapidamente.

Que fique claro: para o Partido Popular não há emprego sem crescimento económico, não há emprego sem iniciativa privada. Numa palavra, não há emprego se não existirem empresas! Há que basear o aumento do emprego fundamentalmente no crescimento da economia e não sustentar a fixação artificial do emprego à custa de baixos níveis de produtividade.

Mas há que baseá-lo, igualmente, nas vantagens de sistemas responsabilizadores de partilha solidária dos resultados da actividade económica e dos aumentos da produtividade, ou seja, promovendo políticas de moderação na evolução dos rendimentos de trabalho e de incentivo do reinvestimento dos lucros.

A este propósito, vou citar alguém que é muito grato à bancada do Partido Socialista e a V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Primeiro-Ministro. Refiro-me a Helmut Schmidt, que um dia disse: «Os lucros de hoje fazem os investimentos de amanhã e os empregos de depois de amanhã». Olhe, ao menos, para os bons exemplos daqueles que são ou pertenceram à família socialista!

Importará, pois, compatibilizar o melhor possível a óptica do crescimento económico com o desenvolvimento do emprego. Para isso, o Partido Popular propõe: primeiro, fazer incidir as medidas de política de redução dos custos unitários de produção mais sobre os encargos que oneram o emprego do que sobre os encargos que oneram os outros factores de produção; segundo, investir na formação e valorização profissionais.

**O Sr. Presidente:** — Esgotou o tempo da intervenção, Sr. Deputado. O tempo que usar a mais será descontado no do seu partido.

**O Orador:** — Obrigado, Sr. Presidente.

Neste contexto, propomos as seguintes medidas: inequívoca e pragmática simplificação do processo da criação de empresas, uma vez que é ao nível das pequenas e médias empresas que se gera mais emprego.

**Vozes do CDS-PP:** — Muito bem!

**O Orador:** — Conceda às empresas um crédito fiscal por contrapartida da contratação de desempregados, em vez de lhes dar subsídios; conceda às empresas recursos de natureza fiscal que lhes permitam pagar menos impostos, em vez de as viciar e habituar apenas ao dinheiro do próprio Estado.

**Vozes do CDS-PP:** — Muito bem!

**O Orador:** — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e Srs. Deputados, tenhamos a coragem de mexer na legislação laboral; tenhamos a coragem de introduzir a figura da reforma parcial e progressiva que permitirá incentivar o trabalho a meio tempo de pessoas à procura de emprego, ao mesmo tempo que aliviaria o sistema de segurança social, visto que este modelo só estaria a pagar parte de uma pensão de reforma; tenhamos a coragem de fomentar o trabalho voluntário a tempo parcial, através da revisão dos sistemas fiscais e da segurança social; tenhamos a coragem de mexer no mercado do arrendamento e tenhamos a coragem de dinamizar o sector de construção, em especial o do subsector da habitação...

**O Sr. Jorge Ferreira (CDS-PP):** — Muito bem!

**O Orador:** —... porque, sendo este susceptível de mobilizar um número considerável de postos de trabalho a curto prazo, se trata de um bem essencial à vida das pessoas.

É sabido que Portugal tem um défice habitacional superior a 500 000 casas. De acordo com os estudos conhecidos, por cada emprego criado no sector da construção, são criados três postos de trabalho no conjunto da economia.

Neste sentido, quero anunciar a esta Câmara que o meu partido proporá ao Governo um conjunto de medidas no plano jurídico, fiscal, financeiro e empresarial que estimulem decisivamente a construção de habitação, apostando em especial na redynamização do mercado de arrendamento.

**Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Deputados:** Vamos ao que interessa. Está feita a análise e lançado o desafio. Pelo futuro de Portugal, V. Ex.<sup>a</sup> contará, seguramente, connosco! Pelo futuro de Portugal e para dar confiança e esperança ao povo português, estamos dispostos a trabalhar, mas para participar em chantagens ou contra-chantagens, em desafios ou contra-desafios, o Governo fica a saber que, a partir de hoje, não continuará a contar

com a colaboração que tem tido, até hoje, do Partido Popular, a que presido.

*Aplausos do CDS-PP, de pé.*

**O Sr. Presidente:** — Para fazer a intervenção de abertura em nome do Governo, tem a palavra a Sr.ª Ministra para a Qualificação e o Emprego.

**A Sr.ª Ministra para a Qualificação e o Emprego (Maria João Rodrigues):** — Sr. Presidente, Srs. Deputados: O objectivo emprego é hoje um enorme desafio em qualquer país do mundo. A lógica da globalização e da deslocalização, associada ao impacto da modernização tecnológica, está a criar pressões permanentes para a desactuação das qualificações e a supressão de empregos. Este é um novo contexto no qual temos de aprender a viver, renovando em cada dia a possibilidade de abrir à nossa população uma oportunidade real de um emprego com qualidade, com uma justa remuneração e com uma perspectiva consistente de valorização profissional.

No reverso, temos o problema do desemprego. E aqui, quero sublinhar bem, começa a diferença deste Governo. O nosso ponto de partida é fazer conhecer à população portuguesa a real natureza deste desemprego, pois só assim ele poderá ser enfrentado.

Contrariamente ao que foi sendo afirmado pelos sucessivos governos do PSD, o desemprego em Portugal não é só conjuntural. Se fosse só conjuntural, a sua redução dependeria apenas da retoma da actividade económica. Ora, o desemprego é também profundamente estrutural, já que radica no défice de escolarização e de qualificação da nossa população, na fraqueza dos factores competitivos do nosso tecido empresarial e no facto de as reestruturações, adiadas de forma irresponsável, estarem agora a emergir como inevitáveis, se não quisermos ter problemas de emprego mais graves no futuro.

A estratégia de resposta a esta situação está claramente delineada por parte do Governo, que pretende também promovê-la em concertação com os demais parceiros económicos e sociais e no pleno respeito dos poderes próprios da Assembleia da República.

Esta estratégia impõe escolhas na afectação dos recursos públicos e na definição de novas regras do jogo e assenta em sete eixos fundamentais:

Primeiro, promover a internacionalização e a criação de novos factores competitivos, como condição para dar ao emprego uma base económica sólida;

Segundo, estimular uma modernização centrada na qualidade e na inovação, capaz de criar mais empregos qualificados, nomeadamente para os nossos jovens;

Terceiro, desenvolver filões mais ricos em emprego, ligados ao desenvolvimento local, aos serviços de proximidade e ao mercado social de emprego, susceptíveis de absorver, nomeadamente, os que correm o risco de cair no desemprego de longa duração;

Quarto, gerir as reestruturações de forma organizada, por forma a reduzir os seus custos sociais e a reconverter os trabalhadores para novos postos de trabalho;

Quinto, atribuir uma prioridade clara ao reforço dos sistemas de educação e de formação, por forma a que cada cidadão, ao investir continuamente na sua qualificação, possa garantir melhores perspectivas de emprego;

Sexto, organizar processos mais eficazes de inserção e reinserção profissional com base em políticas activas de emprego;

Sétimo e último, combater a exclusão e reforçar a protecção social, com prioridade para os mais desprotegidos.

Gostava de sublinhar que o Governo se considera, no seu conjunto, responsável pelo objectivo emprego e pela concretização desta estratégia de resposta, que pressupõe um grande esforço de integração das diferentes políticas. Este esforço conjunto e este trabalho em equipa é uma das marcas distintivas do novo Executivo e começou já a dar os seus frutos:

Na política externa, pela crítica às concepções fundamentalistas do liberalismo económico no que respeita ao comércio internacional e pela defesa da prioridade ao emprego e à coesão económica e social nas políticas comunitárias;

Na política macroeconómica, pela preparação e aprovação do Orçamento do Estado de 1996, que permite criar um quadro capaz de controlar a inflação, reduzir as taxas de juro, estimular o investimento, tanto privado como público e, por essa via, favorecer a criação de emprego;

Na política de rendimentos, pela aprovação do acordo de curto prazo que permitiu delinear um crescimento, ainda que moderado, dos salários reais e consagrar uma relação positiva entre acréscimos de produtividade e acréscimos do salário real;

Nas políticas sectoriais, onde, a par da revisão do sistema de incentivos e dos apoios à internacionalização, está preparado um programa de resposta às empresas em situação económica difícil;...

**A Sr.ª Elisa Damião (PS):** — Muito bem!

**A Oradora:** — Na política de desenvolvimento regional, um novo regime de incentivos e a própria regionalização darão um novo impulso à criação de empregos ao nível local;

Na política de educação, a prioridade que está a ser atribuída à escolarização básica, à estabilização das diferentes vias de ensino e à definição de regras de acesso ao ensino superior poderão permitir que mais jovens reforcem a sua qualificação, evitando a entrada precoce no mercado de trabalho;

Na política de solidariedade e segurança social, a par da preparação do Livro Branco sobre a reforma do sistema, em breve será discutida na Assembleia da República a proposta de lei relativa ao rendimento mínimo;

Na política de trabalho, ressalta a legislação que visa combater a utilização abusiva de formas atípicas de emprego e ainda a intensificação do combate ao trabalho infantil.

*Aplausos do PS.*

Sublinho também a proposta de lei que, na sequência do acordo de curto prazo, consagra a redução do horário normal de trabalho para 40 horas, associada aos princípios da polivalência e da adaptabilidade na gestão do tempo de trabalho. Isto permitirá, no curto prazo, amortecer o impacto negativo no volume de emprego e, no médio prazo, melhorar a situação do emprego em quantidade e qualidade. Travar esta mudança, como alguns pretendem, só pode criar factores de agravamento dos despedimentos e do desemprego, no curto e no médio prazos.

**O Sr. Osvaldo Castro (PS):** — Muito bem!

**A Oradora:** — Para seis meses de governação, pensamos que o balanço de tudo isto só pode ser considerado

claramente positivo. Mas para além destas políticas, que concorrem para uma política global de emprego, há também muito trabalho feito no domínio das políticas específicas de emprego.

Sr. Presidente, Srs. Deputados: O Programa de Acção Imediata para o Emprego, apresentado recentemente ao País, organiza-se em torno de quatro eixos fundamentais que marcam uma reorientação de fundo nas políticas específicas de emprego. Só quem não quiser é que não verá.

O primeiro eixo visa pôr de pé um quadro de gestão previsional do mercado de trabalho que permitirá prevenir os problemas de emprego e não apenas curá-los.

Trata-se de aplicar, conjuntamente com os diferentes protagonistas envolvidos, programas sectoriais para a modernização, a qualificação e o emprego que permitam identificar quais as profissões em expansão e em regressão e decidir quais as políticas de formação e emprego adequadas.

Os governos do PSD sempre fizeram barreira a este eixo de acção...

**O Sr. Joel Hasse Ferreira (PS):** — Muito bem!

**A Oradora:** — ... com o argumento de que caberia aos livres mecanismos do mercado proceder, curativamente, aos ajustamentos necessários. Queremos agora ganhar tempo sobre essa irresponsabilidade e, por isso, criámos um organismo público preparado para organizar todo este processo de forma concentrada.

O segundo eixo de acção visa, pela primeira vez, atacar duas debilidades graves das empresas portuguesas que estão na raiz de muitos dos problemas de emprego. Em primeiro lugar, a gestão de recursos humanos nas pequenas e médias empresas será melhorada com base numa formação específica e numa rede de consultores, animada por centros de gestão participada e por associações empresariais. Em segundo lugar, a falta de experiência nacional em reconversão profissional de trabalhadores em risco será colmatada pela organização de equipas de apoio à reconversão, que apoiarão as empresas em dificuldades.

O terceiro eixo reforça os apoios à criação de emprego. É certo que se procedeu à revisão do regime de incentivos, à contratação, por forma a garantir que os dinheiros públicos permitam de facto a criação líquida de postos de trabalho para jovens e desempregados de longa duração. Mas, acima de tudo, faz-se uma aposta ousada no apoio aos criadores de empresas e lançam-se as bases para o desenvolvimento do mercado social de emprego. Trata-se aqui de desbravar novas oportunidades de colocação para pessoas desempregadas em áreas como o apoio social às famílias e às escolas, a política ambiental, a prevenção dos incêndios e a recuperação do património.

O quarto eixo visa melhorar os dispositivos de apoio à inserção. Trata-se de fazer uma coisa que, até hoje, não foi feita em Portugal, que é a de lançar um grande programa de inserção de desempregados de longa duração, que está a exigir do Instituto de Emprego e Formação Profissional uma enorme mudança interna para pôr de pé um bom serviço público de emprego e formação que trate mais das pessoas e menos dos papéis e dos dinheiros.

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**A Oradora:** — Trata-se de transformar os centros de emprego em pólos de animação do tecido empresarial, da rede formativa e do mercado de trabalho ao nível local.

Uma última medida visa dar nova vida às Unidades de Inserção na Vida Activa (UNIVA), enquanto dispositivo de apoio à inserção profissional dos jovens. Uma vez credibilizadas, elas serão a base do desenvolvimento de um programa de emprego e formação específico para os jovens.

Estes quatro eixos exprimem, a meu ver, uma reorientação profunda da política de emprego. Mas a esta soma-se uma outra que gostaria de sublinhar e que se refere à forma de implementar políticas. É que, contrariamente à prática dos governos do PSD, a implementação de políticas não se faz apenas pela aprovação de diplomas. Estes podem não passar de letra morta ou ter pouca eficácia no terreno se não forem apoiados em todo um processo de mudança organizacional na Administração Pública para pô-la em condições de concretizar um novo plano de acção. Esta é, pois, outra diferença: trata-se de levar à prática, com âmbito alargado, um conjunto de medidas que, no passado, ou não existiam ou tinham expressão diminuta.

Sr. Presidente, Srs. Deputados: Resta ainda destacar que esta reorientação da política de emprego se articula também com uma reorientação de fundo do sistema de formação profissional. Esta reorientação está pautada pelo objectivo de dar a cada cidadão uma real oportunidade de formação ao longo da vida, o que, do mesmo passo, permitirá combater a exclusão social e construir novos factores de competitividade.

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**A Oradora:** — Três eixos de actuação, já em curso, merecem aqui ser destacados:

Primeiro, a racionalização da rede de educação e formação, definindo claramente qual a missão e os grupos-alvo que deverão estar a cargo de cada subsistema. É assim que o sistema de aprendizagem está a ser revisto, que os centros de formação de gestão directa estão a ser recentrados na formação de desempregados ou trabalhadores em risco e que os centros de gestão participada estão a ser recentrados na formação para PME;

Segundo, foi já desencadeada a preparação de uma paleta de instrumentos essenciais para colmatar a falta de qualidade na formação profissional. Falamos do levantamento de necessidades, do sistema de orientação profissional, do sistema de certificação e do sistema de avaliação. Mas falamos também de metodologias para grupos-alvo específicos, como os desempregados de longa duração, os trabalhadores em reconversão ou os criadores de empresas;

Terceiro e último, está a ser revista a política de financiamento público com base na identificação de prioridades claras e na exigência de critérios de qualidade por parte das entidades formadoras. Foram também tomadas medidas para aumentar o grau de transparéncia e de responsabilização na atribuição destes apoios financeiros.

**O Sr. Joel Hasse Ferreira (PS):** — Muito bem!

**A Oradora:** — Finalmente, foram tomadas medidas imediatas para desbloquear os pagamentos aos operadores nacionais, estando em preparação uma reforma mais vasta da gestão do Fundo Social Europeu, nas vertentes organizativa e financeira.

Sr. Presidente, Srs. Deputados: Com tudo o que fica dito, terá sido provado que o Governo está a assumir plenamente a parte de responsabilidade que lhe cabe na luta contra o desemprego.

Com a próxima abertura do processo de concertação estratégica, será organizada a partilha de responsabilidades com a sociedade civil em torno de um projecto para o País e de objectivos de promoção de emprego no curto e no médio prazos.

Pela natureza actual do problema do desemprego, o sucesso da política de emprego não pode hoje ser medido apenas pela taxa de desemprego, sob pena de sermos demasiado simplistas, não compreendendo o que está em curso. Este sucesso tem também de ser medido pela criação de empregos com maior futuro, pelos progressos conseguidos na qualificação das pessoas e pela capacidade em oferecer uma alternativa de emprego, formação ou ocupação aos trabalhadores desempregados.

A Assembleia da República tem também enormes responsabilidades na forma de equacionar e responder ao problema do desemprego, com a envergadura que ele hoje tem. Espero, muito sincera e respeitosamente, que esta interpelação ao Governo seja um importante contributo nesse sentido.

#### *Aplausos do PS.*

**O Sr. Presidente:** — Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo e Srs. Deputados, informo que temos entre nós a companhia de um grupo de 40 alunos da Escola Secundária de Cascais e de 100 alunos da Escola Secundária do Alto do Seixalinho, do Barreiro.

Peço para eles um gesto de simpatia.

#### *Aplausos gerais, de pé.*

Inscreveram-se, para pedir esclarecimentos ao Sr. Deputado Manuel Monteiro, os Srs. Deputados Odete Santos, Henrique Neto e Elisa Damião e, à Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego, os Srs. Deputados Lino de Carvalho, Carlos Encarnação, Osório Gomes, Manuela Ferreira Leite, Gonçalo Almeida Velho, Pedro Passos Coelho, Hermínio Loureiro, Nuno Correia da Silva e Nuno Abecasis.

Tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Deputada Odete Santos.

**A Sr.<sup>a</sup> Odete Santos (PCP):** — Sr. Presidente, Sr. Deputado Manuel Monteiro, depois de ouvir a sua intervenção, creio que ficou claro por que razão o CDS-PP marcou esta interpelação ao Governo: não foi por estar preocupado com os problemas dos trabalhadores, como mais adiante explicarei, mas apenas para justificar por que razão tinha votado como votou o Orçamento do Estado, para dizer que tinha sido enganado...

**O Sr. Lino de Carvalho (PCP):** — Exactamente!

**A Oradora:** — ... e para querer agora demarcar-se da política do Governo.

**Vozes do PCP:** — Exactamente!

**O Sr. Nuno Abecasis (CDS-PP):** — Olha que esperta!

**A Oradora:** — Ficou claro pelo teor da sua intervenção que, de facto, as preocupações de V. Ex.<sup>a</sup> e do seu partido com os problemas dos trabalhadores reduzem-se a zero ou, melhor, têm pontos negativos, portanto abaixo de zero. Isto porque, Sr. Deputado, depois de dizer o que qualquer pessoa diria — e é muito fácil dizer que os trabalhadores têm salários em atraso ou que o desemprego

aumenta — não esclareceu que políticas defendem para combater este flagelo.

#### *Protestos do CDS-PP.*

Aquilo que V. Ex.<sup>a</sup> veio aqui dizer foi que devia haver trabalho em *part-time*, a tempo parcial...

**O Sr. Gonçalo Ribeiro da Costa (CDS-PP):** — Ouviu mal!

**A Oradora:** — ..., ou seja, a degradação do salário dos trabalhadores e, por sua vez, a degradação das suas condições de vida.

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — Não diga nada disso!

**A Oradora:** — Quanto à legislação laboral, V. Ex.<sup>a</sup> entao afi foi um primor...

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — Muito obrigado!

**A Oradora:** — Foi um primor, Sr. Deputado, quando disse, da tribuna, «é preciso alterar a legislação laboral» — ponto final parágrafo!

Sr. Deputado, por que é que teve medo de falar da polivalência e da flexibilização? Diga-me lá!

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — Não tenho medo de nada!

**A Oradora:** — Toda a gente sabe que o seu partido está a favor da polivalência e da flexibilização...

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — Qual é o problema? É verdade!

**O Sr. Jorge Ferreira (CDS-PP):** — Nós queremos mais emprego!

**A Oradora:** — ..., toda a gente sabe que, da Comissão Directiva do seu partido, o Vice-Presidente da CIP veio dizer, numa entrevista, que este era um marco nas alterações da legislação laboral portuguesa, embora depois tenham querido compor isso e agora venham dizer que ainda é pouco, que afinal queriam mais. É isso que os senhores, efectivamente, pretendem.

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — Não é verdade!

**A Oradora:** — Mas, Sr. Deputado Manuel Monteiro, a flexibilização e a polivalência, de que V. Ex.<sup>a</sup> não falou por pudor...

**Vozes do PCP:** — Claro!

**A Oradora:** — ... porque não quer que saibam lá fora o que defende, porque quer que cheguem lá fora palavras como «e então o povo?», «o que é do povo?»...

**Vozes do CDS-PP:** — Pois é!

**A Oradora:** — ..., também nós sabemos há muito tempo o que querem dizer!

**O Sr. Presidente:** — Terminou o seu tempo, Sr.<sup>a</sup> Deputada.

**A Oradora:** — Vou terminar.

**O Sr. Presidente:** — Agradeço.

**A Oradora:** — Sr. Deputado Manuel Monteiro, a sua interpelação não deixa esquecer que são os senhores que prevêem que, na revisão da Constituição, haja restrições à lei da greve e que o *lock-out* vá para a Constituição. E a respeito do significado da vossa política sobre os direitos dos trabalhadores estamos conversados!

Já que falei em restrições à lei da greve, já que falei na previsão constitucional que os senhores querem fazer do *lock-out*, acrescentarei que isto lembra o passado. Repito: isto lembra o passado.

**O Sr. Presidente:** — Agradeço que termine, Sr.<sup>a</sup> Deputada.

**A Oradora:** — E como falou no passado noutro contexto, eu digo-lhe, Sr. Deputado Manuel Monteiro, que «o passado é já bastante...» — disse Ary dos Santos — «..., vamos passar ao futuro.». Mas não será com o seu partido!

*Aplausos do PCP.*

**O Sr. Jorge Ferreira (CDS-PP):** — Se calhar, é com o seu!...

**O Sr. Presidente:** — Sr. Deputado Manuel Monteiro, pretende responder já ou depois de todos os pedidos de esclarecimento?

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — Respondo depois, Sr. Presidente.

**O Sr. Presidente:** — Tem a palavra o Sr. Deputado Henrique Neto.

**O Sr. Henrique Neto (PS):** — Sr. Presidente, Sr. Deputado Manuel Monteiro, falou V. Ex.<sup>a</sup> da regionalização dando a ideia — pelo menos foi assim que entendi — de que o Governo não conseguiria fazer mais do que uma coisa ao mesmo tempo. Como sabe, ou calculo que sabe, o único caso conhecido, histórico e famoso, foi o de um presidente dos Estados Unidos, da sua área política, que, esse sim, não conseguia andar e mascar pastilha elástica ao mesmo tempo! Fique V. Ex.<sup>a</sup> descansado que o PS e o seu Governo sabem fazer várias coisas ao mesmo tempo, inclusive criar a regionalização no nosso país e, ao mesmo tempo, terem uma estratégia de desenvolvimento.

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**O Orador:** — Quanto ao caso invocado por V. Ex.<sup>a</sup> no dia 25 de Abril, nesta Câmara, gostaria de recordar que a única risada — e foi prolongada — não foi provocada pela minha bancada!

Mais a sério. V. Ex.<sup>a</sup> fez o discurso a que já nos habituou: muita contestação para muito pouca substância, porque, apesar das medidas já repetidas, nota-se pouca estratégia, nota-se ausência de uma estratégia de desenvolvimento para o País e para isso V. Ex.<sup>a</sup> não tem propostas. V. Ex.<sup>a</sup> não fala de qual a vocação do nosso País, de quais os sectores que devemos desenvolver, de

qual a estratégia para o sector produtivo. Sobre isso, V. Ex.<sup>a</sup> nada diz.

Quanto às vias para criar emprego, gostaria de recordar que existe um mercado global, uma concorrência internacional, que, com ou sem a Europa, como V. Ex.<sup>a</sup> sabe, está aí. É nesse mercado global que temos de concorrer, tendo em conta os seus constrangimentos e, recordo, com ou sem Europa.

Por outro lado, recordo ainda que esse mercado global é agravado pelas teses fundamentalistas dos sectores da família política de V. Ex.<sup>a</sup>, os quais nós, Partido Socialista, pretendemos e temos vindo a tentar contrariar através de várias intervenções, nomeadamente as do nosso Primeiro-Ministro.

De igual modo, não referiu V. Ex.<sup>a</sup> quais as soluções para o descalabro do sector produtivo que o Partido Socialista herdou do Governo anterior.

**Vozes do CDS-PP:** — E está a agravar!

**O Orador:** — Por isso, fique descansado, porque temos ideias e estratégias e estamos a implementá-las, como ainda recentemente se viu na viagem ao Brasil, que é uma das vertentes dessa estratégia, como foi bem compreendido pelo País.

Gostaria de colocar-lhe uma questão apenas: se o Partido Popular não defende a intervenção do Estado na economia, como acha V. Ex.<sup>a</sup> que se possa fazer crescer essa economia por decreto? Ou não será através de medidas de fundo e de desenvolvimento económico, através do desenvolvimento da educação e do sector produtivo que isso se conseguirá obter, não se fazendo apenas em dois ou três meses?

Finalmente, recordo apenas que este Governo está em funções há menos tempo do que aquele que foi gasto com o «tabú», há menos meses do que os «meses do tabú» e de imobilismo do Governo anterior.

*Aplausos do PS.*

**O Sr. Presidente:** — Tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Deputada Elisa Damião.

**A Sr.<sup>a</sup> Elisa Damião (PS):** — Sr. Presidente, Sr. Deputado Manuel Monteiro, já tive ocasião de constatar o seu admirável eclectismo. O senhor vem a esta Câmara invocar a situação social e o seu dramatismo, para, em seguida, abordar aspectos que só agravariam essa mesma situação social, que o senhor pretendeu analisar.

Curiosamente, tive ocasião de ouvir V. Ex.<sup>a</sup> a aplaudir, a sublinhar enfaticamente, num colóquio parlamentar que a Comissão de Trabalho, Solidariedade, Segurança Social e Família promoveu em Braga, o coordenador da CGTP-IN. Afinal, Sr. Deputado, em que ficamos? V. Ex.<sup>a</sup> quer rever a legislação laboral, no sentido de a flexibilizar? O senhor não quer mesmo qualquer legislação laboral? O senhor está preocupado com os problemas sociais? O senhor tem a postura da CGTP-IN? O senhor quer medidas sociais, quer um Estado que intervenha a esse nível, promova e requalifique as pessoas? Afinal, o que é que o senhor pretende?

Pela sua intervenção, não percebi. Não percebi, em primeiro lugar, o que é uma inflação à medida das nossas — vossas — preocupações. Não percebi em que assenta, para se lamentar sobre os baixos níveis de produtividade. Afinal, as empresas devem ser ilibadas de pagar quaisquer impostos e o Governo e a regionalização é que são responsáveis por esta situação e pelo aumento recen-

te do desemprego!? Francamente, Sr. Deputado, esperávamos outra postura, mesmo já estando habituados a alguma demagogia!

**O Sr. Jorge Ferreira (CDS-PP):** — E o PS não a faz?!

**A Oradora:** — O Sr. Deputado fala nos trabalhadores a meio tempo. Sabe qual é o salário médio nacional? São 105 000\$. Afinal, a reforma defendida por V. Ex.<sup>a</sup> é simples: não há necessidade de legislação laboral; não há necessidade de diálogo; não há necessidade de descentralização do desenvolvimento; não há necessidade de que os cidadãos participem nesse desenvolvimento, que é caro; a regionalização vai ser o caos. Não há necessidade de tudo isso, porque tudo se resolve passando todos os trabalhadores a ganhar o ordenado mínimo nacional!? Ficámos satisfeitos com o seu projecto...!

*Aplausos do PS.*

**O Sr. Presidente:** — Para responder, tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Monteiro, dispondo de 5 minutos.

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — Sr. Presidente, Srs. Deputados, em primeiro lugar, quero agradecer as questões e as considerações que entenderam por bem colocar depois da minha intervenção.

Não quero, todavia, deixar passar em claro um dado que, muitas das vezes, parecem alguns senhores do Partido Socialista esquecer: curiosamente, o maior partido no Parlamento Europeu não é o meu mas, sim, o Partido Socialista Europeu; curiosamente, quem dominou e chefiou a Comissão Europeia ao longo de muitos anos foi um socialista francês, chamado Jacques Delors; ...

*Aplausos do PS e do Deputado do PSD Francisco Torres.*

Os senhores aplaudem o desemprego!

**Vozes do PS:** — Não!

**O Orador:** — Os senhores aplaudem quem foi responsável pela maior crise económica da Europa!

*Aplausos do CDS-PP.*

Os senhores do PS aplaudem tudo e mais alguma coisa. Sabem porquê?

**Vozes do PS:** — E a si também!

**O Orador:** — Até me aplaudem a mim!

*Risos do CDS-PP e do PS.*

Sabem porquê? Há dias, o Sr. Deputado Manuel Alegre subiu à tribuna e disse...

*Protestos do Deputado do PS José Magalhães.*

Tenha calma, Sr. Deputado.

O Sr. Deputado Manuel Alegre, citando um homem que lidera o Grupo da Europa das Nações, disse que era contra a globalização da economia e contra o GATT, porque, sem mesmo falar do GATT, disse que era contra a mundialização da economia.

**Vozes do PS:** — Não foi isso!

**O Orador:** — Ao citar Goldsmith, ao citar um homem que se tem batido pela Europa, contra as políticas de globalização da economia, vê-se a contradição do Partido Socialista, que vem aqui dizer uma coisa...

*Protestos do Deputado do PS Osvaldo Castro.*

Tenha calma, Sr. Deputado, tenha calma! Não se enerve. Os senhores têm uma coisa muito próxima de algumas pessoas do PSD, não de todas, mas de algumas: quando me atacam, ficam todos felizes com isso.

**O Sr. Joel Hasse Ferreira (PS):** — Não!

**O Orador:** — Fique com a vossa taça, Sr. Deputado. Não se preocupe com isso! Mas já lá vamos!

Vamos discutir a sério! Os senhores criticam o PSD permanentemente. Eu não me interesso pelo PSD! Os senhores passam o tempo todo a dizer que a culpa é do anterior Governo, mas esse já acabou e não vai voltar para o governo do País nos próximos 15 anos!

*Aplausos do CDS-PP e do PS.*

O que me interessa hoje é saber por que razão o Partido Socialista não é capaz de passar um dia em que, cada vez que se lhe faz uma pergunta, não esteja permanentemente a dizer que não é culpado, que não tem culpa! A Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego, inclusive, numa em cada três frases falava do passado. Mas o País não votou na Sr.<sup>a</sup> Ministra, o País votou no Sr. Engenheiro António Guterres, em nome de promessas de mudança do passado! O País não votou na Sr.<sup>a</sup> Ministra! O País votou no Sr. Engenheiro António Guterres para que haja emprego no País! O País e os portugueses votaram...

**O Sr. Osvaldo Castro (PS):** — É contra o sistema representativo?

**O Orador:** — Nem votaram em si, Sr. Deputado. Nem sabem quem o Sr. Deputado é!

*Aplausos do CDS-PP.*

Votaram no Secretário-Geral do Partido Socialista. É verdade, Sr. Deputado, votaram no líder do Partido Socialista, e o resto é história! Deixe-se de filosofias. Votaram no líder do Partido Socialista, porque acreditaram que as promessas do líder do Partido Socialista eram para cumprir. Mas há algo que é preciso esclarecer: desde Outubro, há ou não mais 63 000 desempregados em Portugal?

**O Sr. Jorge Ferreira (CDS-PP):** — Há!

**O Orador:** — Desde Outubro, há ou não mais jovens à procura do primeiro emprego?

**O Sr. Jorge Ferreira (CDS-PP):** — Há!

**O Orador:** — Desde Outubro, há ou não mais pessoas a ir para o desemprego?

**O Sr. Jorge Ferreira (CDS-PP):** — Há!

**Vozes do PS:** — Porquê?!

**O Orador:** — Não é apenas por causa do PSD, é por vossa culpa, é da responsabilidade!

**Protestos do Deputado do PS Osvaldo Castro.**

Tenha calma. Sabe porquê? Porque os senhores persistem numa política de quererem à moeda única a qualquer custo...

**Vozes do PS:** — Oh!

**O Orador:** — ... e, como a querem, sabem o que os anima? É verem os relatórios e verificaram: a taxa de inflação baixou, estamos mais próximos da Alemanha; a taxa da inflação voltou a baixar, estamos mais próximos da França. Isso não é importante...

**O Sr. Osvaldo Castro (PS):** — E é bom ou mau?!

**O Orador:** — É mau, Sr. Deputado, se isso for feito à custa do desemprego! É mau, Sr. Deputado, se isso for feito à custa das falências das empresas!

*Aplausos do CDS-PP.*

**O Sr. Presidente:** — Sr. Deputado, terminou o tempo de que dispõe.

**O Orador:** — O Sr. Deputado é economista, mas eu não sou.

**O Sr. Osvaldo Castro (PS):** — Não sou economista!

**O Orador:** — Então, se não é, tem vários economistas na sua bancada a quem vai fazer uma pergunta: como é que o Sr. Deputado quer aumentar o emprego em Portugal, como é que quer aumentar a produtividade e a riqueza das empresas no País, sem o aumento do consumo e do poder de compra das famílias?

*Protestos do PS.*

Desculpem, mas essa é a realidade!

**O Sr. Presidente:** — Tem de terminar, Sr. Deputado.

*Protestos do PS.*

**O Orador:** — Já lá vamos!

**O Sr. Presidente:** — Mas não por muito tempo mais, Sr. Deputado. Tenha paciência.

**O Orador:** — Só mais 1 minuto, Sr. Presidente.  
Sr. Deputada Odete Santos...

**O Sr. Presidente:** — É que não tem 1 minuto, Sr. Deputado. Já excedeu o seu tempo.

**A Sr.ª Odete Santos (PCP):** — Então, e a resposta à minha pergunta?

**O Orador:** — Fica para a próxima.

**O Sr. José Magalhães (PS):** — Deixe-o terminar, Sr. Presidente.

**O Sr. Presidente:** — Não queria que terminasse tão abruptamente, mas agradeço-lhe que o tenha feito.

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — Sr. Presidente, peço a palavra para interpelar a Mesa.

**O Sr. Presidente:** — Tem a palavra.

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — Sr. Presidente, quero agradecer a sua simpatia para comigo. Tenho muita admiração e muito respeito por V. Ex.º, mas verifico, não sei porquê, que me corta sempre a palavra a meio do discurso. Estarei atento...

*Protestos do PS.*

Não se enervem. Lá está o Partido Socialista enervado. O Partido Socialista não andava tão enervado...

**O Sr. Presidente:** — Sr. Deputado não retome...

**O Orador:** — Sr. Presidente, vou dizer-lhe uma coisa, se me dá licença.

O Partido Socialista não andava tão enervado quando algumas pessoas daquela bancada andavam a telefonar para esta bancada, a pedir que chumbássemos o projecto de lei do PCP sobre a baixa da idade de reforma para as mulheres dos 65 para os 62 anos. Então o Partido Socialista não estava preocupado!

*Aplausos do PSD.*

*Protestos do PS.*

*Risos do PCP.*

**O Sr. Presidente:** — Srs. Deputados, peço silêncio. Peço-vos que respeitem a necessidade de silêncio e, sobretudo, o Presidente da Mesa.

Srs. Deputados, solicito que desculpem o facto de, numa interpelação deste tipo, ter de ser muito estrito no controle dos tempos, caso contrário não saírfamos daqui hoje. Portanto, vou ser rigoroso em relação a todos e não apenas em relação a alguns.

**O Sr. Jorge Lacão (PS):** — Sr. Presidente, peço a palavra para defesa da consideração da bancada.

**O Sr. Presidente:** — Tem a palavra.

**O Sr. Jorge Lacão (PS):** — Sr. Presidente, Sr. Deputado Manuel Monteiro, teve ocasião de verificar como estávamos perplexos com o seu discurso. O problema do desemprego em Portugal era, do seu ponto de vista, uma consequência da baixa da taxa de inflação — e ficávamos admirados com tanta sabedoria económica da sua parte. O problema do desemprego em Portugal era uma consequência do objectivo da moeda única, que ainda não foi concretizado — e ficávamos impressionados com o conhecimento económico do Sr. Deputado. E interrogávamo-nos mesmo se o Sr. Deputado seria o líder daquele partido que propôs um projecto de revisão constitucional para fixar de forma rígida o défice público abaixo dos limites previstos no próprio Tratado de Maastricht.

*Vozes do PS:* — Muito bem lembrado!

**O Orador:** — E questionávamo-nos sobre a incongruência do discurso económico do Sr. Deputado Manuel Monteiro. Mas quando o Sr. Deputado Manuel Monteiro, para além da incongruência intelectual dos seus argumentos, vem aqui, numa muito duvidosa ética de prática parlamentar...

*Vozes do PS:* — Muito bem!

*Protestos do CDS-PP.*

**O Orador:** — ..., procurar revelar ao Plenário supostas conversas entre a minha bancada e a sua, vai ter agora, Sr. Deputado Manuel Monteiro, de nos clarificar inteiramente no seguinte sentido: quem assumiu a posição de voto, interpretando a posição de voto do Grupo Parlamentar do PS, relativamente ao diploma que referiu, como sabe, fui eu próprio. Ora, o Sr. Deputado Manuel Monteiro vai dizer se eu, ou alguém em nome da direcção do grupo parlamentar — e dirá quem —, assumiu tal pedido, em relação às posições de voto do Partido Popular.

Não faça insinuações! Faça a demonstração cabal da afirmação que aqui fez!

*Aplausos do PS.***Vozes do PS:** — Prove!

**O Sr. Presidente:** — Srs. Deputados, peço silêncio. Estão todos muito nervosos.

Para dar explicações, querendo, tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Monteiro.

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — Sobre o quê, Sr. Presidente?

**O Sr. Presidente:** — Sobre a defesa da consideração da bancada do PS, na sequência da sua intervenção.

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — Mas isso significa, Sr. Presidente, que posso referir-me também à primeira parte ou só à última?

**O Sr. Presidente:** — O Sr. Deputado é senhor do seu discurso. Longe de mim querer controlá-lo.

Faça favor.

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — Sr. Presidente, Sr. Deputado Jorge Lacão, estava convencido de que V. Ex.<sup>a</sup>, hoje, não falava. Fiquei contente por vê-lo a falar. Pensava que ainda andava preocupado com a regionalização, mas esse é um assunto para depois de amanhã...

**O Sr. José Magalhães (PS):** — Não fuja! Esclareça!

**O Orador:** — Não fujo! Estou aqui! Sempre estive!

**O Sr. Osvaldo Castro (PS):** — De vez em quando!

**O Orador:** — Não é de vez em quando, Sr. Deputado. Estou sempre cá! Nunca fui! Mas agora deixe-me concluir, se não o Sr. Presidente tira-me a palavra.

Quero dizer-lhe, Sr. Deputado Jorge Lacão, que a congruência ou a incongruência dos argumentos da minha bancada e de mim próprio, infeliz ou felizmente, prová-la-emos no futuro.

Queira Deus que essa congruência ou incongruência não seja feita à custa do desespero e do desemprego de mais portugueses e de mais jovens portugueses.

**Vozes do CDS-PP:** — Muito bem!

**O Sr. Jorge Lacão (PS):** — Não faça demagogia fácil!

**O Orador:** — Essa é uma questão fundamental para o Partido Popular. Portanto, V. Ex.<sup>a</sup> tem as suas opiniões e

convicções, que estão testadas, ao fim de seis meses de Governo, assim como ao longo de 10 anos de Governo do PSD, porque, nessa matéria, os senhores são exactamente iguais.

*Aplausos do CDS-PP.**Protestos do PS.*

Quanto a isso, Sr. Deputado, veremos, num futuro próximo, aquilo que acontece.

Quanto à segunda parte da questão que colocou, por uma questão de ética, vou dizer-lhe que não foi ninguém da direcção da sua bancada parlamentar. Mas assumi um compromisso com um seu colega de bancada no sentido de que poderia dizer publicamente que me tinha solicitado, mas que não poderia publicamente afirmar qual a pessoa que me tinha feito.

*Protestos do PS.*

**O Sr. José Magalhães (PS):** — Que ética!

**O Orador:** — Esta é a realidade, Sr. Deputado. E essa ética... É que há algo que não entendo...

*Protestos do PS.*

**O Sr. Presidente:** — Peço aos Srs. Deputados que façam silêncio. Gostaria de não ter de estar aqui a repetir isto *n* vezes.

Faça o favor de continuar, Sr. Deputado.

**O Orador:** — Veja lá, Sr. Presidente, como são estas coisas da política: ...

**O Sr. Presidente:** — Já vou sabendo, Sr. Deputado.

**O Orador:** — ...em vez de estarmos aqui a discutir, igualmente, quais as causas do desemprego e como é que realmente as havemos de debater, já gastámos mais de 40 minutos a discutir o «sexo dos anjos»!

**O Sr. José Magalhães (PS):** — Por sua culpa!

**O Orador:** — Não é o meu tempo, é o tempo do País!

**O Sr. José Magalhães (PS):** — Por sua culpa!

**O Orador:** — É o tempo do País! E não é apenas por minha culpa! O Sr. Deputado está habituado a esgrimir em *Flashback* ou não *Flashback*! A mim, o que me interessa saber é se o senhor quer ou não quer — e vamos fazer um convite àqueles senhores, aos senhores do PSD, e o Partido Popular lá estará —, em nome do seu partido, que todos nos juntemos e contribuamos para que a economia do País avance.

**O Sr. José Magalhães (PS):** — Claro!

**O Orador:** — Mas vamos a isso, verdadeiramente, em nome dos trabalhadores, independentemente do partido a que pertencem.

No fim do debate, estarei à sua disposição.

**O Sr. Presidente:** — Srs. Deputados, seguem-se os pedidos de esclarecimento à Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego.

Tem a palavra o Sr. Deputado Lino de Carvalho.

**O Sr. Lino de Carvalho (PCP):** — Sr. Presidente, alguém dirá, amanhã, que este debate «aqueceu». E «aqueceu» não em torno dos problemas que era suposto «aquecer», que era o debate sobre o emprego, mas a partir de uma grave revelação aqui trazida pelo Sr. Deputado Manuel Monteiro, que registamos e que obteve da parte do Sr. Deputado Jorge Lacão, não um desmentido, de que seria falso, mas um lamento, de que não seria ético o Sr. Deputado Manuel Monteiro desmentir aquilo que teria eventualmente sido combinado.

**Vozes do PS:** — Não senhor! Desmentiu!

**O Orador:** — Não quero usar — e sublinho-o — aquela velha expressão popular de «quando se zangam as co-madres, descobrem-se as verdades». Não quero usar essa expressão, que não seria adequada nem justa, mas quero sublinhar a gravidade da informação, aqui trazida pelo Sr. Deputado Manuel Monteiro, e o não menos grave tipo de resposta dada pelo Sr. Deputado Jorge Lacão.

*Aplausos do PCP.*

**A Sr.<sup>a</sup> Odete Santos (PCP):** — E, no fim, quem sofre são as mulheres!

**O Orador:** — Sr.<sup>a</sup> Ministra, vamos então ao debate sobre o emprego, para o qual a Sr.<sup>a</sup> Ministra, no final da sua intervenção, apelou, mas, pelos vistos, não lhe deram ouvidos.

A Sr.<sup>a</sup> Ministra avançou, na sua intervenção, um conjunto de propostas e de sugestões, de algumas das quais ninguém de bom senso poderá discordar.

**O Sr. José Magalhães (PS):** — Ah!

**O Orador:** — Só que a Sr.<sup>a</sup> Ministra não nos conseguiu aqui apresentar propostas que dessem a volta àquilo que considero a quadratura do círculo. Quadratura do círculo essa que a própria Sr.<sup>a</sup> Ministra, numa entrevista recente, tinha realçado. Recordo que a Sr.<sup>a</sup> Ministra disse, aqui há tempos, que com esta política anti-inflacionista, que, como sabe, decorre das políticas de Maastricht, seria muito difícil criar emprego. Talvez não tenham sido estas as suas palavras exactas, mas foi esse o seu sentido. Portanto, a questão central que se coloca na sua intervenção, a tal quadratura do círculo, para a qual não ouvi resposta, é como é que a Sr.<sup>a</sup> Ministra perspectiva a criação de emprego estável e com direitos, no quadro de políticas de combate anti-inflacionista, de contornos fundamentalistas, no sentido de que se apontam metas e taxas, que não têm qualquer base técnica ou científica e que são, como a própria Sr.<sup>a</sup> Ministra reconhece, um constrangimento e um elemento bloqueador da criação de emprego.

Esta é que é a questão de fundo, que a Sr.<sup>a</sup> Ministra rodeou, limitando-se, em grande parte da sua intervenção, a trazer-nos aqui políticas de gestão do desemprego, mas não políticas sérias de combate ao desemprego, no quadro do crescimento de uma economia, que não pode crescer quando ela está constrangida, como está, pelas políticas de inflação, que a Sr.<sup>a</sup> Ministra, muito bem, numa entrevista recente, tinha criticado.

**O Sr. Presidente:** — Sr. Deputado, terminou o seu tempo. Faça o favor de concluir.

**O Orador:** — Concluo já, Sr. Presidente.

**O Sr. Presidente:** — Tem de terminar mesmo. Hoje, não há privilégios.

**O Orador:** — Aliás, a Sr.<sup>a</sup> Ministra sabe que o Sr. Primeiro-Ministro, ainda recentemente, referiu a necessidade de, na União Europeia, se fazer uma reflexão sobre isto. Mas é preciso recordar que a maioria dos governos da União Europeia são de matriz socialista...

**O Sr. Presidente:** — Peço-lhe que termine.

**O Orador:** — Tinha outras questões para colocar, mas, como estamos com falta de tempo, vou terminar com a seguinte: estranhei, e de algum modo até me chocou, que a Sr.<sup>a</sup> Ministra, ao longo de toda a sua intervenção, nunca tivesse usado a expressão «precariedade» e a necessidade de combater a precariedade do trabalho. A Sr.<sup>a</sup> Ministra não refere esse aspecto e, pelo contrário, fala num reforço dos apoios à competitividade das empresas no plano internacional. Ora, olho para aquilo que foi a intervenção do Governo no debate...

**O Sr. Presidente:** — Peço-lhe desculpa, mas tem de terminar.

**O Orador:** — O Sr. Presidente...

**O Sr. Presidente:** — Sr. Deputado, hoje vou ser rigoroso e igual para todos. Não há privilégios! Peço-lhe desculpa, mas tem de terminar. Já ultrapassou o seu tempo em 1 minuto.

**O Orador:** — Então, chamo a atenção da Sr.<sup>a</sup> Ministra para a intervenção que fez na União Europeia sobre as directivas do destacamento aos trabalhadores, em que aceita, com o Reino Unido, políticas que apontam para o reforço da competitividade internacional das empresas, com base numa política de baixos salários...

**O Sr. Presidente:** — Ó Sr. Deputado, já gastou 4,5 minutos. Não há mais tolerância! Muito obrigado.

Informado de que a Sr.<sup>a</sup> Ministra quer responder pedido a pedido de esclarecimento, tem a palavra por 3 minutos.

**A Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego:** — Sr. Presidente, Sr. Deputado Lino de Carvalho, vou responder-lhe, em 3 minutos, a três questões que colocou.

Em primeiro lugar, relativamente ao conflito entre inflação e promoção do emprego, quero aqui dizer que, em entrevista dada à imprensa, fiz uma referência a esse respeito, mas estava a fazer uma apreciação sobre a política macroeconómica europeia. Ora, nesse campo, é sabido que a Alemanha, pela necessidade de responder à unificação, tem feito uma aposta forte no controle da inflação, exactamente como forma de dar resposta a essa questão. E, por via disso, tem, de algum modo, induzido na construção europeia um controle inflacionista muito forte. Portanto, a minha crítica foi feita nesse contexto.

Agora, quero deixar aqui muito claro que, relativamente à política macroeconómica portuguesa, me parece fundamental haver controle da inflação e essa é a aposta contida no Orçamento. E porquê? Porque, sem isso, não podemos estabilizar um quadro que estimule o investimento privado e o investimento público e, por essa via, a

criação de emprego. Essa é uma aposta forte consagrada no Orçamento, que me parece absolutamente fundamental. Não há que ter ilusões nessa matéria: ou estabilizamos a inflação, ou não haverá condições suficientemente estimulantes para o investimento e criação de emprego.

Em segundo lugar, quanto ao problema do controle do trabalho precário, o Sr. Deputado talvez não estivesse com atenção mas fiz uma referência expressa a isso. Ou seja, disse que foi já iniciativa deste Governo um diploma relativo ao controle de uma forma precária de emprego, que é a utilização abusiva de «recibos verdes», e outras se seguirão. E que essa é, de facto, uma preocupação do nosso Governo, a de controlar a utilização abusiva do trabalho precário — isso reafirmo-o.

Em relação à última questão, a do destacamento, tive ocasião de me pronunciar, em nome do Governo português, nessa matéria, há muito pouco tempo, em Conselho de Ministros do Trabalho, e a posição portuguesa está nos antípodas da do Reino Unido, porque é contra o *dumping social* na Europa e a favor da igualdade de condições de trabalho para todos os trabalhadores na Europa.

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**A Oradora:** — O problema é que esta directiva de destacamento não é coerente com esse princípio e prejudica, em particular, os interesses portugueses, porque discrimina um sector por razões de uma certa hipocrisia, e nós não podemos admitir isso. Nós temos de defender os interesses nacionais e dizer claramente que uma política comunitária, para ser legítima, tem de ser coerente. Ora, esta directiva não é coerente e deve ser contestada. Essa foi a posição que tomámos na matéria.

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**O Sr. Presidente:** — Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Encarnação.

**O Sr. Carlos Encarnação (PSD):** — Sr. Presidente, Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego, às vezes assistimos a coisas na Assembleia que nos parecem mentira. Este episódio, surgido entre o Partido Popular e o PS, foi, a todos os títulos, exemplar, e principalmente para quem não gosta de se meter em politiquices, como muitas vezes dizem.

**Vozes do PSD:** — Muito bem!

**O Orador:** — Sr.<sup>a</sup> Ministra, acabámos de ouvir os seus «amigos». E o que é que os seus «amigos» dizem do seu Governo? Dizem que este Governo é despreocupado e distraído, que a crise avança e que o PS e o Governo passaram a regionalização, que o Governo vê as coisas a correr mal e só se desculpa com o passado. Como algumas consciências dos seus amigos, Sr.<sup>a</sup> Ministra, andam intranquilas! Com quem VV. Ex.<sup>as</sup> andam metidos!

*Risos do PSD.*

Com amigos destes, VV. Ex.<sup>as</sup>, certamente, não precisam de inimigos!

**Vozes do PSD:** — Muito bem!

**O Orador:** — E mais valia que não tivessem votado o Orçamento do que terem agora feito este novo *remake* do

«*Perdoa-me*» e ameaçado fazer cair imediatamente o Governo!

**Vozes do PSD:** — Muito bem!

**O Orador:** — De alguma maneira, poupava-se o engano em que têm andado as pessoas: o PS, o Governo e o partido interpelante.

Mas se com os seus parceiros não se entendem, entendam-se, ao menos, no Governo, entre vós.

O discurso da Sr.<sup>a</sup> Ministra foi grave e dramático, soluçante e entrecortado, mais parecendo um discurso de demissão e de despedida.

Afinal, o objectivo, Sr.<sup>a</sup> Ministra, é, como se dizia no Acordo de Concertação Social de Curto Prazo, o aumento de 1% no emprego ou é, como dizia a Sr.<sup>a</sup> Ministra há algum tempo atrás, a manutenção da taxa de desemprego nos valores actuais? Ou é aumentar a taxa de desemprego de 6,9% para 7,7%, como de Outubro para cá aconteceu?

E o que é que acontece ao combate ao desemprego, Sr.<sup>a</sup> Ministra? O combate ao desemprego é a prioridade das prioridades, como dizia o Sr. Primeiro-Ministro, ou é apenas uma forma de criar 11 000 novos desempregados por mês?

Afinal, quem tem razão, Sr.<sup>a</sup> Ministra? É o Sr. Primeiro-Ministro, que defende a baixa da taxa da inflação e a sua justeza, ou é a Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego — e tenho aqui a sua entrevista —, que diz que a baixa da taxa de inflação prejudica o emprego? Decidam-se VV. Ex.<sup>as</sup> de uma vez por todas!

E não nos venham com outro golpe de mágica para entreter os portugueses! No dia em que os combustíveis aumentam, VV. Ex.<sup>as</sup> anunciam a descida dos combustíveis no Verão! Nos dias em que o desemprego aumenta, não nos venham dizer que este desemprego acabará daqui a três anos!

*Aplausos do PSD.*

**O Sr. Presidente:** — Para responder, tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego.

**A Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego:** — Sr. Presidente, Sr. Deputado Carlos Encarnação, V. Ex.<sup>a</sup> ostentou um artigo que dá conta de uma entrevista minha, mas eu gostava aqui de sublinhar que a posição que tomei nessa entrevista em matéria de inflação/desemprego tinha a ver com a política macroeconómica comunitária. Não vou dar novamente a justificação que já dei aqui...

**O Sr. Paulo Portas (CDS-PP):** — Que é a nossa, Sr.<sup>a</sup> Ministra!

**A Oradora:** — Não! É muito diferente! Aqui trata-se de perceber que a própria construção europeia é objecto de um debate e o Governo português tem uma posição nessa matéria.

Mas também para nós é muito claro que o controle da inflação é benéfico como estabilização de um quadro económico que estimule o investimento e a criação do emprego.

**O Sr. Paulo Portas (CDS-PP):** — Como se vê! E o PSD está de acordo com isso!

**A Oradora:** — Mas quero dizer ao Sr. Deputado Carlos Encarnação o seguinte: na minha intervenção, o meu ponto de partida foi chamar a atenção para a verdadeira

natureza do problema do emprego em Portugal e sublinhei bem que estamos perante um desemprego que não é meramente conjuntural é um fenómeno mais profundo, que radica no estado do nosso tecido empresarial e no estado da qualificação da nossa população.

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**A Oradora:** — E isto quer dizer que, para irmos à raiz do problema, o que está em questão não é apenas controlar a taxa de inflação mas, sim, construir bases mais sólidas para o emprego em Portugal. E bases mais sólidas para o emprego em Portugal é um quadro macroeconómico estável, é a construção de novos factores de competitividade, é o desenvolvimento regional e é uma aposta forte na qualificação das pessoas. É isto que está em jogo!

*Aplausos do PS.*

Ora, isto quer dizer que o sucesso da política do Governo nesta matéria não se vai medir apenas pela taxa do desemprego, vai medir-se pela capacidade em criar empregos com mais futuro, pela capacidade em qualificar pessoas e pela capacidade em oferecer à população desempregada uma real alternativa ou de emprego ou de formação de ocupação. E estes são indicadores-chave se quisermos afrontar a questão do emprego na verdadeira dimensão que ela tem. Ver hoje as coisas pela taxa do desemprego é, a meu ver, extremamente simplista.

*Aplausos do PS.*

**O Sr. Presidente:** — Tem a palavra o Sr. Deputado Osório Gomes.

**O Sr. Osório Gomes (PS):** — Sr. Presidente, Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego, diversas vezes e em várias circunstâncias o Partido Socialista foi chamando a atenção do anterior governo ou dos anteriores governos para a política económica que foram desenvolvendo nos últimos 10 anos, dado que o Partido Socialista entendia que essa política económica ia conduzir, inevitavelmente, a situações perfeitamente nefastas quer ao nível das empresas quer ao nível do emprego.

Todos nós sabemos que há mais de 2000 empresas em situação económica e financeira difícil, e estas coisas não acontecem de um mês para o outro nem em meia dúzia de meses, pois são situações que, efectivamente, levam o seu tempo. As consequências dessa política são hoje mais do que visíveis.

Há dias, foi assinado o Acordo de Concertação Social — acordo que considero altamente importante e um passo significativo na resolução de alguns destes problemas — em que não só as problemáticas da flexibilidade e da polivalência mas sobretudo a redução da duração do trabalho para as 40 horas semanais, são, no seu conteúdo, um ponto de partida fundamental para a concertação estratégica, que é uma das promessas eleitorais do Partido Socialista, que também consta do Programa do Governo. Portanto, é mais uma promessa cumprida por nós.

Mas a pergunta que lhe quero colocar é a seguinte: considerando de grande relevância para o desenvolvimento do País esta concertação estratégica, que, penso saber, vai ter o seu início no próximo dia 6, desejava saber quais os seus comentários sobre a importância desta concertação mas também os contornos em que ela se vai desenvolver.

**O Sr. Presidente:** — Para responder, tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego.

**A Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego:** — Sr. Presidente, Sr. Deputado Osório Gomes, esta questão permite-me dar sequência àquilo que disse na minha primeira intervenção. Porquê a importância da concertação estratégica, que é uma aposta forte do nosso Governo? Exactamente pela natureza do problema de emprego que temos pela frente. É que se o problema de emprego fosse meramente uma questão conjuntural de necessidade de retoma económica, iríamos para as soluções tradicionais, mas, de facto, não é assim. O problema do emprego radica no estado do nosso tecido empresarial e da qualificação da nossa população, o que quer dizer que temos de pôr de pé políticas de longo prazo ao nível de cada sector, ao nível do desenvolvimento regional e, nomeadamente, ao nível do nosso sistema de formação e educação, para conseguirmos ir à raiz do problema.

Concertação estratégica, do ponto de vista do Governo, é uma nova forma de fazer política, é uma maneira de co-responsabilizar os diferentes protagonistas no encontrar de soluções de fundo para esse problema, concertação estratégica que vai ser organizada em torno do eixo competitividade, emprego e desenvolvimento, exactamente porque queremos ir à raiz do problema.

Gostava de sublinhar aqui que o Governo, nesta matéria, tem uma política integrada, que vai desde a política externa à política macroeconómica e às políticas estruturais.

O facto de partilharmos responsabilidades com os protagonistas no terreno vai, de certa maneira, permitir ao Governo uma actuação mais coordenada e mais eficaz, porque está aqui a solução de fundo para o problema de emprego.

**O Sr. Presidente:** — Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Passos Coelho.

**O Sr. Pedro Passos Coelho (PSD):** — Sr. Presidente, Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego, ouvimos aqui hoje, nesta continuação do debate da semana passada, o líder do Partido Popular vir fazer uma exigência ao Governo: ou o Governo abandona a meta da moeda única ou o Partido Popular não poderá continuar a apoiar politicamente este Governo.

Antes de fazer qualquer comentário a este «arrufo de namorados», a primeira pergunta que gostaria de colocar a V. Ex.<sup>a</sup> é esta: dado que o Sr. Ministro das Finanças tem vindo, nas últimas semanas, a dar algum alento a esta questão, nomeadamente em conferências de imprensa que proferiu, onde admite de facto que não seria tragédia para Portugal atrasar-se em relação a uma matéria onde não há atrasos, isto é, onde Portugal está na moeda única ou não está, gostaria que V. Ex.<sup>a</sup>, em nome do Governo, esclarecesse se o Governo mantém ou não a meta da moeda única para Portugal.

**Vozes do PSD:** — Muito bem!

**O Orador:** — A menos que o Governo se coloque agora na perspectiva do Partido Popular, que é a de aceitar que a integração cada vez maior da economia internacional não obriga a economia europeia a factores de competitividade, que só a moeda única pode proporcionar; a menos que o Governo, portanto, se coloque ao lado do protecçãoismo da economia nacional, mesmo da má

economia nacional; e a menos que o Governo se coloque na defesa do trabalho infantil e do *dumping* social, como, provavelmente, o Partido Popular preferiria.

**Vozes do PSD:** — Muito bem!

*Protestos do CDS-PP.*

**O Orador:** — Em segundo lugar, Sr.<sup>a</sup> Ministra, gostaria que V. Ex.<sup>a</sup> pudesse trazer-nos alguns esclarecimentos sobre esta pretensão do Partido Popular.

Acha V. Ex.<sup>a</sup> ou não que o País pode ganhar, agora que as coisas estão mais esclarecidas, com um debate a dois entre o Sr. Primeiro-Ministro e o Professor Marcelo Rebelo de Sousa, que é o líder do PSD, num momento em que, provavelmente, o Engenheiro António Guterres já não terá problemas de consciência em atraíçoar pelas costas o Dr. Manuel Monteiro, que já lhe prometeu que não contará com o apoio político do seu partido daqui em diante?

*Aplausos do PSD.*

Ainda vamos esperar pelo «arrufo de namorados» com o Partido Comunista, com certeza, quando se tratar da questão da regionalização! Veremos também qual é a clareza e a ética que aqui será chamada ao Plenário!

**O Sr. Joel Hasse Ferreira (PS)** Está muito namoradeiro!

**O Orador:** — Espero que não seja pretendente!

Finalmente, gostaria de colocar uma última questão. Sr.<sup>a</sup> Ministra, o Partido Socialista andou 10 anos a preparar-se para ser Governo em Portugal, no último ano e meio realizou Estados Gerais, na campanha eleitoral o próprio candidato a Primeiro-Ministro anunciou um programa especial de combate ao emprego, mas a situação em termos de desemprego agravou-se enormemente. E VV. Ex.<sup>as</sup> ainda estão a estudar e estudarão! Preparar-se-ão até quando?

*Aplausos do PSD.*

**O Sr. Presidente:** — Para responder, tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego.

**A Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego:** — Sr. Presidente, Sr. Deputado Pedro Passos Coelho, sejamos claros: em matéria de moeda única a opção do Governo está claramente delineada e está consagrada no Orçamento do Estado aprovado este ano. É nosso objectivo integrarmos o primeiro pelotão que vai concretizar a moeda única.

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**O Sr. Pedro Passos Coelho (PSD):** — Não foi isso que disse o Sr. Ministro das Finanças!

**A Oradora:** — O Sr. Ministro das Finanças teve ocasião de desmentir essa notícia que o Sr. Deputado acaba de referir.

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**A Oradora:** — Portanto, essa opção é clara no Governo. E também é claro para nós que a moeda única, exactamente porque estabiliza um quadro económico e cria um referencial atraente para o investimento e criação de em-

prego, é uma referência que vamos prosseguir e ter como central na condução da nossa política macroeconómica.

O Sr. Deputado referiu também a promessa eleitoral do Partido Socialista relativamente a um programa de combate ao desemprego. Quero dizer-lhe que esse programa já está em curso, exactamente como acabei de expor na minha intervenção inicial. Ele exprime-se nas várias vertentes que vão desde a política externa à política macroeconómica, às políticas sectoriais e à política de educação e formação. E já há resultados em vista.

**O Sr. Pedro Passos Coelho (PSD):** — Então, porque é que o desemprego aumenta?!

**A Oradora:** — Por outro lado, o programa de acção imediata para o emprego, que integra medidas de carácter mais operacional, não está meramente em estudo, já está em acção no terreno, porque o nosso objectivo é o de que ele obtenha resultados no terreno. E, Sr. Deputado, isso consegue-se não assinando meramente diplomas, como era a prática tradicional dos governos do seu partido, mas alterando a máquina da Administração Pública, formando os funcionários, para que essa política chegue, de facto, ao terreno e se traduza numa real capacidade de lidar com a população desempregada.

Sr. Deputado, o programa que temos pela frente é ambicioso, requer uma transformação em profundidade dos centros de emprego e dos centros de formação, e isso está em curso. Vamos ver os resultados muito em breve.

**O Sr. Presidente:** — Tem a palavra o Sr. Deputado Gonçalo Almeida Velho.

**O Sr. Gonçalo Almeida Velho (PS):** — Sr. Presidente, Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego, permita-me que constate, com alguma satisfação, o incremento dado por V. Ex.<sup>a</sup> a uma das cláusulas do Acordo de Concessão Social de Curto Prazo, assinado pelo Governo este ano. Refiro-me ao reforço das inspecções-gerais de trabalho junto do trabalho infantil.

Como sabe, neste campo existe ainda uma grande insuficiência com que se deparam os inspectores da Inspecção-Geral do Trabalho, porque cada vez mais imperam, infelizmente, de Norte a Sul do País, situações em que as crianças se vêem confrontadas com o facto de terem de fazer trabalhos à peça em casa.

Assim sendo, os inspectores da Inspecção-Geral do Trabalho não podem, porque não existe qualquer mecanismo legal, fazer um levantamento destes casos, por isso pergunto a V. Ex.<sup>a</sup> quais serão, em sua opinião, os mecanismos legais necessários para que estes casos sejam tra- zidos à luz do dia e à opinião pública.

**O Sr. Presidente:** — Para responder, tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego.

**A Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego:** — Sr. Presidente, Sr. Deputado Gonçalo Almeida Velho, o tema do trabalho infantil está a ser objecto de um programa de acção por parte do Governo, que pretende atacar o fenómeno nas suas diferentes vertentes. A raiz do problema começa por ser económica, porque tem a ver com a falta de rendimentos das famílias envolvidas, mas é também um problema profundo da relação com a escola, e requer ainda uma actuação junto das empresas que utilizam esta mão de

obra infantil. É nesse sentido que o Governo lança um programa integrado de combate ao fenómeno.

A parte mais perversa do trabalho infantil tem justamente a ver com o trabalho infantil no domicílio, como o Sr. Deputado referiu. E como é sabido, a Inspecção-Geral do Trabalho não pode entrar no *forum* doméstico. Nestas circunstâncias, a forma de lidar com essa parte do trabalho infantil consiste em abordar de perto estas famílias, no sentido de as levar a tratar os seus filhos de outra maneira. É essa alteração que está agora em curso e é a única forma de lidar com o problema. Nós não podemos transportar este problema para um *forum* meramente jurídico, porque estamos a esbarrar com limitações legais.

O que está delineado em termos de programa de intervenção é trabalhar junto com as famílias, oferecendo-lhes outras condições de vida e levando-as a compreender qual a real utilidade de os seus filhos prosseguirem os estudos até mais tarde.

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**O Sr. Presidente:** — Tem a palavra o Sr. Deputado Nuno Abecasis.

**O Sr. Nuno Abecasis (CDS-PP):** — Sr. Presidente, Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego, referiu que a gravíssima crise de desemprego que estamos a atravessar era uma crise estrutural, com o que estou plenamente de acordo, e que estávamos a ser vítimas de um fenómeno generalizado de deslocalização, com o que também estou de acordo. Mas, a propósito disto, gostaria de fazer-lhe uma pergunta.

A Sr.<sup>a</sup> Ministra pensa que estamos condenados a ser vítimas da deslocalização e impedidos de a utilizar? Ora, eu penso que não. Em meu entender, tarda em dar-se início a esse processo, o que já tem sido dito repetidas vezes. Assim, pergunto-lhe, Sr.<sup>a</sup> Ministra: já falou com o seu colega que neste momento está sentado ao seu lado, o Sr. Secretário de Estado da Indústria e Energia? Isto porque ainda há pouco tempo, num jantar, o Sr. Primeiro-Ministro da República Popular de Moçambique, quando levantei este problema, disse que Moçambique esperava ansiosamente o momento em que resolvêssemos fazê-lo. Recordo-lhe que isto é uma saída para o investimento, para o trabalho, para a mão-de-obra e um alívio que não é menosprezável na crise do desemprego.

Sr.<sup>a</sup> Ministra, há males que vêm por bem, e quando se analisa a composição do desemprego que hoje temos, verifica-se que não é um desemprego qualquer: é um desemprego recheado de licenciados, e não só, à procura do primeiro emprego, recheado de pessoas que caíram no desemprego aos 45, 50 anos com um valiosíssimo *curriculum* profissional, mas que não têm hipóteses, é um desemprego de especialistas mundiais, com é o caso dos operários da metalomecânica pesada, sector em que estávamos nas primeiras linhas do mundo e que hoje, infelizmente, não existe em Portugal.

Sr.<sup>a</sup> Ministra, já lhe ocorreu falar com o Sr. Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação para que este fantástico «exército para a cooperação» pudesse ser utilizado não só em nosso benefício mas também em benefício do desenvolvimento dos povos africanos que têm como língua oficial o português?

Sr.<sup>a</sup> Ministra, deixe-me dar-lhe um conselho: às vezes, nos momentos difíceis, é bom saber-se jude, porque jude é usar as dificuldades para reforçar a força dos nossos músculos.

**O Sr. Presidente:** — Para responder, tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego.

**A Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego:** — Sr. Presidente, o Sr. Deputado Nuno Abecasis abre um outro tema de discussão que, em meu entender, é importante para o nosso país, que passa pela identificação das novas áreas de criação de emprego e que podem de facto estar ligadas a um reforço da nossa política de cooperação e nisto estou de acordo consigo —, nomeadamente com os PALOP. Isso pode traduzir-se, sem dúvida alguma, numa política mais activa de deslocalização e também na organização de programas de cooperação com esses países que permitam criar oportunidades de ocupação e de emprego para jovens diplomados, que começam, de facto, a marcar o desemprego em Portugal.

Diria, portanto, que é uma pista que deve ser trabalhada e que, na realidade, já o está a ser, no âmbito do nosso Governo.

Gostava também de dizer-lhe, Sr. Deputado, que, em matéria de localização/deslocalização, é fundamental para um país como o nosso uma política activa de atracção de investimentos mais qualificados que permita, justamente, tirar partido dos movimentos de deslocalização que estão a operar ao nível mundial. E é exactamente por isso que o nosso Governo tem uma atitude activa de captação desse investimento mais qualificado porque pode estar aí um factor muito importante de crescimento do emprego em Portugal.

Outro aspecto que gostaria de sublinhar tem a ver com o recrutamento da população diplomada. Temos em Portugal um paradoxo, que é este: há falta de gente qualificada nas empresas, mas, ao mesmo tempo, começa a haver desemprego de diplomados. Aparentemente, isto é contraditório, mas significa que têm de ser reforçadas as políticas de recrutamento de jovens qualificados, que, por essa via, deixam de estar desempregados e vão reforçar a capacidade competitiva das empresas. É exactamente por isso que prevemos no Programa Específico para Jovens medidas focalizadas nos jovens mais diplomados, por forma a serem recrutados mais rapidamente pelas empresas.

**O Sr. Presidente:** — Tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Deputada Manuela Ferreira Leite.

**A Sr.<sup>a</sup> Manuela Ferreira Leite (PSD):** — Sr. Presidente, Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego, na sua intervenção, falou em dois aspectos que considero importantes: um, a ideia de que tem resposta para as empresas em situação económica difícil e, o outro, que as medidas relativamente ao emprego não passam por diplomas. É neste contexto que gostaria de colocar à Sr.<sup>a</sup> Ministra uma questão que muito me tem preocupado e que tem a ver com a Função Pública.

Sendo o patrão, neste caso, o Estado, não tendo este uma situação económica nem mais nem menos difícil do que qualquer outra empresa e não sendo este, como a Sr.<sup>a</sup> Ministra disse, um problema resolúvel por via de diplomas, pergunto: tendo em conta a autorização legislativa que foi introduzida, direi, de uma forma teimosa, pelo PS, aquando da aprovação do Orçamento do Estado, para legislar por forma a poder haver despedimentos na Função Pública — e eu considero isto tanto mais grave quanto é a primeira vez que, neste país, tal ideia pode ser introduzida nessa legislação —, Sr.<sup>a</sup> Ministra, como é que corresponde a um desafio desta natureza do seu Governo? Isto

é, como é que V. Ex.<sup>a</sup>, como Ministra, que defende o emprego e que, de acordo com o que disse, penso, não defende mais despedimentos em qualquer outro sector, aceita despedimentos na Função Pública?

Vou facilitar-lhe a resposta, Sr.<sup>a</sup> Ministra, pedindo-lhe que não me responda com grandes divagações — peço desculpa, mas não é necessário —, basta um «sim» ou «não». E explico-lhe o porquê deste pedido. Peço uma resposta muito simples, de «sim» ou «não», por ser, talvez, a terceira vez que questionamos o Governo sobre esta matéria e ainda não obtivemos resposta. Tenho alguma dificuldade em sair de um segundo debate de interpelação ao Governo sobre o problema do desemprego sem que se responda em que situação está a legislação sobre os despedimentos dos funcionários públicos.

*Aplausos do PSD.*

O Sr. Presidente: — Tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego para responder.

A Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego: — Sr. Presidente, Sr.<sup>a</sup> Deputada Manuela Ferreira Leite, limito-me a dizer-lhe que esta questão foi muito debatida por altura do debate do Orçamento do Estado e que a resposta já foi dada sucessivas vezes ...

Vozes do PSD: — Não foi, não!

Vozes do PS: — Foi, sim!

A Oradora: — ..., pelo que não se justifica, a meu ver, que seja aqui retomada.

No entanto, posso dizer que se trata apenas de dotar o Governo de instrumentos normais de gestão de recursos humanos da Função Pública, mas daí não se pode deduzir absolutamente mais nada, Sr.<sup>a</sup> Deputada.

Vozes do PS: — Muito bem!

A Sr.<sup>a</sup> Manuela Ferreira Leite (PSD): — Peço a palavra, Sr. Presidente.

O Sr. Presidente: — Para que efeito?

A Sr.<sup>a</sup> Manuela Ferreira Leite (PSD): — Para exercer o direito regimental da defesa da honra da minha bancada, Sr. Presidente.

O Sr. Presidente: — Tem a palavra, Sr.<sup>a</sup> Deputada.

A Sr.<sup>a</sup> Manuela Ferreira Leite (PSD): — Sr. Presidente, Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego, a bancada do PSD representa 34% dos portugueses, o que significa que uma grande maioria de pessoas está preocupada com este problema.

O Sr. Joel Hasse Ferreira (PS): — São menos!

A Oradora: — Basta que haja um, Sr. Deputado.

E aquilo que a Sr.<sup>a</sup> Ministra acabou de dizer é realmente bastante grave. A Sr.<sup>a</sup> Ministra acabou de dizer que o que o Governo precisa é de dispor de um instrumento. Ora, é exactamente esse o problema porque entendemos que no dia em dispuser desse instrumento não é para o colecionar nem para fazer dele um stock de diplomas mas, sim,

para o executar, porque, se não, se não for para o aplicar, o Governo deixa de legislar.

Logo, foi muito grave a resposta dada pela Sr.<sup>a</sup> Ministra, e, portanto, tanto eu como a minha bancada tomaremos em atenção que o Governo vai legislar sobre despedimentos na Função Pública.

*Aplausos do PSD.*

O Sr. Presidente: — Para dar explicações, se assim o entender, tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego.

A Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego: — Sr. Presidente, Sr.<sup>a</sup> Deputada, o que eu disse não deve ser interpretado como qualquer tipo de ofensa.

Limitei-me a dizer que iria ser um instrumento normal de gestão de recursos humanos em qualquer organismo, em qualquer área de emprego, mas daí não se pode deduzir absolutamente mais nada porque a política do Governo nesta matéria é muito clara e assenta na valorização e na promoção das pessoas que constituem a Função Pública, e com as quais vamos trabalhar para promover o conjunto de reformas que constam do nosso Programa. E esta mensagem é muito clara, desde a campanha eleitoral até ao que está consagrado no Programa do Governo.

Portanto, isto é, de facto, a única coisa que posso dizer-lhe nessa matéria, Sr.<sup>a</sup> Deputada.

O Sr. Secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares (António Costa): — Peço a palavra, Sr. Presidente.

O Sr. Presidente: — Para que efeito, Sr. Secretário de Estado?

O Sr. Secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares: — Para exercer o direito regimental da defesa da honra da bancada do Governo.

Vozes do PSD: — Oh!...

O Sr. Presidente: — Srs. Deputados, peço que não façam exclamações de admiração.

Entretanto, a Mesa não pode deixar de fazer a seguinte observação à Câmara: não quero fiscalizar a susceptibilidade psicológica de qualquer Sr. Deputado, longe de mim substituir-me à vossa apreciação sobre aquilo que ofende psicologicamente cada um. Mas é evidente que não posso ser indiferente a determinadas defesas da honra e consideração, que nada têm a ver com a figura regimental invocada.

Caricaturando, se, de facto, um Deputado pede a palavra e diz que determinado Deputado ou bancada são verdadeiros anjos do céu, é evidente que não cabe aqui a defesa da honra. Peço-vos apenas, não querendo continuar a interferir nessa área, que não abusem da figura da defesa da honra quando ela minimamente se não justifique.

Tem a palavra, Sr. Secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares.

O Sr. Secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares: — Sr. Presidente, pedi a palavra apenas para esclarecer que, aquando do debate do Orçamento do Estado, a que todos ou vários Srs. Deputados assistiram, designadamente a Sr.<sup>a</sup> Deputada Manuela Ferreira Leite, que, aliás, presidia à respectiva Comissão, eu, por dever de offi-

cio, assisti a esse debate e recordo-me que, por duas ou três vezes em Comissão e mais duas ou três vezes em Plenário, a questão que a Sr.<sup>a</sup> Deputada agora colocou à Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego foi, pelo menos por seis vezes, colocada e respondida.

**O Sr. Pedro Passos Coelho (PSD):** — Não!

**O Orador:** — O Sr. Deputado Pedro Passos Coelho levantou o braço... Pretende interromper-me?

**O Sr. Pedro Passos Coelho (PSD):** — Não, Sr. Secretário Estado. Estava apenas a pedir à Mesa para me inscrever porque quero usar da palavra a seguir.

**O Orador:** — Portanto, há aqui um problema que é insustentável: debater problemas sérios, como o desta interpelação da iniciativa do PP, ao qual o Governo corresponde, é uma coisa; discutirmos com fantasmas é outra coisa. Fantasmas o Governo não discute!

O Governo já foi, por seis vezes, interrogado sobre esta matéria e, por seis vezes, já respondeu. É inaceitável, devo dizer com toda a franqueza, que a Sr.<sup>a</sup> Deputada, sabendo quem é o ministro responsável pela Função Pública, a quem a Sr.<sup>a</sup> Deputada já teve oportunidade — eu assisti — de questionar sobre esta matéria, venha, totalmente a despropósito, enxertar a questão neste debate, que nada tem a ver com ela ...

**Vozes do PSD:** — Não tem?!

**O Orador:** — ..., depois de se ter verificado, previamente, que o ministro responsável não estava sentado na bancada. E é tanto mais absurdo...

**O Sr. Carlos Coelho (PSD):** — Desemprego não tem a ver com este debate?!

**O Orador:** — O Sr. Deputado Carlos Coelho deseja interromper-me?

**O Sr. Carlos Coelho (PSD):** — Só quero saber se o desemprego não tem a ver com este debate!

**O Orador:** — Esse debate teve lugar quando a Assembleia da República concedeu a respectiva autorização legislativa ao Governo.

**O Sr. José Magalhães (PS):** — Exacto!

**O Orador:** — O Governo esclareceu nessa altura como entendia essa autorização legislativa e o que pretendia fazer com ela, tendo ficado claro que não era sua intenção proceder a despedimentos.

Percebo o problema do PSD! É que pela primeira vez um governo consegue fazer um acordo com todos os sindicatos da Função Pública...

*Aplausos do PS.*

**A Sr.<sup>a</sup> Manuela Ferreira Leite (PSD):** — O que é que isso tem a ver?!

**O Orador:** — ... e é a primeira vez que um governo tem a decorrer várias mesas negociais e tem a vindo a fechá-las com sucesso, pois os trabalhos têm vindo a

decorrer com sucesso. É este o vosso fantasma, é o fantasma dos 10 anos em que não foram capazes de fazer aquilo que em seis meses este Governo tem vindo a fazer, sem autoritarismo mas com espírito de abertura e capacidade de diálogo.

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**O Orador:** — Sr.<sup>a</sup> Deputada, esteja tranquila, não concretizaremos os seus fantasmas. Se nem vocês o fizerem em 10 anos, quem serfámos nós para o fazer. Não se preocupe com os seus próprios fantasmas, esteja descansada, porque quando a autorização legislativa for utilizada a Sr.<sup>a</sup> Deputada poderá proceder à ratificação e à sua apreciação parlamentar.

Muito obrigado, Sr.<sup>a</sup> Deputada, pela sua atenção.

*Aplausos do PS.*

**O Sr. Presidente:** — Para dar explicações, tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Deputada Manuela Ferreira Leite.

**A Sr.<sup>a</sup> Manuela Ferreira Leite (PSD):** — Sr. Presidente, Sr. Secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, peço-lhe desculpa, mas penso que o que foi a despropósito foi a sua intervenção, não a minha pergunta.

*Aplausos do PSD.*

E foi a despropósito, Sr. Secretário de Estado, porque estamos aqui num debate sobre o desemprego, a falar de um universo de 630 000 pessoas.

**Vozes do PSD:** — Muito bem!

**A Oradora:** — Estamos na Assembleia da República, onde, creio, a figura legislativa é primordial, e por isso não estamos, com certeza, a brincar com legislação. E foi esta Assembleia que, com a sua competência, e não estando a brincar, aprovou essa legislação.

O Sr. Secretário de Estado, não estou com fantasmas porque teria uma forma muito elementar de eliminá-los não tendo sido concedida essa autorização legislativa ao Governo.

**O Sr. Secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares:** — Já deu!

**A Oradora:** — Quem deu foi a Assembleia da República e o meu problema é exactamente o de saber que este Governo possui uma autorização legislativa altamente gravosa.

O Sr. Secretário de Estado não pode considerar menor nem desintegrado desta interpelação um problema de desemprego porque estamos a dialogar com a Sr.<sup>a</sup> Ministra que gera os despedimentos e os não despedimentos, e os funcionários públicos não são de segunda nesta economia mas de primeira.

**O Sr. José Magalhães (PS):** — Foram tratados assim durante 10 anos!

**A Oradora:** — Mas nunca os despedimos!

**O Sr. José Magalhães (PS):** — Então não?! Não despediram mais porque não conseguiram!

**O Sr. Paulo Portas (CDS-PP):** — Com a regionalização vai ter muitos mais funcionários, Sr.<sup>a</sup> Deputada!

**O Sr. Presidente:** — Sr. Deputado Pedro Passos Coelho, há pouco pediu a palavra para que efecto?

**O Sr. Pedro Passos Coelho (PSD):** — Para fazer uma interpelação à Mesa.

**O Sr. Presidente:** — Tem a palavra, Sr. Deputado.

**O Sr. Pedro Passos Coelho (PSD):** — O Sr. Presidente fez há pouco um apelo para que as bancadas não usassem ou abusassem das figuras regimentais.

**O Sr. Presidente:** — Exacto, Sr. Deputado!

**O Orador:** — Naturalmente que o Sr. Presidente toma boa nota das suas funções mas gostaria que não desmerecesse — e certamente não o fará — o uso que a minha bancada fez do direito de se sentir ofendida pela forma como o Governo sistematicamente tem vindo a sonegar respostas a matérias repetidamente questionadas.

#### *Protestos do PS.*

Gostaria, Sr. Presidente, apenas em abono do trabalho no Plenário, de dizer que V. Ex.<sup>a</sup> e o Sr. Secretário de Estado têm razão numa matéria: o Governo utilizou por diversas vezes muito tempo para responder mas nunca respondeu e é essa a avaliação que a minha bancada faz, que se sentiu não apenas desmerecida mas desconsiderada pela forma como o Governo sonega o papel de fiscalização que a Assembleia da República deve exercer em matérias da sua competência própria.

#### *Aplausos do PSD.*

**O Sr. Presidente:** — Sr. Deputado, primeiro, nunca recusei a palavra para ser exercido o direito de defesa da honra e gostaria de seguir essa orientação.

O que está em causa é apenas o abuso da invocação dessa figura e não o seu uso. Constam do Regimento ofensas à honra e à consideração, o que, Sr. Deputado, depende da sensibilidade de cada um e não vou ajuizar por ninguém. Gostaria, repito, que não se desvirtuasse esta figura como habitualmente se desvirtua uma outra, a da interpelação à Mesa. Vamos ver se reconduzimos as duas figuras ao seu significado regimental.

Para pedir esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado Hermínio Loureiro.

**O Sr. Hermínio Loureiro (PSD):** — Sr. Presidente, Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego, se o futuro é dos jovens, e nós assim o entendemos, então, cerca de 130 000 jovens vêem o futuro próximo muito negro enquanto desempregados, valor atingido apenas no pico do desemprego em 1984. Foram criadas enormes expectativas nos jovens portugueses, como a Sr.<sup>a</sup> Ministra sabe, e lamentavelmente o nosso país converteu-se num dos países da Europa em que o desemprego mais cresceu, sendo que a aceleração do desemprego em Portugal, nos últimos seis meses, exprime uma tendência contrária ao que se verifica no contexto europeu.

**O Sr. Nuno Baltazar Mendes (PS):** — Essa é boa!

do. As expectativas pessimistas instalaram-se nos meios empresariais prevendo-se que, no ano corrente, o investimento privado vá cair. Sendo o investimento privado o principal motor de crescimento económico e do emprego, a insegurança dos investidores é, na minha óptica, a principal causa na baixa das expectativas do crescimento económico e consequente falta de emprego.

Já tive oportunidade de questionar o Sr. Secretário de Estado da Juventude sobre este problema de natureza interministerial, o qual me disse que conversaria com a Sr.<sup>a</sup> Ministra. Na verdade, apenas consegui sensibilizá-lo para o problema porque, até hoje, nada mais foi dito nesta Câmara.

Sr.<sup>a</sup> Ministra, ao analisarmos as conclusões dos Estados Gerais, o programa eleitoral do Partido Socialista e o consequente Programa do Governo, chegamos à conclusão de que existe um défice muito grande entre o prometido nas campanhas eleitorais e o que efectivamente está a ser feito.

Não acha, Sr.<sup>a</sup> Ministra, mesmo não tendo sido prometido, mas porque o motivo é mais do que suficiente, que este Governo deveria o mais rapidamente possível implementar um programa específico para o combate ao desemprego juvenil?

#### *Aplausos do PSD.*

**O Sr. Presidente:** — Para responder, tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego.

**A Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego:** — Sr. Presidente, Sr. Deputado Hermínio Loureiro, é exactamente isso que estamos a fazer.

#### *Risos do PSD.*

Tive ocasião de discutir no Conselho Nacional de Juventude uma série de linhas de trabalho em matéria de emprego e formação que o Governo tem em vista justamente para atacar o problema específico do desemprego dos jovens. Quero dizer aqui que a resposta passa, em primeiro lugar, por aumentar a escolarização dos jovens ao nível do ensino básico, do secundário e do ensino superior e é exactamente isso que estamos a fazer concedendo toda a prioridade ao ensino básico, estabilizando as diferentes vias do ensino secundário e melhorando as condições de resposta do ensino superior. Essa é a solução de fundo para atacar o problema dos jovens porque, de facto, eles sofrem de um défice de escolarização se o compararmos com as médias europeias.

Mas não ficamos por aqui porque temos em vista pôr de pé uma política eficaz de inserção profissional dos jovens. É exactamente por essa razão que, no programa de acção imediata para o emprego, elegemos como ponto de partida para essa política de inserção a difusão das chamadas unidades de apoio à vida activa por tratar-se de dispositivos que, se funcionarem bem em cada escola, em cada organismo de formação profissional, habilitarão o jovem com a informação necessária para ele poder fazer uma escolha com os instrumentos de inserção, como sejam estágios e formação em alternância que vão facilitar a transição do mundo da escola para o mundo do trabalho.

Quero também dizer que, do lado do recrutamento, já há medidas tomadas no sentido de estimular o recrutamento de jovens. Isso consta justamente do novo regime de incentivos recém-aprovado pelo Governo. Portanto, não estamos a nu nessa matéria, a que vamos acrescentar

medidas específicas de apoio ao recrutamento de jovens qualificados, como as que referi há pouco.

Sr. Deputado, há muito trabalho feito, que vamos prosseguir em contacto com o Conselho Nacional de Juventude. Esse é o método que seguiremos, não sendo por acaso que o método deste Governo assenta num trabalho de equipa, neste caso entre o meu Ministério e a Secretaria de Estado da Juventude, para que esse programa vá para a frente ouvindo os jovens a cada momento.

**O Sr. Presidente:** — Para pedir esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado Nuno Correia da Silva.

**O Sr. Nuno Correia da Silva (CDS-PP):** — Sr. Presidente, Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego, já percebi — e penso que todos percebemos — que, em matéria de política europeia, o Partido Social Democrata e o Partido Socialista estão de acordo e que, naquilo que diz respeito aos custos sociais que decorrem da adesão à moeda única e dos critérios de convergência, não haverá mudanças significativas por parte do Governo agora sustentado pelo Partido Socialista. Por isso, a pergunta que lhe faço tem a ver com políticas internas da competência apenas e só dos seus Governo e Ministério.

A Sr.<sup>a</sup> Ministra falou, repetidas vezes aliás, do apoio às pequenas e médias empresas. Também sou daqueles que acreditam que o desenvolvimento económico passará seguramente pelo apoio, pelo estímulo, pelo desenvolvimento das pequenas e médias empresas. Mas o que quero saber é de que tipo de apoios estamos a falar porque, para o mesmo objectivo, há vários caminhos. O apoio de que a Sr.<sup>a</sup> Ministra fala é o mesmo que foi seguido pelo Governo do Partido Social Democrata, do apoio pela via do subsídio, ou trata-se do apoio pela via dos benefícios fiscais, o qual penso já ter provado ser capaz por contraposição à incapacidade do outro?

O único exemplo que temos das medidas tomadas pelo Governo segue a filosofia do anterior, nomeadamente o diploma que institui os estímulos às empresas que contratam desempregados de longa duração ou jovens, e verificamos, Sr.<sup>a</sup> Ministra, que, mais uma vez, o seu Ministério e Governo optaram pela via do subsídio. A Sr.<sup>a</sup> Ministra acredita que, em troca de 12 salários mínimos, as empresas estão dispostas a contratar jovens ou desempregados com 45, 50, 55 anos de idade?

Falemos de dados objectivos: o Decreto-Lei n.º 89/95, da responsabilidade do Governo anterior, quantos postos de trabalho criou? Sabe a Sr.<sup>a</sup> Ministra dizer a esta Câmara, com objectividade e rigor, qual a eficácia do diploma que instituiu o apoio ao emprego jovem e ao emprego de longa duração?

No decreto-lei produzido pelo seu Governo, a Sr.<sup>a</sup> Ministra propõe uma alteração ainda mais redutora porque limita este tipo de programas a empresas com menos de 50 trabalhadores, exigindo depois que os contratos celebrados entre o trabalhador e a empresa sejam a termo. Sabe a Sr.<sup>a</sup> Ministra que há jovens em Portugal que hoje oferecem a sua disponibilidade para o trabalho às empresas nada pedindo em troca mas apenas que lhes seja dada uma oportunidade para provarem que são capazes e portadores de conhecimentos, e que valem por si? É que os jovens e os desempregados de longa duração não são nenhum incapazes!

**O Sr. Presidente:** — Para responder, tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego.

**A Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego:** — Sr. Presidente, Sr. Deputado Nuno Correia da Silva, sobre o assunto do regime de incentivos, gostava de dizer claramente que, em qualquer ponto do mundo, um regime de incentivos visa sobretudo facilitar o recrutamento de categorias que têm dificuldade em entrar no emprego. Esse é o principal objectivo de um regime de incentivos. Também não tenho ilusões de que uma empresa passe a recrutar mais trabalhadores só por ter um subsídio a fundo perdido à cabeça porque ou tem condições de mercado para criar esses empregos ou não os cria.

Agora, o que está aqui em questão é termos de facilitar o recrutamento de determinadas categorias que, à partida, não seriam preferidas, e esse é o caso dos jovens sem experiência profissional e dos desempregados de longa duração. Esta é a intenção do regime de incentivos que o Governo aprovou, é em função disto que deve ser avaliado porque, repito, é isso que é natural esperar de um regime de incentivos em qualquer ponto do mundo.

Gostava também de dizer ao Sr. Deputado que o regime de incentivos agora aprovado é, a meu ver, bem mais eficaz do que o anterior porque garante que os pontos de trabalho criados são a mais, que têm a natureza de empregos permanentes e que, de facto, são privilegiados os jovens e os desempregados de longa duração. Mais: é verdade que focalizámos a atenção das empresas até 50 trabalhadores, mas no que respeita aos desempregados de muita longa duração, não há restrição de volume justamente porque estamos a procurar facilitar o recrutamento de uma categoria com muita dificuldade em regressar ao emprego.

Penso que este regime de incentivos é claramente mais eficaz na criação líquida de empregos e que vai permitir suster o desperdício escandaloso de recursos financeiros que era gerado por um regime de incentivos aprovado pelo governo do PSD e que, de facto, não estava a contribuir para a criação de mais empregos. Portanto, estamos perante uma viragem que considero altamente positiva.

O Sr. Deputado referiu também que há muitos jovens que não precisam disto para quererem ingressar nas empresas. Estou de acordo consigo, e é exactamente por isso que vamos dar a maior importância à organização de uma política de estágios ligada a qualquer via de ensino ou de formação profissional porque, de facto, o jovem está disponível, à partida, para essa experiência profissional e isto tem de ser incentivado como forma de criar uma ponte que facilite o seu ingresso definitivo num emprego. É por essa razão que uma peça-chave da nossa política para jovens será justamente uma política de estágios generalizada.

**O Sr. Presidente:** — Srs. Deputados, vamos dar início ao período de debate.

Para uma intervenção, tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Deputada Manuela Ferreira Leite.

**A Sr.<sup>a</sup> Manuela Ferreira Leite (PSD):** — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados: Quando olhei para a agenda parlamentar, pensei que me tinha enganado e estava com a da semana passada. Seria possível que, num espaço de menos de uma semana, o Governo fosse interpelado duas vezes, praticamente sobre o mesmo tema, neste caso, o desemprego?

Não estava enganada. Era assim mesmo.

É evidente a preocupação e a gravidade deste assunto e isso, só por si, explica que o Governo tenha de vir responder à Assembleia da República às questões que se levantam sobre esta melindrosa matéria. Se isto é verdade,

não é menos verdade que não se justificam debates desta importância com tal proximidade. O assunto é demasiado sério para poder ser banalizado.

**Vozes do PSD:** — Muito bem!

**A Oradora:** — Na realidade, que eu tenha percebido, nada de novo se passou desde a última quarta-feira a não ser o aumento de preço dos combustíveis. Não nego que fiquei chocada com a tentativa do Sr. Primeiro-Ministro de se desresponsabilizar por esta medida quando ela é consequência do aumento do imposto sobre os produtos petroliers consagrado por este Governo.

*Aplausos do PSD.*

Tudo com influência nos custos de produção, tudo com influência negativa no emprego.

Mas mais grave do que mais este aumento dos combustíveis é a desculpa dada pelo Sr. Primeiro-Ministro. O Sr. Primeiro-Ministro não alterou a legislação porque lhe dá jeito arrecadar as receitas dos aumentos...

**O Sr. Carlos Coelho (PSD):** — É verdade!

**A Oradora:** — ... e depois de fazer os aumentos e de arrecadar as receitas de que precisa, promete mudar a legislação.

**O Sr. Luís Marques Guedes (PSD):** — Muito bem!

**A Oradora:** — No entretanto, tenta lavar as mãos como Pilatos e ser fiel ao princípio de lançar sempre as culpas para os outros e não ter a coragem de assumir responsabilidade nenhuma.

*Vozes do PSD:* — Muito bem!

**A Oradora:** — Há menos de uma semana, já se sabia que o número de desempregados tinha atingido meio milhão de portugueses.

Na semana passada, também já se sabia que, nos últimos seis meses, Portugal, de país com a mais baixa taxa de desemprego da União Europeia, passou a ser o país com a mais elevada taxa de crescimento de desemprego da Europa comunitária.

Há menos de uma semana, já se sabia que o Engenheiro Guterres tinha anunciado, 10 dias antes das eleições, três ou quatro medidas que se supunha serem uma novidade para resolver o problema que a todos angustia.

Na passada quarta-feira, todos conheciam a aversão do Sr. Primeiro-Ministro às estatísticas do desemprego e o seu incômodo por ter encontrado uma taxa de desemprego de 6,9% e de, ao fim de seis meses do seu Governo, ela se situar em 7,7%.

**Sr. Presidente, Srs. Deputados:** Desde há muitas quartas-feiras que se sabe que não se controla o desemprego sem que os agentes económicos privados promovam o emprego e sem que o sector público dê também o seu contributo, de forma directa ou indirecta, para a animação da actividade económica.

**O Sr. Carlos Coelho (PSD):** — Muito bem!

**A Oradora:** — Na quarta-feira passada, também já se conheciam as propostas sobre políticas de emprego apre-

sentadas pelo Governo, propostas essas aprovadas, numa quinta-feira, em Conselho de Ministros, mas do governo anterior.

*Aplausos do PSD.*

Também se sabia que, até quarta-feira da semana passada, o Governo ainda não tinha começado a governar e não seria de esperar, ainda por cima com um feriado e um fim-de-semana pelo meio, que o tivesse começado a fazer ontem e começasse assim a transmitir alguma confiança aos agentes económicos que continuam à espera de qualquer sinal, mesmo que leve, que lhes inspire confiança, sem a qual não haverá nem investimento, nem consumo e muito menos diminuição do desemprego.

**Vozes do PSD:** — Muito bem!

**O Sr. Joel Hasse Ferreira (PS):** — Vamos contratar o Braga de Macedo para governar!

**A Oradora:** — E esta afirmação, Srs. Deputados, não é de um partido da oposição. O Sr. Ministro da Economia afirmou nesta Assembleia, na quarta-feira passada, o seguinte: «a variável-chave da crise social, a variável-chave de desemprego é a quantidade e a qualidade do investimento que se faz em Portugal».

E, mais adiante, disse, ao contrariar as propostas do Partido Comunista: «se o Orçamento deve apoiar o investimento público, de duas uma: ou temos um défice orçamental que explode ou temos de aumentar significativamente a carga fiscal porque não há milagres em economia».

Se o Sr. Ministro da Economia não fosse um reputado conhecedor destas matérias arriscar-se-ia a passar por um plagiador das nossas afirmações. Sei que não é o caso. São os seus profundos conhecimentos sobre estas matérias que o levaram a fazer estas afirmações, apenas com uma ressalva. O Sr. Ministro só enunciou duas vias quando havia uma terceira por nós proposta e mais ajustada à actual situação económica. Tivesse o Governo, na elaboração do Orçamento do Estado, apostado mais no investimento público e menos na despesa corrente e não seriam necessários os tais milagres de que o Sr. Ministro fala.

*Aplausos do PSD.*

Por isso, Sr. Ministro da Economia, para bem do País e do combate ao desemprego, esperamos que se o Sr. Ministro das Finanças tentar resolver o problema das dificuldades orçamentais que se aproximam com anulação do investimento público, o senhor lhe recorde que o Orçamento não devia ter sido elaborado com base na fé em milagres, que não existem em economia, e que qualquer redução adicional do investimento público terá consequências inevitáveis no aumento do desemprego.

*Aplausos do PSD.*

**Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados:** Fiquei curiosa sobre o que se ia passar hoje que não se passou na quarta-feira passada. Até este momento, não descobri nada de importante. Consigo assinalar apenas um ou dois pormenores, que julgo que resultam mais da minha ânsia de perceber a razão do debate de hoje do que propriamente de factos relevantes.

Um primeiro pormenor é que na semana passada o partido interpelante foi o Partido Comunista que, como sem-

pre, não desperdiça nenhuma oportunidade de capitalizar o descontentamento social e era, portanto, natural que trouxesse este problema para o centro do debate parlamentar.

Hoje, é o Partido Popular que, como vai sendo costume, desperdiça algumas oportunidades de não falar, especialmente quando se trata de matérias com as quais não pode deixar de se co-responsabilizar.

**Vozes do PSD:** — Muito bem!

**A Oradora:** — A sua conhecida teoria sobre os malefícios da União Europeia não pode ser chamada para explicar o agravamento do desemprego nos últimos seis meses.

**O Sr. Carlos Coelho (PSD):** — Muito bem!

**A Oradora:** — Ao insistir nas questões europeias a propósito do desemprego, revela que se enganou no agendamento desta interpelação e que, afinal, o que queria era uma interpelação sobre questões europeias.

O único argumento que pode ser chamado a explicar a evolução do desemprego nos últimos seis meses é o Orçamento do Estado que não foi concebido como arma de combate ao desemprego. Foi pena que o Partido Popular o tivesse viabilizado em troca de condições que em nada ajudaram este objectivo.

**O Sr. Carlos Coelho (PSD):** — Muito bem!

**A Oradora:** — De entre o leque de opções a negociar com o Partido Socialista, o Partido Popular escolheu as piores e, agora, parece espantado com o resultado. O Partido Popular deve analisar as situações sem ser à luz de critérios de notoriedade e não atirar para a Europa aquilo que é da inteira responsabilidade nacional.

*Aplausos do PSD.*

Um segundo pormenor que vejo diferente entre o anterior debate e o actual tem a ver com os Membros do Governo que responderam aos interpellantes. Hoje, foi a Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego, o que não foi novidade. Bastava estar atenta ao discurso de encerramento da Sr.<sup>a</sup> Ministra na passada quarta-feira para se perceber que, hoje, já podia falar. Com efeito, a Sr.<sup>a</sup> Ministra aproveitou a sua intervenção de quarta-feira para nos explicar que «não é por acaso que o título de Ministro para a Qualificação e o Emprego contém a palavra «para»: significa precisamente que a questão do emprego é assumida como um todo pelo Governo no seu conjunto». Nesta perspectiva de solidária desresponsabilização, interpelar a Sr.<sup>a</sup> Ministra sobre o desemprego é o mesmo que interpelar qualquer outro membro do Governo, significando que foi apenas a lógica do seu título ministerial que a trouxe hoje ao Parlamento. Aquilo que poderia ser uma diferença em relação ao debate da quarta-feira passada esbateu-se com esta explicação.

Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados: Não havendo qualquer valor acrescentado neste debate, vou ter de pensar o que é que do debate da passada quarta-feira se transpõe para o da presente terça-feira.

Verifico que, na anterior interpelação ao Governo, o Sr. Ministro da Economia começou a sua intervenção por afirmar que, em política, ao contrário do que se costuma dizer, o que parece não é. Ao ponderar nesta frase fiquei um pou-

co mais esclarecida. Este debate que parecia uma interpelação do Partido Popular ao Governo, se calhar, não é.

*Aplausos do PSD.*

Vou ficar atenta aos factos futuros para o qualificar. Espero que não venha a concluir que se tratou de uma encenação no Parlamento para iniciar a legitimação de uma crise política com que há muito o Partido Socialista vem ameaçando.

**Vozes do PSD:** — Muito bem!

**A Oradora:** — Vi também que a Sr.<sup>a</sup> Ministra do Emprego é bem o exemplo da permanente contradição deste Governo: no plano dos programas, repete o que o anterior governo já tinha feito e, portanto, concorda. No plano do discurso, acusa-o de ter prosseguido políticas erradas e, portanto, discorda. Concluo que também rejeita os adágios populares e para a Sr.<sup>a</sup> Ministra mais vale parecer-lhe do que sê-lo.

*Aplausos do PSD.*

Com isto fiquei angustiada. Se está todo o Governo a raciocinar ao contrário da sabedoria popular, o Governo não governa porque, às tantas, já decidiu que mais vale nunca que tarde.

*Aplausos do PSD.*

**O Sr. Presidente:** — Para defesa da consideração da bancada do Governo, tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego.

**A Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego:** — Sr. Presidente, Sr.<sup>a</sup> Deputada Manuela Ferreira Leite, acabou de dizer que o Programa de Acção Imediata para o Emprego não é mais do que uma réplica de programas apresentados pelos governos do PSD e quero refutar por inteiro essa afirmação.

As diferenças são de fundo. Em primeiro lugar, porque o ponto de partida deste Programa é dizer que a melhor forma de atacar a questão do emprego é prevenindo os problemas de emprego. Daí que seja nossa intenção pôr de pé planos para a modernização, a qualificação e o emprego que são, justamente, no sentido de, em cada sector e em cada região, prever a tempo os problemas de emprego e, em função disso, accionar as medidas de política de emprego e de formação que são necessárias. Esta é uma diferença fundamental, porque não nos limitamos a curar o problema, antes passamos a prevê-lo e atacá-lo de forma preventiva.

A outra diferença fundamental é que não há hoje política de emprego que possa ir à raiz do problema se não houver capacidade de melhorar a gestão de recursos humanos por parte das empresas portuguesas. É por isso que, neste Programa de Acção Imediata para o Emprego, consagramos uma intervenção específica para as pequenas e médias empresas, justamente porque é aí que se joga a massa do emprego em Portugal. E também por isso que prevemos um programa específico para a reconversão dos trabalhadores portugueses.

Quero dizer aqui que estamos perante a necessidade de reconvertir uma massa importante de trabalhadores portugueses para outras profissões e outras qualificações. Ora, não há experiência a nível nacional nesta matéria e, no

entanto, trata-se de uma urgência nacional. É por isto mesmo que essa é uma prioridade consagrada no nosso Programa de Acção Imediata.

Também em matéria de criação de emprego, que é o terceiro eixo do Programa, há uma viragem muito importante porque não nos limitamos a rever o sistema de incentivos, que era extremamente ineficaz e desbaratador de recursos financeiros, mas apostamos fortemente no lançamento de criadores de empresas e na criação do próprio emprego. Aí reside, hoje, uma fonte fundamental de criação de emprego e é por isso que uma parte muito substancial do Programa será dedicada a esse apoio aos criadores de empresas.

**O Sr. Osvaldo Castro (PS):** — Muito bem!

**A Oradora:** — Finalmente, Sr.<sup>a</sup> Deputada, afirmou que também não há nada de novo no que toca ao mercado social de emprego. Há certamente e, aliás, essa é uma expressão consignada no programa eleitoral do nosso Governo. O que está em causa é conseguirmos oferecer a uma parte da nossa população desempregada, que não consegue aceder facilmente ao emprego em área empresarial, um conjunto de ocupações de utilidade social que não só lhes permitirão fazer algo de útil como, ao mesmo tempo, adquirir qualificação e, por essa via, aceder ao emprego.

**O Sr. António Vairinhos (PSD):** — É só filosofia!

**A Oradora:** — É este o desafio. Trata-se de um trabalho de monta que vai exigir da nossa parte toda uma montagem em conjunto com autarquias, ministérios e outros protagonistas a nível local e que será vital para conseguirmos oferecer uma perspectiva à população desempregada, nomeadamente aos desempregados de longa duração.

Por último, quero fazer uma referência a propósito da denominação Ministério para a Qualificação e o Emprego. Este nome traz implícito o facto de que faz parte deste Governo um trabalho de equipa em torno da questão do emprego. E isso, Sr.<sup>a</sup> Deputada, é uma grande vantagem, pois vai permitir-nos ir à raiz do problema do emprego. É esse trabalho de conjunto que já estamos a fazer.

*Aplausos do PS.*

**O Sr. Presidente:** — Para dar explicações, tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Deputada Manuela Ferreira Leite.

**A Sr.<sup>a</sup> Manuela Ferreira Leite (PSD):** — Sr. Presidente, Sr.<sup>a</sup> Ministra, longe de mim dizer que algum dia o governo do Partido Social-Democrata foi superior, em palavras, àquilo que é o Governo do Partido Socialista...

**Vozes do PSD:** — Muito bem!

**A Oradora:** — Como tal, não tenho qualquer dúvida de que, em conteúdo, os vossos projectos são muito superiores aos nossos. Mas estamos a falar de acção. E se a vossa acção é tão boa quanto a nossa, então, por algum motivo que desconheço, os resultados são piores.

**O Sr. Luís Marques Guedes (PSD):** — Muito bem!

**A Oradora:** — A Sr.<sup>a</sup> Ministra e o seu Governo estão hoje, aqui, não apenas para responder sobre o problema

do desemprego mas para explicar quais os motivos por que, durante o vosso curto consulado, o desemprego já disparou desta forma. Portanto, a vossa aplicação é provavelmente muito errada.

*Aplausos do PSD.*

**O Sr. Presidente:** — Para pedir esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Neves.

**O Sr. Paulo Neves (PS):** — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados, Sr.<sup>a</sup> Deputada Manuela Ferreira Leite, V. Ex.<sup>a</sup> iniciou a sua intervenção abordando dois temas que parecia que não tinham nada a ver um com o outro, a justificação desta interpelação sobre o emprego e o aumento dos combustíveis. Estive a pensar e afinal têm. A Sr.<sup>a</sup> Deputada tem toda a razão, porque a fonte originária das duas questões é rigorosamente o Governo em que V. Ex.<sup>a</sup> participou.

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**O Orador:** — E são rigorosamente porque a Sr.<sup>a</sup> Deputada mencionou que na semana passada já se sabia que havia em Portugal 500 000 desempregados. Pois é. Sr.<sup>a</sup> Deputada, mas foi em 1993, quando a Sr.<sup>a</sup> Deputada estava no Ministério das Finanças, foi nesse ano, que se deu a maior quebra na taxa de emprego em Portugal nesta década de 1990. Precisamente menos 2% na taxa de emprego nesse ano.

A Sr.<sup>a</sup> Deputada mencionou que a maior parte das propostas deste Governo já haviam sido adoptadas num Conselho de Ministros do governo de que fazia parte, mas não é verdade. Repare que algumas boas propostas desse governo foram metidas na gaveta como, por exemplo, as iniciativas locais de emprego que tiveram um ano praticamente sem obterem resultados na criação de emprego, assim como o sistema de incentivos a jovens empresários, o apoio às microempresas e à criação de auto-emprego pela formação de empresas. Em Abril do ano passado foi lançado o sistema de incentivos para as pequenas e médias empresas e, em Abril deste ano, foi o actual Governo que teve de o regulamentar, nomeadamente para jovens empresários.

A Sr.<sup>a</sup> Deputada disse que para aumentar o emprego é preciso aumentar o investimento. É verdade, mas ficou aqui demonstrado que no Orçamento do Estado e no PIDDAC para 1996 se aumenta o investimento público, contribuindo-se assim para o «aquecimento» da economia. A Sr.<sup>a</sup> Deputada diz que não existem milagres em economia e eu digo que é evidente e que, em seis meses, é difícil acreditar que haja milagres. O que é preciso é acreditar que, com o estado das coisas tal qual as recebemos, de facto, vamos alterar e estamos a alterar o estado das coisas de há seis meses para cá.

Também sabemos que quando tomou posse este Governo havia mais de 100 000 desempregados com menos de 25 anos de idade. Não foi um problema criado por este Governo, nem por acção nem por omissão, mas é um problema que este Governo está a combater com o lançamento imediato de medidas para o combater. Mas foi um problema criado durante o governo que a Sr.<sup>a</sup> Deputada integrou.

**O Sr. Presidente:** — Terminou o seu tempo, Sr. Deputado.

**O Orador:** — Sr. Presidente, vou terminar.

A Sr.<sup>a</sup> Deputada, na sua intervenção, nem uma vez referiu a palavra formação profissional para fazer uma interpelação à Sr.<sup>a</sup> Ministra para a Qualificação e o Emprego! A questão é que 1994 e 1995 foram uma desgraça completa e esperamos agora que haja um relançamento, pois a primeira medida que este Governo tomou na área do emprego foi a formação profissional.

**O Sr. Presidente:** — A palavra, para responder, à Sr.<sup>a</sup> Deputada Manuela Ferreira Leite.

**A Sr.<sup>a</sup> Manuela Ferreira Leite (PSD):** — Sr. Presidente, Sr. Deputado Paulo Neves, agradeço duas afirmações que fez. A primeira foi ter dito ou ter abordado o estado das coisas que receberam. É bom ir recordando ao País o estado em que o receberam, porque a história acabará por se fazer. Os senhores receberam uma situação financeira ímpar que não mais verão na nossa economia. Aliás, muito gostaria de a tornar a ver em nome do bem dos portugueses, só que se calhar nunca mais a verei.

**Vozes do PSD:** — Muito bem!

**A Oradora:** — Mas isso é um problema que ficará para os senhores responderem.

Por outro lado, fez outra afirmação com a qual me congratulo, dizendo que 1992 foi o ano em que se verificou maior aumento da taxa de desemprego. É natural, Sr. Deputado, porque quando as taxas são muito baixas, é fácil subirem. Certamente, quando se está a zero ou a menos de zero, é sempre fácil subir.

Além disso, o ponto que aqui está em discussão, peço-lhe desculpa, mas não é aquele que referiu. O que aqui está em discussão é que foram os senhores que anunciaram que conheciam a situação do País, que estava numa desgraça, que a situação financeira não podia ser pior do que a que era, que o desemprego era uma fatalidade, mas que os senhores iriam resolver tudo logo de seguida.

**O Sr. Joel Hasse Ferreira (PS):** — Não, não.

**A Oradora:** — E essas afirmações estão feitas em campanha eleitoral, em gravações que estão feitas.

**O Sr. Joel Hasse Ferreira (PS):** — O vosso partido é que dizia isso.

**A Oradora:** — Não, Sr. Deputado, não era isso. Nunca ouviu essa campanha por parte do PSD, mas sim por parte da campanha do Partido Socialista.

**O Sr. Joel Hasse Ferreira (PS):** — O *Povo Livre* é que dizia que nós dizíamos isso.

**A Oradora:** — Sr. Deputado, não vale apenas estarmos a discutir coisas que todos sabemos. Vamos todos ter que seriamente assumir que as dissemos, portanto, é esse o ponto que está em causa. Os senhores disseram que tinham soluções — três ou quatro questões como dizia o Engenheiro Guterres — que resolveriam de imediato o problema do desemprego, mas, afinal de contas, o que acontece é que o agravaram! Por conseguinte, não venham falar de heranças, pensem no vosso Governo e comeceem a governar, porque enquanto não começarem a governar

não têm forma de resolver o problema do desemprego por mais que falerm do passado.

*Aplausos do PSD.*

**O Sr. Presidente:** — A palavra ao Sr. Deputado Rui Namorado.

**O Sr. Rui Namorado (PS):** — Sr. Presidente, Sr.<sup>a</sup> Deputada Manuela Ferreira Leite, foi com toda a atenção que a ouvi e devo dizer-lhe que é muito mais fácil ouvi-la nesta Assembleia do que tê-la «sofrido» como Ministro da Educação durante algum tempo.

**Vozes do PS:** — Muito bem!

*Protestos do PSD.*

**O Orador:** — Na verdade, talvez seja paradigmático, como V. Ex.<sup>a</sup> acabou de dizer, que os actos são mais eficazes que as palavras. Na verdade, perante o carácter realmente inofensivo das suas palavras actuais e o carácter extremamente oneroso dos seus actos de governo penso que as coisas estão bem como estão. V. Ex.<sup>as</sup> a falar e o PS a governar.

**Vozes do PSD:** — Só que ainda não começaram!

**O Orador:** — Só que não era isso propriamente que queria dizer. Pretendia chamar a atenção para a vossa incomodidade ao serem-lhes lembradas as vossas responsabilidades na situação em que estamos, quando durante 10 anos as atiraram para cima de um governo que o PS teve que partilhar convosco para resolver os problemas deixados pela AD; atiraram para cima desse governo todas as dificuldades que vos surgiram ao longo de 10 anos e agora não querem que, ao fim de seis meses, vos atirem as responsabilidades que efectivamente têm por esses 10 anos!

*Aplausos do PS.*

Realmente, é uma diferença de critérios bastante interessante!

Mas o que na verdade me chamou a atenção na intervenção de V. Ex.<sup>a</sup> foi a repetida afirmação, corroborada aliás por alguma parte da claque,...

**O Sr. Carlos Coelho (PSD):** — Estamos na Assembleia da República, não faça afirmações dessa deslegânciaria.

**O Orador:** — ...que o PS ainda não tinha começado a governar. Ora, o que se constata é que o povo português não tem essa opinião. VV. Ex.<sup>as</sup> têm essa opinião, mas o povo português não a tem, como resulta das sondagens que, não sendo tudo, são alguma coisa.

A pergunta que queria fazer a V. Ex.<sup>a</sup> é: não estará equivocada quanto ao conceito do que é governar, porque me parece transparecer das suas afirmações uma má fé que não creio que tenha? Na verdade fala convictamente? Está, porventura, convencida que a versão passadista do que é governar ainda está em vigor? É que numa sociedade complexa, mundializada, governar é fundamentalmente orientar, estimular, coordenar e não, como parece que o PSD gosta e é a única maneira como sabe governar, humilhar, oprimir, constrar.

*Protestos do PSD.*

**O Sr. Presidente:** — A palavra à Sr.<sup>a</sup> Deputada Manuela Ferreira Leite.

**A Sr.<sup>a</sup> Manuela Ferreira Leite (PSD):** — Sr. Presidente, vou dar uma resposta muito breve ao Sr. Deputado até porque considero que a primeira parte da sua intervenção não me merece qualquer resposta.

**O Sr. Vieira de Castro (PSD):** — Muito bem!

**A Oradora:** — Apenas lhe direi que se tivesse alguma dúvida de que este Governo não está a governar ficaria com a certeza a partir das sondagens, porque as sondagens são tão elevadas que só podem ter o significado que o Governo não está a governar.

**Vozes do PSD:** — Muito bem!

*Risos do PS.*

**O Sr. Presidente:** — A palavra à Sr.<sup>a</sup> Deputada Elisa Damião.

**A Sr.<sup>a</sup> Elisa Damião (PS):** — Sr. Presidente, Sr.<sup>a</sup> Deputada Manuela Ferreira Leite, registei com agrado que reconhece a qualidade das propostas da Sr.<sup>a</sup> Ministra; reconhece que o programa é qualitativamente melhor, mas põe em dúvida que a sua execução tenha ou venha a ter a mesma qualidade, assim procurando contrastar a capacidade de concretização do Governo do Partido Socialista com o governo a que V. Ex.<sup>a</sup> pertenceu.

De facto, Sr.<sup>a</sup> Deputada, tenho aqui o número de formandos em acções de formação apoiados pelo Fundo Social Europeu, entre 1990 e 1993, e que foi só 1 724 696, o que significa que um em cada dois portugueses activos recebeu formação. Como o País continua na mesma e o desemprego aumentou, peço-lhe que, honestamente, com a honestidade que reconheço que é capaz enquanto profissional, justifique estes números, a sua eficácia, o dinheiro que isto representou para o país, a falta de expectativas para os jovens, os vícios criados e o desemprego que temos hoje.

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**O Sr. Presidente:** — A palavra à Sr.<sup>a</sup> Deputada Manuela Ferreira Leite.

**A Sr.<sup>a</sup> Manuela Ferreira Leite (PSD):** — Sr. Presidente, Sr.<sup>a</sup> Deputada, a honestidade que me reconhece e que lhe agradeço, retribuo-a pois é a mesma que lhe reconheço pelo que a sua pergunta só pode ter resposta no dia em que eu puder fazer comparação com os vossos resultados.

**Vozes do PSD:** — Muito bem!

**O Sr. Presidente:** — A palavra ao Sr. Ministro da Economia.

**O Sr. Ministro da Economia (Augusto Mateus):** — Sr. Presidente, Srs. Deputados: É com todo o prazer que volto a uma interpelação sobre temas fundamentais para a nossa sociedade e para a nossa economia. Vou centrar-me no essencial da discussão, sendo que a Assembleia da República me parece ser um espaço fundamental para que o

Governo e os Deputados possam discutir de forma construtiva, clara e frontal, aquilo que são os aspectos fundamentais da nossa sociedade. É pelo menos isso que nos pede o povo português e é dessa maneira que entendo o funcionamento da democracia.

O líder do Partido Popular fez uma intervenção sistemática em que apresentou a sua própria visão do problema em debate e um conjunto de soluções. Gostava de me referir a alguns aspectos fundamentais dessa matéria, deixando, obviamente, para o final alguma referência a uma questão formal, embora a considere secundária, que tem passado pelo essencial das intervenções e acerca da qual penso que deveria fazer uma referência.

Em primeiro lugar, gostaria de dizer que a interpelação e, portanto, o diagnóstico, levanta um problema interessantíssimo do ponto de vista da política macroeconómica, que é o das alternativas. O Sr. Deputado Manuel Monteiro colocou, em termos de alternativa, inflação e emprego, convergência nominal e convergência real. No fundo, apresentou uma solução que seria simplesmente apostar no emprego em detrimento da inflação, apostar na convergência real em detrimento da convergência nominal. Realmente, a realidade podia ser mais simples do que é mas não podemos declarar a realidade, que é complexa, simples apenas porque é mais difícil fazer política com uma realidade complexa como a que temos agora. Portanto, não é por uma operação de decretar que as economias são simples que elas o são; as economias das sociedades em que vivemos são complexas.

Curiosamente, a expressão que usou do travão e do acelerador, permite responder formalmente à sua questão. Como saberá, um condutor normal, usa o pé ora no travão ora no acelerador e não faz sentido usar os dois pés até porque é incómodo, mas qualquer razoável piloto de rali — e suponho que quem exerce funções políticas importantes tem que se assemelhar, do ponto de vista da eficácia com que o faz, a uma competência mais eficiente — tem que saber acelerar e travar simultaneamente com o mesmo pé para poder enfrentar certas situações. E a Europa e Portugal têm essencialmente essa questão pela frente, o problema é exactamente combater a inflação e o desemprego, conseguir «casar» convergência nominal com convergência real. É isso que este Governo está e vai fazer e essa é uma questão absolutamente decisiva que precisa de resposta.

Nesse sentido dir-lhe-ia, para usar uma expressão que usou e que me agrada muito, que a articulação entre lucro, investimento e emprego é decisiva. Fez muito bem em trazê-la aqui, mas propunha-lhe uma pequena reflexão sobre o que é que liga lucros a investimento e o que é que liga investimento a emprego. Serei acusado de ser tecnocrata, não faz mal nenhum, mas dou-lhe o seguinte exemplo: em Portugal, cada 100 unidades de aumento de investimento — e estou a falar de investimento privado, que foi o que a vossa bancada apresentou como fundamental, de investimento de empresas privadas, baseado em competitividade, em eficiência industrial ou em eficiência na área dos serviços — induzem, actualmente, em termos de produto, de actividade nacional, qualquer coisa como 4 a 5%, ou seja, cada 100 unidades de aumento de investimento determinam 4 ou 5 unidades de estimulo indirecto e imediato à nossa actividade. Porquê? Porque 75% dos bens de equipamento são importados, o mesmo acontecendo com 35% dos bens de consumo. Portanto, a questão fundamental que temos aqui também é a de estimular o investimento, ao mesmo tempo que criamos ca-

pacidade nacional para produzir mais bens de consumo e de equipamento. Enquanto não entendermos que esta é a questão fundamental, bem podemos esgrimir com prazos passados, presentes e futuros que os problemas fundamentais da nossa economia e da nossa sociedade não se resolvem.

No essencial, é isto que é preciso e, por isso, insistirei permanentemente no investimento, como variável chave, do ponto de vista qualitativo.

É preciso que nos habituemos a perceber que, em Portugal, coloca-se um desafio de competitividade e de espaço para respirar essa competitividade — e já lá voltarei —, para criar uma base empresarial moderna e competitiva, num ambiente social solidário, sem o qual a força para realizar essa mudança não existirá.

Do ponto de vista da política macroeconómica, este Governo, ao contrário do que se diz, tem uma política concreta, apresentou, com toda a clareza, a articulação entre o combate ao desemprego e o controle da inflação e tem uma política clara de articulação entre a convergência nominal e a convergência real, ao contrário das várias posições que existem no espectro partidário português, que é a de escolherem o seu clube e o seu partido em função destas duas coisas absolutamente decisivas. Não há, para Portugal, convergência nominal sem convergência real; se acentuarmos a convergência nominal à custa da produção, do emprego e do crescimento, não podemos sustentar a convergência nominal, se procurarmos a convergência real à custa da convergência nominal, não temos investimento, não temos crescimento, nem temos emprego. Isto é claríssimo, qualquer português sabe que assim é, por mais que se diga que não. Por isso é que digo que, em política, as palavras nem sempre são boas esclarecedoras do ponto de vista dos problemas fundamentais.

O Sr. José Calçada (PCP): — Muito bem explicadinho!

O Orador: — Acha que está bem explicado?

O Sr. José Calçada (PCP): — Muito bem!

O Orador: — Óptimo!

*Aplausos do PS.*

O Sr. António Filipe (PCP): — Está dispensado de fazer o desenho!

O Orador: — Muito bem!

Mas, já que o Sr. Deputado fez o aparte e respondi, quero dizer-lhe que me parece fundamental perceber que, em política, nos países em que vivemos, os problemas que temos hoje não se resolvem com intenções e com palavras bonitas. As políticas e as regras para fazer funcionar as economias, nestas sociedades, exigem, obviamente, rigor, solidez e que passemos um pouco adiante de meras intenções ou de meras generalidades. É tão simples como isto e se daqui resultar algum efeito pedagógico talvez não seja mau.

A segunda questão fundamental que o PP colocou e a que gostaria de me referir é a da recusa da moeda única. Porquê recusar a moeda única? Porque ela é, digamos assim, a raiz dos nossos problemas e induz o essencial da trajetória negativa da economia portuguesa, segundo a vossa argumentação.

Bom, mas não estamos em moeda única. Estamos numa situação de funcionamento de um sistema monetário europeu, com regras que já foram mais rígidas e hoje são

um pouco mais largas, e estamos a construir uma União Europeia que tem como um dos seus pilares a integração monetária.

Recusar a moeda única, em nome do que está a acontecer, é um pouco complicado, na medida em que a moeda única tem quatro vantagens fundamentais em relação às quais nos termos de referir, não digo para a aceitar mas para a não recusar. Não podemos referir-nos apenas ao processo e ao passado, termos de saber quais são as quatro vantagens da moeda única.

Em primeiro lugar, a moeda única tem uma vantagem de estabilidade. A moeda única, se implementada com êxito — e também já lá voltarei —, induzirá a uma nova estabilidade na União Europeia e nas economias europeias, a qual, obviamente, é propiciadora de investimento, é um meio para gerar um novo ciclo de crescimento e, embora não seja uma condição suficiente, é uma condição necessária para um novo ciclo de crescimento estável e sustentado na Europa.

A segunda vantagem da moeda única tem a ver com o facto de ela vir a dar um contributo inestimável, do ponto de vista de uma questão inescapável no funcionamento das economias modernas: podemos não gostar da globalização, mas o que é certo é que a globalização, tal como está organizada e sem a capacidade de resposta que deveria existir e que é preciso construir por parte dos Estados nacionais e das instituições supranacionais, criou uma situação de transmissão da instabilidade do sector financeiro ao sector real. O sector financeiro está mais globalizado do que o sector real, os mercados cambiais, os mercados de capitais têm uma forte componente especulativa e o que está a acontecer, exactamente por insuficiência de criação de mecanismos de regulação supranacional, é que a instabilidade dos mercados financeiros se transmite à economia real, que fica «encaixotada» em ciclos pequenos e instáveis de crescimento, com custos significativos em termos de emprego.

Portanto, o segundo aspecto vantajoso da moeda única é o de limitar o impacto da instabilidade de funcionamento do sistema financeiro sobre a economia real.

A terceira vantagem absolutamente decisiva para Portugal é a baixa das taxas de juro, porque a parte das taxas de juro que é afecta à manutenção das paridades cambiais entre países europeus deixará de ser necessária e, portanto, podemos esperar daí um benefício, em termos de queda das referidas taxas.

Um outro aspecto ainda associado a este e que é absolutamente decisivo é o de criar em Portugal um mecanismo de apoio a uma correcção do nosso sistema de preços. O preço relativo do investimento, em Portugal, é elevadíssimo, enquanto o preço relativo do consumo é baixo, pelo que a moeda única vai ajudar a um ajustamento estrutural na nossa economia, a que o investimento fique proporcionalmente mais barato e o consumo fique proporcionalmente mais caro, permitindo favorecer o ajustamento estrutural que temos de fazer e a opção sustentada em favor da competitividade.

No essencial, é em nome destes factores que temos de discutir a moeda única e não em nome das dificuldades. Devo dizer que a posição deste Governo é clara, em termos de política de integração europeia, no sentido de dizer que este não é o único pilar da construção europeia. Para além da integração monetária, a Europa precisa de formas de integração orçamental, de respostas internas para os problemas da competitividade e para os problemas sociais e regionais e, obviamente, tal como nas economias

nacionais, não há possibilidade de sustentar a convergência real e a convergência nominal, sem uma Europa que defende a integração monetária, a integração orçamental e a competitividade com coesão económica e social. Isto é absolutamente decisivo e, nessa medida, este Governo não defende a construção da Europa, com base na moeda única, antes, tem uma posição clara em favor da moeda única articulada com todos os outros aspectos que são fundamentais para construir uma Europa competitiva, moderna, com preocupação social e promotora de emprego, pois a verdade, sem qualquer forma de escamotear a questão de fundo, é que a Europa tem perdido competitividade e tem de enfrentar uma crise fundamental de desemprego estrutural.

Quanto à questão da posição europeia articulada com o problema do GATT, diria que o nosso problema reside numa expressão usada pelo Deputado Manuel Monteiro, ao pedir ao Governo que atacasse o GATT. E por que não atacar o GATT?! E por que não atacar o TRIP ou o TRIM?! O nosso problema é exactamente esse! É que a Organização Mundial do Comércio não envolve apenas o GATT, envolve também o comércio de serviços, os aspectos de propriedade intelectual e inovação associados ao comércio internacional e os aspectos relacionados com o investimento. O nosso problema é que temos, sistematicamente, uma perspectiva de fecho do nosso mercado interno e de internacionalização apenas pelo lado do comércio. Ora, como as nossas relações internacionais, nessa perspectiva fechada, são estritamente de comércio de exportação, é óbvio que abandonamos aspectos fundamentais da nossa afirmação em mercados externos e não temos capacidade para desenvolver a nossa economia.

Portanto, no essencial, este Governo recusa basear uma política de estímulo à produção virada para o mercado interno ou para empresas sem capacidade competitiva nos mercados internacionais. Parece-me que, ainda que adoptássemos as sugestões de uma política macroeconómica virada para o emprego e a tal inflação à medida, isso significaria, claramente, a inversão da situação actual, que se caracteriza por uma taxa de inflação entre os 2,5% e os 3% e um crescimento dos salários nominais entre os 4,5% e os 5%. Qualquer pessoa sabe — não é preciso números — que, actualmente, em Portugal, os salários reais estão a crescer e o consumo acompanha esse crescimento. Essa situação é claríssima e, portanto, se optarmos por uma política de emprego, descurando a inflação, não conseguiremos criar emprego porque não damos confiança e estabilidade para o investimento e damos cabo do estímulo ao consumo que existe, efectivamente, na economia portuguesa, porque os salários reais estão a crescer fundamentalmente com base num crescimento mais moderado, em termos nominais, mas com uma inflação controlada. E, como todos sabem, uma baixa inflação é boa para o investimento e para as classes mais desfavorecidas, que, no fundo, é o que junta neste Governo a preocupação entre solidariedade e competitividade.

Ainda em relação aos aspectos que suscitou, devo dizer que muito mais importante, em matéria de comércio internacional, do que adoptar uma perspectiva fundamentalista, invocando permanentemente *dumping* social, invocando permanentemente a necessidade de uma protecção, invocando sucessivamente a necessidade de travar a abertura competitiva dos mercados, é defender uma política clara.

Desse ponto de vista, parte das críticas que fez em relação ao passado estão certas, na medida em que, para uma economia como a portuguesa, não é possível jogar o

jogo da integração na Organização Mundial do Comércio e jogar competitivamente a sua inserção económica mundial sem tempo para o fazer. O que temos de invocar, e têmo-lo feito, aliás, têmo-lo feito de forma exemplar — essa é uma posição chave deste Governo —, é que precisamos de tempo. Na nossa opinião, o período de transição para a Organização Mundial do Comércio é um período para durar e que deve ser usado para fazer um ajustamento estrutural em Portugal. O tempo, a margem de manobra para que, com os nossos próprios recursos e com boas políticas, possamos fazer o ajustamento estrutural, é que é fundamental. Não precisamos de mecanismos artificiais para manter empresas não competitivas que, mesmo com toda a protecção, não podem continuar a basear o seu funcionamento nos factores que criaram.

Finalmente, gostava de dizer que, sendo estas duas questões absolutamente fundamentais, tendo sido colocadas e respondidas, do ponto de vista daquela que era a componente a que era necessário responder, porque são questões que foram directamente à política macroeconómica, à política de investimento, à questão europeia e à questão do comércio internacional, as quais têm a ver com as minhas responsabilidades, o Governo, seguindo a linha de fazer face a esta situação, pode hoje discutir, em Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, uma estratégia de recuperação das empresas em situação difícil que, no essencial, se baseia na construção de uma resposta sistemática a este problema.

Na sequência da discussão que vai ter lugar em Conselho de Ministros na próxima quinta-feira, para aprovar essa resolução, terei oportunidade de apresentar em primeira mão aos parceiros sociais, porque se trata de um sistema que precisa de ser construído com total confiança e estabilidade e com um conjunto alargadíssimo de iniciativas que sejam feitas e levadas à prática de uma forma operacional.

De qualquer forma, gostava de deixar claro que essa estratégia assenta em coisas extremamente simples, ou seja, em regras claras e fundamentalmente na quebra da inéria de uma situação que não me interessa discutir se é ou não da responsabilidade do governo anterior. Devo dizer, aliás, como já pude aqui afirmar, que aceitei plenamente as responsabilidades governamentais que aceitei e, quando o fiz, sabia qual era a situação existente, mas não me obriguem a não dizer que, por exemplo, desde 1992 as dívidas ao Estado e à segurança social aumentaram ao ritmo de 140 milhões de contos, não me obriguem a não dizer que tenho pela frente uma situação de 1100 milhões de contos de dívidas ao fisco e à segurança social. A não ser que queiram que o Governo não trate destas questões?... Podemos fazer essa tentativa, ou seja, não falarmos destas questões fundamentais da sociedade portuguesa e, em consequência, não temos de as resolver. Não estamos interessados nisso e, portanto, não numa lógica de falar da herança mas de mostrar que há problemas gravíssimos na sociedade portuguesa que têm de ser resolvidos com grande coragem, é preciso, nomeadamente, restabelecer uma regra fundamental, em Portugal, que é a de as empresas pagarem impostos, pagarem à segurança social e respeitarem os direitos ambientais e laborais. Esta é uma regra fundamental para que a nossa economia seja competitiva e solidária.

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**O Orador:** — Por outro lado, um Estado e um Governo que não sejam permissivos a formas de concorrência

desleal são fundamentais para que exista confiança e investimento.

**O Sr. Vieira de Castro (PSD):** — É o caso do bingo!...

**O Orador:** — Meu amigo, terei todo o prazer em falar sobre o caso do bingo, quando estiver na ordem de trabalhos, agora deixe o caso do bingo em paz.

*Protestos do PSD.*

Já que os Srs. Deputados gostam muito de interromper....

**O Sr. José Saraiva (PS):** — Alguns!

**O Orador:** — ... devo dizer que, em relação ao aparte sobre o caso do bingo, terei todo o prazer em responder ao PSD, seja numa Comissão, seja numa reunião com o Grupo Parlamentar do PSD, seja em Plenário. Quando quiserem, respondo integralmente à sua preocupação. Agora, deixem-me seguir o meu raciocínio.

Em relação à questão fundamental de acabar com essas situações, o que é que é preciso fazer? Para o caso das empresas em situação difícil vai haver um esquema que se baseia numa lógica muito simples. O que precisamos é de capacidade empresarial e de um sistema financeiro que funcione em termos de regenerar esta situação. O Estado não se pode substituir à capacidade empresarial, o Estado não se pode substituir ao sistema financeiro! As soluções têm de ser encontradas no mercado e pelo mercado e o Estado tem de assumir a sua responsabilidade, que é favorecer esse casamento.

Portanto, no essencial, e ao contrário do que se tem dito, as medidas vão ser claríssimas sob o ponto de vista de fortalecer a aquisição de empresas em dificuldades por empresas em crescimento e com dinamismo; de favorecer drasticamente a transformação em empresários sólidos, de quadros, sejam das empresas, sejam fora delas, que queiram correr esse risco, que devem ter apoios em termos não *ex ante* mas *ex post* para poderem adquirir essas empresas com base no sucesso da sua capacidade de gestão. Temos de permitir que isso seja feito com o acesso a essa oportunidade de quadros jovens, licenciados, que, eventualmente, tenham dificuldades em encontrar emprego como assalariados e que talvez o encontrem como gestores e empresários. Esse processo vai ser incentivado com base em regras claras e com mecanismos em que o Estado não vai abdicar dos seus direitos, não vai beneficiar o infractor, não vai fazer perdões.

Em segundo lugar, temos de pôr o sistema financeiro, sem violação da regras de mercado, a incentivar esta situação. Como é que isso vai ser feito? Com um sistema de garantia de risco, que vai permitir inverter a situação de penalizar quem mais precisa, «sem dar cabo» do mercado, mas, pelo contrário, incentivando o mercado. A criação do sistema de garantia de risco, tecnicamente fácil de fazer, pressupõe obviamente uma discussão com o sistema financeiro, que vai permitir que as empresas que precisam de apoios financeiros o tenham para a sua consolidação.

Finalmente, o Estado vai dar, como tem de dar, um contributo a esta situação, resolvendo a sua própria competitividade, ou seja, um processo falimentar que funcione, um processo de recuperação de empresas credíveis, com medidas imediatas para resolver, por exemplo, problemas que toda a gente sabe que existem mas que não

foram resolvidos ao longo de muito tempo, como seja a figura do gestor judicial, como seja a credibilização de contas das empresas, como seja todo um conjunto de coisas que toda a gente conhece e que basta ter coragem para as poder fazer.

Portanto, não me vou preocupar com a questão de estar ou não a governar, mas, com calma, com tranquilidade, como tenho dito, as coisas vão sendo feitas e vão ser feitas com estratégia, ao contrário do que nos acusam, de só termos resposta casuística. É exactamente ao contrário.

Quanto ao célebre problema das nacionalizações, que voltou a estar na ordem do dia, devo dizer que a conversão de créditos em capital só será usada para favorecer exactamente quem tiver capacidade empresarial, isto é, quem tiver capacidade de gestão terá possibilidade de poder beneficiar do sucesso da sua capacidade. Obviamente, isso será sempre feito com base em acordos efectivos que permitam a recompra e o pagamento dessas participações de capital, com base no êxito da operação de recuperação.

Gostaria de concluir, dizendo que, no essencial, o que aqui está é uma lógica serena de aposta na credibilidade da economia portuguesa, e este Governo, com calma, vai mostrar que, em pouco tempo, é possível fazer mais do que outros fizeram em muitos anos. E vou dar apenas dois exemplos.

O trabalho que foi feito em torno das empresas em situação difícil, em seis meses, foi um diagnóstico mais profundo com a definição de uma estratégia clara, nomeadamente numa questão tão importante como a internacionalização e o «virar» da nossa economia para o exterior. Aliás, o mérito não é do Governo, estou à vontade para o dizer, é dos empresários portugueses, sendo dessa perspectiva que vemos o crescimento da nossa economia e o investimento.

Este Governo conseguiu, com uma orientação nova em termos de política externa e de política económica, que os empresários portugueses, em cinco dias, investissem no Brasil cinco vezes mais do que em cinco anos. É este o clima que é preciso criar e é neste sentido que se está a trabalhar.

Agora, entendamos que este Governo tem uma política clara, quer internamente, quer para a Europa e, no essencial, não aceita protecionismos, não aceita visões estreitas da economia nacional, aceita, sim, ao contrário das experiências do passado, não olhar para dentro nem ficar à espera do choque que vem de fora.

É preciso ter confiança nos nossos recursos, na nossa capacidade empresarial, na nossa capacidade de trabalho e, com base nisso, a variável central do êxito para estes problemas está no investimento público e privado, numa base económica moderna e competitiva, mas com uma grande atenção aos problemas regionais e sociais, porque obviamente essas duas coisas têm, fundamentalmente, de dialogar. Toda a gente vai ter esse quadro, não de diálogo para não decidir mas para fazer face a um ajustamento estrutural fundamental, que foi, sistematicamente, adiado por soluções de facilidade. Ora, é esse adiarmento e essas soluções de facilidade que estão na base das críticas ao Governo, que, por isso, está a montar, com tranquilidade e com segurança, um sistema em que isso vai acabar. A sucessiva dependência, o não pagamento ao Estado, a permanente «minagem» das regras de uma economia de mercado em nome dessa economia de mercado, vai acabar, curiosamente, com um Governo socialista, mas vai

acabar neste País. Essa é uma questão fundamental para termos investimento e crescimento, e não para termos «conversa» sobre emprego, através de uma resolução efectiva, a médio prazo, dos problemas de emprego na nossa sociedade.

*Aplausos do PS.*

**O Sr. Presidente:** — Respeitando o princípio de alterância, para pedir esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Encarnação.

**O Sr. Carlos Encarnação (PSD):** — Sr. Presidente, Sr. Ministro, vou colocar-lhe uma questão para reflexão. Antes disso, devo dizer-lhe que gostaria que essa política não acabasse «com um Governo socialista». Penso que há, na sua última frase, uma questão de pontuação, suponho que haverá á uma vírgula entre as duas coisas. Espero que esta política não vá acabar com o Governo socialista!

Sr. Ministro, tenho à minha frente uma entrevista feita a um colega seu, membro do Governo, e gostaria de ouvir o seu comentário a duas respostas dadas. É que eu comprehendi o que o Sr. Ministro disse, o que comprehendo mal é que haja duas visões sobre coisas idênticas, ou seja, que haja uma política em relação à economia e que haja uma outra política em relação ao emprego, e que estas duas conflitem. É esse o problema concreto no mesmo Governo.

Se me permitir, vou ler apenas as duas perguntas e as respectivas respostas. A primeira pergunta é esta: «A política anti-inflacionista está a destruir postos de trabalho?» Resposta: «Uma política anti-inflacionista, na medida em que cria maior estabilidade, é propícia à criação de emprego, simplesmente há um limiar a partir do qual o efeito que tem nas taxas de juro começa a ser prejudicial para essa criação de emprego».

Segunda pergunta: «Estaria disposta a ter um pouco mais de inflação?» Resposta: «Estamos em patamares tão baixos de inflação que se pequenas oscilações conseguirem repercutir-se numa baixa da taxa de juro real, isso poderá ser uma escolha adequada».

Ou seja, Sr. Ministro, as visões que V. Ex.<sup>a</sup> tem e as visões que resultam desta entrevista são diferentes. V. Ex.<sup>a</sup> entende que a baixa da taxa de juro é uma condição essencial, há outras pessoas no seu Governo, no mesmo Governo, que entendem que pode haver uma taxa de inflação com subida virtual. E como isso são questões essenciais, do ponto de vista macroeconómico, para definir a política que V. Ex.<sup>a</sup> e o seu Governo vão seguir, gostaria que reflectisse sobre isto, aqui perante nós, e nos dissesse qual era a sua posição e, de preferência, qual era a posição que tinha maior valor, maior peso dentro desse Governo.

**O Sr. Carlos Coelho (PSD):** — Muito bem! A pergunta é embaraçosa!

**O Sr. Presidente:** — Para responder, tem a palavra o Sr. Ministro da Economia.

**O Sr. Ministro da Economia:** — Sr. Presidente, Sr. Deputado, talvez deva correr o risco de dizer que não é embaraçosa, antes mesmo de responder

Sr. Deputado Carlos Encarnação, agradeço a questão que colocou, ultrapassa os méritos do Governo ou da oposição, mas é uma questão muito relevante e importante para o País. No essencial, penso que há aqui dois tempos,

sobre os quais temos de nos entender — e peço-vos que não me falem do passado por aquilo que vou dizer.

Houve uma política anti-inflacionista — e não vou dizer quando nem por quem — que se baseava obviamente numa situação que era a seguinte: como há um défice de competitividade na nossa situação, para conseguir uma revalorização nominal e real do escudo só é possível através de uma taxa de juro mais elevada. Portanto, se quero que se procure em escudos e não tenho competitividade na produção de bens e serviços, tenho de ter competitividade na aquisição de títulos de dívida pública, e a competitividade virá pela taxa de juro. O que é que essa política induz? Ela contribui para a baixa da taxa de inflação mas com uma situação perversa, uma vez que a produção nacional é «expulsa» pelas importações que se tornam mais competitivas. Aliás, isto era um dos argumentos que estava na interpelação do Partido Popular.

Portanto, quando se discutem políticas inflacionistas tem de se perceber qual é o mecanismo. Devo dizer que essa política contribuiu, com *overdose* de política cambial, para que este Governo tivesse uma situação que pode consolidar do ponto de vista de baixa inflação. Claríssimo! Agora, está a ser considerada, curiosamente, sem ser à custa da produção nacional. Esta é uma novidade!

Assim, no essencial, temos condições — e é isso que estamos a praticar — para uma política que é de consolidação de uma baixa inflação sem ser à custa da produção nacional. Temos condições para o fazer, articulando uma política de baixa inflação com o estímulo à produção nacional. Aliás, no quadro das visões pessimistas sobre o Governo, eu chamava a atenção para as declarações do Governador e do Vice-Governador do Banco de Portugal que, no essencial, disseram, ontem, que o Governo tem boas condições para atingir os objectivos macroeconómicos e para cumprir aquilo que é a sua meta de défice orçamental.

Obviamente, haverá quem se entretenha a dizer que havia uma taxa de crescimento do produto prevista de 3%, que o Banco de Portugal, no fundo, vai dizer que pode ser entre 2 e 2,5% e vai haver pessoas muito interessadas a dizer que esse meio por cento é decisivo; aquilo que um técnico, que é uma pessoa menos apegada às coisas mais entusiasmantes do dia-a-dia, dirá é que, no essencial, o Banco de Portugal, como entidade independente que é e com todo o valor que lhe é inherente, aquilo que disse ontem é que há boas condições macroeconómicas para que os grandes objectivos sejam alcançados.

Quanto à questão do esclarecimento concreto que me pediu, penso que não há contradição. Ou seja, é normal que se acentue enquanto não está adquirido, com uma situação em que é perfeitamente demonstrável a compatibilidade entre controlar a inflação e tê-la o mais baixo possível sem ser à custa da produção nacional, que exista quem possa dizer que há experiências de redução da inflação que são feitas à custa da produção nacional e, portanto, do emprego. A nossa possibilidade é a, de hoje em dia, não ter contradições entre mim e a minha amiga Maria João Rodrigues, mas de ter — até mais interessante — a possibilidade de não ter contradições entre a consolidação da baixa de taxa de inflação e uma política de emprego e desenvolvimento da produção nacional.

*Aplausos do PS.*

**O Sr. Presidente:** — Para pedir esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Monteiro.

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — Sr. Presidente, Sr. Ministro, quero, em primeiro lugar, dar-lhe sinceramente os meus parabéns. E por uma razão: foi a primeira vez, em muitos anos, que vi, de uma forma séria e de uma forma intelectualmente correcta e elevada — e não tenho as suas opiniões nem as suas ideias —, defender determinado tipo de pontos de vista e defender determinado tipo de ideias, quer no campo da macroeconomia quer no da microeconomia. Quero, pois, saudá-lo, como líder do Grupo do Partido Popular, precisamente pela forma como assumiu, com coragem, as ideias e as posições que tem.

Penso que é de dar esta nota, tendo nomeadamente em atenção que, muitas vezes, algumas pessoas que sustentam o Governo com total legitimidade, quando sobem àquela tribuna, dizem exactamente o oposto daquilo que V. Ex.<sup>a</sup>, hoje, aqui veio sustentar de uma forma honesta e intelectualmente séria.

Posto isto, Sr. Ministro, permita-me três questões simples.

**O Sr. Henrique Neto (PS):** — Contra factos, não há argumentos!

**O Orador:** — Não há nada a fazer!

**O Sr. Joel Hasse Ferreira (PS):** — Deixem-nos trabalhar!

*Risos.*

**O Sr. Presidente:** — Sem diálogo directo, Srs. Deputados!

**O Orador:** — Os senhores distraem-me e depois a imprensa, com as minhas distracções, dá-me «pancada».

**O Sr. Secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares (António Costa):** — Hoje, a sua bancada é muito feminina!

**O Orador:** — Sr. Presidente, o Sr. Secretário de Estado disse que hoje a minha bancada é muito feminina. Lembranças do passado!...

*Risos.*

Sr. Ministro, sobre a questão das empresas falidas, estamos completamente de acordo que é inadmissível, insustentável, que se faça concorrência desleal dentro do próprio Estado. O que perguntamos ao Governo, claramente, é se vai ou não fechar as empresas, se vai ou não permitir que as empresas que fazem concorrência desleal permitam continuar a ter actividade.

Como sabe — e isso parece não ter sido bem entendido por alguns, a propósito do debate sobre os têxteis —, o meu partido propôs aqui o chamado «momento zero». Houve quem entendesse que querímos perdoar as dívidas todas que estavam para trás. Não era, rigorosamente, nada disso! Como penso que terá entendido, aquilo que propusemos é que, a partir daí, se definissem prazos para começar a pagar e que quem começasse a pagar estabelecesse prazos de negociação para pagar aquilo que estava para trás. Propusemos, ainda, contra quem não cumprisse esses mesmos objectivos, pura e simplesmente, que o Estado deveria intervir judicialmente e que as dívidas que tivesse, quer à segurança social, quer ao fisco, fossem imediatamente executadas.

De facto, não posso aceitar que trabalhadores em empresas mal geridas estejam a contribuir para levar para o desemprego milhares e milhares de trabalhadores em empresas bem geridas.

Portanto, queria perguntar a V. Ex.<sup>a</sup> se essa é também a intenção do Governo, porque há aqui, nesta matéria, um ponto muito importante que não entendi: o que é isso do crédito do Estado em relação às empresas que estão em dificuldades? Sinceramente, não entendi. Como isso ainda não foi devidamente explicado, poderá levar à ideia de que o Governo se prepara para fazer uma outra vaga de nacionalizações — não estou a afirmá-lo, estou apenas a perguntar porque creio ter entendido o alcance da medida do Governo e, eventualmente, poderei estar de acordo com ela mas creio que era fundamental que o Sr. Ministro pudesse explicitar aqui, perante a Câmara, o alcance disto.

Quanto ao GATT, Sr. Ministro, com todo o respeito, nesta matéria, de facto, não nos entendemos. E não nos entendemos por uma razão muito simples: é que vai chegar o dia em que a Alemanha e a França vão pedir a renegociação do GATT; vai chegar o dia em que a Alemanha e a França, quando deixar de lhes ser conveniente fazer os negócios que, actualmente, estão a fazer, esses mesmos países procurarão renegociar todo o GATT, procurarão defender a preferência comunitária e procurarão defender as suas fronteiras.

**O Sr. Presidente:** — Para responder, tem a palavra o Sr. Ministro da Economia.

**O Sr. Ministro da Economia:** — Sr. Presidente, Sr. Deputado, quanto à questão da concorrência desleal e das nacionalizações, peço desculpa mas gostaria de privilegiar os parceiros sociais e o ritmo que o Governo a si próprio se atribuiu nesta matéria. Terei oportunidade, na sexta-feira, de esclarecer tudo isso e terei todo o gosto em vir aqui, repito, a qualquer comissão especializada ou ao Plenário discutir essa matéria. No essencial, devo dizer que a concorrência desleal pode ser enfrentada sem obrigar ao fecho das empresas, não é necessário chegar à medida mais radical.

Por outro lado, quanto às nacionalizações, gostava de vos deixar absolutamente tranquilos, porque aquilo que faremos é exactamente o contrário. Ou seja, temos insistido com clareza que, numa economia como aquela em que vivemos, as empresas privadas são tuteladas pelo mercado e não pelo Estado. Por isso, o Governo não dará aí nenhum exemplo para fugir a essa situação: quem tutela as empresas privadas é o mercado e elas são boas, más ou assim-assim em função da capacidade empresarial que tenham no mercado.

O Estado deve ter regras políticas, desenvolver infraestruturas e apoiar as empresas para «andarem mais depressa» no processo de ajustamento estrutural. É exactamente por isso que o sistema que vamos montar é um sistema de garantia de risco e não um sistema de crédito; aquilo que o Estado vai fazer é partilhar o risco para «segurar» as relações entre o sistema financeiro e os empresários, para garantir que, em vez de se «descer as escadas», se «suba as escadas». É tão simples quanto isso e é feito em muitos outros países, pelo que não tem uma dose tão inovadora como parece, embora seja muito desafiante para uma sociedade e para uma economia que se habituaram a andar «demasiado devagar» e a não acompanhar o ritmo da História.

Quanto à questão do GATT, não nos entendemos, obviamente, mas esta é uma questão fundamental. Está hoje a produzir-se no mundo uma relação diferente, pois já não há oposição entre agricultura e indústria, nem entre agricultura, indústria e serviços. Aquilo que existe é a possibilidade ou a não possibilidade de economias e sociedades acederem ao que são as regras fundamentais do que faz

hoje a produção e a distribuição de riqueza. No essencial, o que está em causa é a capacidade de desenvolver novos produtos, novos processos, de sustentar desde o princípio a actividade económica e não, como em Portugal...

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — A questão é que as regras não são iguais!

**O Orador:** — Mas a questão não é a de as regras serem iguais.

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — É uma das!

**O Orador:** — A questão, tenho tido oportunidade de o dizer, é que temos de escolher onde estamos. Tendencialmente, sempre que se ataca o GATT, significa que — tenho insistido nisso e é fácil de demonstrar — temos medo da Alemanha, da França, do Canadá, de Marrocos, do Paquistão, da Índia, do Reino Unido. Nessa discussão, quem exprime esse tipo de opinião fundamentalista contra o GATT, mostra que Portugal tem medo de todas as outras economias. Ora, nós temos de escolher se temos medo da Alemanha, dos Estados Unidos da América e do Japão ou se temos medo da Índia, do Paquistão, de Marrocos e da Namíbia. Não podemos ter medo de tudo e de todos. A questão fundamental é a da confiança no nosso processo de ajustamento estrutural e, obviamente, há que ter uma «balança» entre custos e oportunidades, e o desafio para a nossa geração é tornar as oportunidades maiores que os custos — e é isto o que este Governo fará.

*Aplausos do PS.*

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — O Sr. Ministro já foi empresário?

**O Sr. Presidente:** — Para pedir esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado Vieira de Castro.

**O Sr. Vieira de Castro (PSD):** — Sr. Presidente, Srs. Ministros, Sr. Secretário de Estado, Sr. Ministro da Economia, antes de mais, gostaria de dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que não queria que visse no aparte que há pouco fiz uma atitude de menor respeito. Os apartes estão previstos no Regimento desta Casa, nunca têm nada de pessoal. Eu tive, Sr. Ministro, que fazer aquele desabafo porque V. Ex.<sup>a</sup> tinha acabado de dizer duas coisas com as quais estou integralmente de acordo: é necessário combater os factores que distorcem a concorrência e é preciso acabar com a permissividade, em termos de cumprimento das obrigações fiscais e para com a segurança social; mas veio-me imediatamente à memória aquele facto através do qual — e perdão-me que lho diga — V. Ex.<sup>a</sup>, até agora, obteve a sua maior quota parte de notoriedade. Ainda com a mesma sinceridade vai permitir-me que lhe diga que considero que foi um facto negativo: o Sr. Ministro da Economia, até agora, é apenas conhecido pela questão do perdão e não mais do que isso! Sr. Ministro, aqui estarei para lhe fazer justiça, daqui a algum tempo, se a prestação de V. Ex.<sup>a</sup> se não resumir a mais perdões!

Reagi assim, porque o ex-Secretário de Estado do Turismo disse, na televisão, duas coisas: a primeira é que a instituição já tinha sido prevenida relativamente ao incumprimento perante a administração fiscal e, a segunda, que tinha sido alertada quanto às inerentes consequências desse incumprimento. Estamos a falar de uma dívida que repre-

senta, se a memória me não trai, quase meio milhão de contos — 400 mil contos! Mas o ex-Secretário de Estado do Turismo disse ainda que a instituição tentou pagar a dívida com três cheques sem cobertura, Sr. Ministro! Já não sei repetir os valores desses cheques, mas creio que era um de 40 mil contos, aproximadamente, outro de 27 e outro de 32 mil contos.

Queria saber se o Sr. Ministro me consente, a mim, que, depois de eu ter um comportamento idêntico em relação ao meu IRS, ainda tem contemplação para comigo. Se tiver, vou dizer que o Sr. Ministro está a dar um golpe de morte na credibilidade da administração fiscal. Fez-me lembrar Frei Tomás: «faz como ele diz, não faças como ele faz».

O Sr. Ministro é contra a permissividade — estou do seu lado; o Sr. Ministro é pelo cumprimento das obrigações fiscais — continuo ao seu lado; mas, depois, o Sr. Ministro tem brandura e consente permissividade. Mas, mais grave, Sr. Ministro, é que, porventura, a sua decisão não assenta só no seu bom coração, pois há um fiscalista muito conhecido que diz que o Sr. Ministro não tinha cobertura legal para fazer o que fez.

Queria perguntar ao Sr. Ministro duas coisas muito simples: primeira, qual foi a disposição legal ao abrigo da qual o Sr. Ministro concedeu aquelas condições de regularização? Segunda pergunta: o que é que o Sr. Ministro considera permissividade?

**O Sr. Presidente:** — Para responder, tem a palavra o Sr. Ministro da Economia.

**O Sr. Ministro da Economia:** — Sr. Presidente, vou ser muito breve porque tenho um avião para apanhar, e não quero perdê-lo. Além disso, com todo o respeito que tenho pelo Sr. Deputado Vieira de Castro, já disse anteriormente: responderei à questão do bingo quando for matéria de bingo. A matéria de hoje é o desemprego e eu não misturo bingo com desemprego. Desculpe.

*Aplausos do PS.*

**O Sr. Joel Hasse Ferreira (PS):** — Desemprego, para o PSD, é o bingo!

**O Sr. Presidente:** — Para uma intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Rodeia Machado.

**O Sr. Rodeia Machado (PCP):** — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados: A interpelação que hoje aqui se faz ao Governo, sobre as questões do emprego e desemprego, parece, à primeira vista, ter objectivos idênticos àqueles que, na semana passada, o PCP fez ao Governo sobre a profunda crise social que assola o País. E digo parece, porque a grave situação de crise social em que se vive deveria motivar um exercício de consciência política devidamente direcionada para quem, de facto, se encontra excluído, senão mesmo marginalizado, da sociedade. Mas todos sabemos que as motivações políticas do CDS-PP são totalmente divergentes dos interesses dos trabalhadores, da defesa dos seus valores, direitos e aspirações.

**O Sr. Lino de Carvalho (PCP):** — Muito bem!

**O Orador:** — Os direitos dos trabalhadores não são coincidentes com os interesses do grande patronato que,

obviamente, o CDS-PP exprime nesta Assembleia. Daí que resulte dizer que esta interpelação por parte do CDS-PP sobra em palavras o que lhe falta em conteúdo. Desde logo, porque foi o CDS-PP que, na Assembleia da República, viabilizou o Orçamento do Estado que, como se sabe, cumpre no essencial os critérios de convergência nominal de Maastricht, não permitindo, por isso mesmo, o investimento em áreas e sectores fundamentais para o desenvolvimento e crescimento da nossa economia, factor fundamental para a criação de postos de trabalho. E foi este partido, o CDS-PP, que viabilizou um orçamento, gerador de desemprego que vem hoje aqui pedir contas ao Partido Socialista sobre as questões do desemprego em Portugal.

**Vozes do PCP:** — Muito bem!

**O Orador:** — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados: O desemprego atinge hoje em Portugal números alarmantes que, como se disse, deverá já ter ultrapassado os 500 mil desempregados e caminha a passos largos para os 600 ou 700 mil em finais de 1997.

Sem querer ser repetitivo, mas apenas como amostragem da situação, quero aqui reafirmar a grave situação de desemprego que se vive actualmente no Alentejo, e que tem hoje das mais altas taxas de desemprego do País. A agricultura perdeu a grande maioria dos postos de trabalho, fruto da aplicação de uma política negativa, que ao longo de dez anos foi levada a cabo pelos governos do PSD. Não é só na agricultura o problema do desemprego; é no comércio e no sector dos serviços, e sobretudo nas pequenas empresas industriais que viviam de e para a agricultura. O Alentejo tem hoje mais de 40 mil desempregados e cerca de dois mil depois de Janeiro de 1996. As autarquias, os trabalhadores e a população em geral, desde há muito que reclamam um plano de emergência, no sentido de atalhar esta grave crise social que estrangula e asfixia a economia da região. Objectivo, aliás, a que o Governo se comprometeu quando em campanha eleitoral, mas que até hoje não cumpriu. É assim no Alentejo, mas é-o também por todo o País, como, aliás, já aqui foi amplamente demonstrado, durante a interpelação do PCP.

Esta realidade deveria, em nosso entender, ser motivo suficiente para que se desenvolvessem políticas concretas de criação de emprego com direitos. É o bom senso que o determina, são os mais elementares direitos de justiça que o reclamam. O acesso ao exercício de uma profissão, compatível com os conhecimentos e as capacidades dos indivíduos e onde estes se realizem socialmente, constitui um dos mais importantes factores da condição humana e de integração na sociedade. Este é que deve ser o verdadeiro sentido da tão falada modernidade.

Mas não é isto que tem acontecido nos últimos anos. O que tem acontecido nos últimos anos são políticas que promovem situações precárias de emprego. São trabalhadores com contratos a prazo, à tarefa ou a recibo verde, factores que condicionam, de uma ou de outra forma, a liberdade dos trabalhadores e ferem os mais elementares direitos de se sentirem seguros no seu posto de trabalho. Terreno fértil, para quem, sem escrúpulos, se sirva da sua condição precária e utilize todos os meios disponíveis ou não na lei, para cercear os direitos que os trabalhadores têm à contratação, a um trabalho digno e remunerado de acordo com as suas condições e capacidades. A precariedade de emprego conduz a uma cada vez menor qualificação e aptidão para o emprego qualificado. Quem pode

sentir motivação pelo seu trabalho ou pela sua profissão, se não a exerce de forma estável? Há trabalhadores que, a contratos a prazo, à tarefa ou a recibo verde, desempenham num só ano vários tipos de trabalho.

Deverá então interrogar-se: que qualificação? Que estabilidade? Que direitos? Poderá dizer-se, então, que as leis actuais não permitem estas atitudes das entidades patronais. Se não permitem, elas executam-nas e, na prática, são os trabalhadores que se vêem confrontados com esta realidade. É em nome da competitividade que as executam, e é em nome dos interesses económicos que as gerem. Como será então, de futuro, aplicada a lei da flexibilidade e polivalência, se o Governo teimar em levar adiante uma lei que é reconhecidamente contra o mundo do trabalho, pese embora lhe charmem adaptabilidade e polivalência qualificada? A clara e objectiva resposta a esta proposta de lei do Governo, já a começaram a dar os trabalhadores através da discussão pública e dos protestos expressivos.

Voltamos aqui a afirmar, Sr. Primeiro-Ministro, que ainda é tempo de abandonar a proposta da flexibilidade e polivalência, uma proposta que lesa profundamente os direitos dos trabalhadores e das suas famílias e que, por isso mesmo, suscita uma profunda e enérgica contestação social. Alterar a legislação laboral, em nome da competitividade e da produtividade, cedendo ao grande patronato, como foi o caso no acordo de concertação social de curto prazo, sem ter em conta os direitos dos trabalhadores, é, em nosso entender, uma grosseira violação dos preceitos constitucionais. Aliás, continuar a opor o económico ao social e a produtividade ao emprego é apostar no agravamento da conflitualidade e do mal estar na sociedade.

Mude de agulha, Sr. Primeiro-Ministro, e coloque toda a sua capacidade ao serviço de uma política que sirva o povo e o País, ou seja, que sirva aqueles que, em Outubro de 1995, disseram não a essa mesma política que agora teima em prosseguir. Reflcta nas propostas que o PCP aqui trouxe na interpelação que fizemos há uma semana, único caminho sério para que em Portugal o emprego com direitos e a diminuição do desemprego sejam uma realidade.

*Aplausos do PCP.*

**O Sr. Presidente:** — Não há pedidos de esclarecimento. Para uma intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Barbosa de Oliveira.

**O Sr. Barbosa de Oliveira (PS):** — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados: O emprego é uma prioridade do Partido Socialista, não apenas enquanto fonte de rendimento, mas também como meio de realização humana e pessoal. Dissemos-lo enquanto o PSD foi Governo. Reafirmamo-lo agora que o PS tem responsabilidades governativas e a obrigação de inverter a tendência do aumento do desemprego.

A herança é pesada. Os últimos quatro anos do Governo PSD foram de insensibilidade social. O medo instalou-se nas empresas, a precariedade no emprego foi a regra, até e sobretudo na Administração Pública. Enquanto se falava em «oásis», a economia nacional decaima e o desemprego disparava. Aí estão os dados para o demonstrar. Segundo as estatísticas do INE, o número de desempregados subiu de 186 900, em 1992, para 248 300, em 1993; 312 200, em 1994; e 325 400, em Dezembro de 1995 o que representou um aumento de 74% no espaço de três anos. Ou seja, de acor-

do com os números do INE, verificou-se um aumento de 138 500 desempregados em três anos. Em 1996, os números continuam a aumentar: 471 709, em Janeiro; 486 163, em Fevereiro; e 486 932, em Março.

Esta é uma situação que não podemos aceitar. O desemprego foi subavaliado pelos governos PSD. Hoje, está próximo dos 10%.

Para além de o desemprego ter crescido nos três primeiros meses deste ano e, como reflexo dos erros do passado, poder vir a aumentar ainda mais, outros aspectos são igualmente preocupantes: o desemprego jovem representava, no final de 1995, 33,2% do total dos desempregados; o grupo etário de maior potencial activo, entre os 25 e os 49 anos, era aquele que, em média, detinha o maior volume de desemprego (53,4% — cerca de 173 600 desempregados).

De acordo com as estatísticas do INE, o desemprego de longa duração tem vindo a aumentar, passando de 32,6% do total dos desempregados, em 1992, para 40,9%, em 1994; e 46,5%, em 1995. As razões de abandono do último emprego, entre os que, em 1995, procuravam emprego, foram o despedimento e o fim de um emprego de duração limitada, ou seja, emprego precário. Apenas cerca de um terço dos desempregados inscritos nos Centros de Emprego têm subsídio de desemprego, ou subsídio social (158 882 em Janeiro de 1986).

É evidente que o aumento do desemprego, nos últimos seis meses, está fortemente afectado por factores sazonais — o desemprego nos meses de Outubro a Março é sempre mais elevado, em virtude da baixa actividade em certos sectores como a agricultura, a construção civil e a hotelaria. Mas é sobretudo devido à má situação económica e financeira em que centenas de empresas de há muito se encontram, que esse aumento se explica, como demonstram muitos indicadores: 131 706 entidades, em Junho de 1995, tinham dívidas à segurança social; as dívidas das empresas 'à segurança social eram de 425 milhões de contos, em 1995, contra 267 milhões, em 1992; existem situações de ruptura financeira e mesmo de salários em atraso em muitas empresas, sobretudo em sectores particularmente sensíveis como o têxtil, o vidro e a metalomecânica; insuficiente modernização tecnológica, métodos de trabalho e modos de gestão têm limitado a capacidade de grande número de empresas portuguesas.

Ao aumento do desemprego podem ainda associar-se o subemprego, o aumento da insegurança no emprego e, sobretudo, o emprego precário, que não só não constitui uma solução para o desemprego como contribui para um desenvolvimento económico lento e sem modernização.

Cerca de 25% dos contribuintes para a segurança social fazem-no como trabalhadores por contra própria, quando, na sua maioria, são trabalhadores por conta de outrem, obrigados a aceitar trabalhar com recibos verdes ou com falsas empresas em nome individual. É uma situação sem paralelismo a nível europeu.

**O Sr. Artur Penedos (PS): — Muito bem!**

**O Orador:** — O trabalho clandestino, que tem contribuído para o aumento da pobreza e da exclusão social, constitui uma chaga que é preciso combater com determinação. Existem situações de trabalho negro, sem descontos para a segurança social e persiste o trabalho de imigrantes ilegais, até em obras públicas.

**O Sr. Artur Penedos (PS): — Muito bem!**

**O Orador:** — São indispensáveis medidas concretas, eficazes e urgentes de combate ao trabalho infantil, que hipoteca o futuro dos jovens e do País. Não chegam discursos ou mesmo declarações de intenção, como fazia o governo do PSD. É tempo de dizer basta, é tempo de agir!

Estou certo de que o Governo do PS é o tempo de fazer diferente. Seis meses é muito tempo para esperar, concordo, mas é muito pouco tempo para poder mudar tanta coisa que estava mal.

**O Sr. Joel Hasse Ferreira (PS): — Muito bem!**

**O Orador:** — Desde há muito que se sabia que Portugal foi conduzido a uma tal situação pelos governos do PSD. Só o PSD não deu por isso e mais grave é ainda hoje não o reconhecer!

O Governo PS, terminada a elaboração do Orçamento do Estado, concluídos os acordos de concertação de curto prazo e da função pública, feito o levantamento da pesada herança dos governos PSD, tem agora de travar as batalhas do crescimento e do emprego.

Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados: O combate ao desemprego tem de envolver uma coordenação geral de políticas, não só a nível do Governo mas também a nível das empresas e da sociedade em geral. O combate ao desemprego tem de ser um objectivo que nos mobilize a todos. Esse combate é um dos grandes desafios a enfrentar, é a questão central que se coloca, hoje, em Portugal.

Para haver emprego é necessário haver crescimento económico, o que exige, em primeiro lugar, um aumento do investimento público e privado, particularmente em áreas e sectores onde o crescimento do emprego é viável....

**O Sr. Artur Penedos (PS): — Muito bem!**

**O Orador:** — ... e o Governo, no Orçamento do Estado, apontou claramente o crescimento do investimento público em percentagem muito superior ao crescimento nominal da despesa pública.

Por outro lado, o crescimento económico está dependente do maior crescimento interno e este passa por uma melhoria real dos salários e pensões, aumentando-se, assim, o poder de compra e dinamizando-se a procura interna.

Concluído o acordo de concertação social de curto prazo, a negociação colectiva tem conduzido a revisões das tabelas salariais que, em termos reais, significam um acréscimo de cerca de 0,9% acima do verificado em 1995, o que é extremamente significativo.

**Vozes do PS: — Muito bem!**

**O Orador:** — Também a desinflação que se vem verificando, com o consequente abaixamento das taxas de juro, é um factor positivo para o crescimento.

Mas se o crescimento é condição indispensável para a melhoria do emprego, só por si não é suficiente. Cada vez mais o desemprego tem um componente estrutural, devido à evolução tecnológica e às transformações que ocorrem no comércio internacional.

O crescimento económico combate o desemprego conjuntural mas é incapaz de resolver o problema do desemprego estrutural. Para o combater, são necessárias medidas de política de emprego, que permitam criar postos de trabalho, particularmente em sectores abrigados da concorrência internacional.

Uma política integrada de combate ao desemprego e de promoção do emprego não passa por apoiar as pequenas e médias empresas com medidas pontuais, conforme a sua visibilidade mediática ou a capacidade reivindicativa dos trabalhadores, mas, sim, por dar às PME apoios bem delineados, de carácter global, com critérios económicos e de emprego bem definidos.

O Sr. Artur Penedos (PS): — Muito bem!

**O Orador:** — Travar o aumento do desemprego implica que as políticas macro-económicas e as políticas estruturais sejam concebidas numa lógica de coerência e de complementariedade, pela criação de emprego a nível regional, pela formação dos trabalhadores, pelo lançamento de programas de formação adequada para os desempregados de longa duração e por uma atenção muito especial à reconversão profissional.

O Sr. Artur Penedos (PS): — Muito bem!

**O Orador:** — O PS sempre defendeu na oposição, e mantém, agora, no Governo, as potencialidades da criação de um mercado social de emprego.

O Estado pode actuar como promotor de emprego, na assistência domiciliária a idosos, na assistência à criança, em áreas ambientais ou de recuperação do património, no combate a incêndios florestais e na preservação do espaço rural, potenciando o desenvolvimento de iniciativas empresariais, particularmente nas áreas da economia social e no desenvolvimento de pequenas e médias empresas, muitas delas de carácter familiar.

São postos de trabalho normais, orientados para trabalhadores de diferentes qualificações, sobretudo para os de menores qualificações, os mais atingidos pelo desemprego.

Medidas de emprego que também terão a ver com a aposta na qualificação dos nossos recursos humanos, quer em termos de formação profissional quer no desenvolvimento da formação ao longo da vida. E a substituição de trabalhadores em formação por trabalhadores organizados em bolsas emprego-formação pode revelar-se particularmente importante em termos de emprego, sobretudo se tivermos em consideração que a formação é basicamente subsidiada por fundos públicos, nacionais e comunitários.

Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados: Desenvolver o emprego implica, também, uma redução e uma reorganização dos tempos de trabalho, novas formas de organização e de divisão do trabalho, que assegurem um maior controlo pelos trabalhadores da polivalência e da gestão do tempo de trabalho e do tempo disponível.

Os trabalhadores portugueses estão prestes a alcançar um grande objectivo da sua luta: o horário máximo semanal de 40 quarenta horas. É com o Governo PS que o vamos atingir.

O Sr. Artur Penedos (PS): — Muito bem!

**O Orador:** — A continuação da redução do tempo de trabalho é, em si, uma política geradora de emprego. Estou certo que este Governo vai continuar a incentivar os parceiros sociais para, através da negociação colectiva, continuarem a promover a redução e a adaptação do tempo de trabalho, aproximando, gradualmente, a duração do trabalho em Portugal àquela que existe na generalidade dos restantes países europeus para os quais se orientam a quase totalidade das nossas trocas comerciais.

Também o Governo PS está, e bem, particularmente preocupado com o apoio personalizado aos desempregados, sobretudo os de longa duração, o que implica uma actuação diferente dos centros de emprego, virados para a sua vocação original, o emprego, apoiando, sempre que necessário e com orientação profissional, os que o procuram e dele precisam para melhorar as suas perspectivas de reinserção no mercado de trabalho.

O Governo PS está também empenhado na melhoria do relacionamento com as empresas, procurando envolvê-las, de forma mais activa, na colocação dos desempregados.

O combate ao desemprego passará, ainda, pelo desenvolvimento da concertação estratégica entre o Governo e os parceiros sociais, centrando esta no emprego e na solidariedade. Mesmo um crescimento mais forte e mais qualitativo não será suficiente, só por si, para estabelecer o pleno emprego e dar a todos a oportunidade de um trabalho. É necessário que a estratégia de crescimento integre políticas activas de emprego centradas nos seres humanos, adaptadas às novas realidades da organização da produção e dos serviços e também à evolução das relações sociais.

As mulheres constituem um elemento dinâmico no mercado de trabalho, mas, apesar disso, são confrontadas, ainda, com discriminações horizontais e verticais no acesso ao emprego e à carreira. Além disso, elas são a maioria dos desempregados e as mais atingidas pelo desemprego de longa duração.

A luta pelo emprego releva da responsabilidade de toda a sociedade. O Governo tem aqui um papel determinante e, estou certo, saberá assumi-lo. Mas também os restantes intervenientes, a começar por cada um de nós, têm de assumir as suas, em particular os parceiros sociais, como representantes dos trabalhadores e dos empresários, componentes fundamentais da empresa.

A concertação estratégica, que irá iniciar-se em breve, deverá responder à necessidade de conciliar crescimento e emprego, salários e competitividade, solidariedade entre as gerações e também entre os que têm e os que não têm trabalho, ...

O Sr. Jorge Lacão (PS): — Muito bem!

**O Orador:** — ... o que implica discutir a reforma da segurança social e da fiscalidade, enquadrar a política de emprego com a política de rendimentos, a participação com as condições de trabalho.

Vozes do PS: — Muito bem!

**O Orador:** — A concertação estratégica também deverá encontrar caminhos para combater, com maior rigor, o trabalho clandestino, o trabalho infantil, a imigração ilegal e a violação dos direitos laborais. Impõe-se uma nova actuação da Inspecção-Geral do Trabalho e da justiça do trabalho.

O Sr. Artur Penedos (PS): — Muito bem!

**O Orador:** — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados: Hoje é véspera do 1.º de Maio, Dia dos Trabalhadores, de convívio e de afirmação das suas reivindicações.

Permitam-me saudar todos os trabalhadores portugueses, fazendo votos para que, daqui a um ano, exista mais e melhor emprego, menos precariedade e maior justiça social. Lá estaremos para, com eles, celebrar esse dia!

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**O Orador:** — Permitam-me, também, saudar a UGT, a propósito da realização recente do seu Congresso, sob o lema «Emprego e Solidariedade». Estou certo de que as resoluções nele aprovadas merecerão a melhor atenção desta Assembleia.

A UGT tem demonstrado, pelo seu comportamento e pelo seu protagonismo, um firme empenhamento na defesa dos trabalhadores que representa. O seu contributo na concertação social tem sido e continua a ser indispensável.

**O Sr. Artur Penedos (PS):** — E responsável!

**O Orador:** — Os sindicatos têm um papel insubstituível na defesa dos trabalhadores e na melhoria das suas condições de vida e de trabalho.

Numa sociedade democrática, aberta e plural, como é a nossa, as organizações sindicais desempenham relevantes funções de interesse público, que devem ser reconhecidas por esta Assembleia, pelo Governo e pelos restantes parceiros sociais.

**O Sr. Artur Penedos (PS):** — Muito bem!

**O Orador:** — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados: A luta pelo emprego tem de ser conduzida a nível nacional, sem esquecer o plano internacional. Por isso, quero manifestar, daqui, ao Sr. Primeiro Ministro o nosso apoio pela política que vem conduzindo na defesa do emprego, particularmente a sua luta tenaz pela introdução de um capítulo de emprego aquando da reforma do Tratado da União Europeia e a defesa que tem feito da inclusão de uma cláusula social nos acordos de comércio internacional.

**O Sr. António Filipe (PCP):** — A contar anedotas a uma hora destas!

**O Orador:** — O Partido Socialista sempre esteve vivamente engajado no aprofundamento da construção europeia e queremos que tal continue. Mas desejamos, também, uma Europa com dimensão social, preocupada com a proteção social e com as condições de vida e de trabalho dos seus cidadãos.

Termino sublinhando que a política que este Governo, e em particular o Sr. Primeiro-Ministro, vem conduzindo nestas áreas merece, estou certo, o apoio de todos aqueles que se encontram realmente preocupados com o encontro de soluções justas para o combate ao desemprego.

*Aplausos do PS.*

*Entretanto, assumiu a presidência o Sr. Vice-Presidente João Amaral.*

**O Sr. Presidente:** — Tem a palavra o Sr. Deputado António Lobo Xavier.

**O Sr. António Lobo Xavier (CDS-PP):** — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados: Uma interpelação sobre as questões sociais e a política de emprego é, fatalmente, uma atitude séria, se a quisermos tratar de modo sério e frontal, e se o enfoque por que se fizer essa interpelação for fundamentalmente diferente daquele que presidiu à interpelação da semana passada, com certeza que teremos lucrado um pouco.

De facto, o PP propôs-se tratar aqui de uma questão que é nem mais nem menos do que o problema da década para a Europa, um problema que coloca mesmo em causa, ou torna dramaticamente desactualizada, a própria formulação dos nossos direitos e das nossas regras constitucionais.

Temos um sistema de protecção que assenta numa enorme falsidade prática, muito embora possa ter sido desenhado com alguma generosidade: um sistema que assegura a todos protecção social e, no entanto, todos conhecemos os graves desequilíbrios financeiros da segurança social; um sistema que assegura a todos cuidados de saúde gratuitos e, no entanto, conhecemos todos as esperas e os enormes estrangulamentos do Sistema Nacional de Saúde; um sistema que assegura emprego para todos e aí estão os frios números a mostrar quão longe estamos dessa utopia.

Estas questões exigem realismo, um realismo que, porventura, corte os preconceitos partidários e ideológicos, ...

**Vozes do CDS-PP:** — Muito bem!

**O Orador:** — ... e ainda há bem tempo, nesta Câmara, os próprios Deputados da Juventude Socialista deram mostras de poder compreender a necessidade desse realismo, dando uma ideia de que não podemos desperdiçar este ambiente e esta ocasião.

Nos últimos dias, vêm-se multiplicando os números a que chegaram diversas instituições, internas e externas, sobre as perspectivas da economia europeia e da economia portuguesa. Infelizmente, esses números confirmam a ideia por nós avançada há muito de que a retoma se encontrava adiada, pelo menos.

De resto, esse mesmo adiamento é testemunhado pela própria evolução do orçamento das receitas, onde parece visível um comportamento preocupante dos impostos que se ligam directamente à situação económica presente e onde se nota apenas um comportamento positivo dos impostos que se prendem com o exercício passado. Esses números, encaremo-los com optimismo ou pessimismo, dão conta de que o consumo e o investimento não animam, ao contrário do que seria de esperar, à primeira vista, face a algumas medidas recentes que contribuíram para um ligeiro aumento do rendimento real das famílias.

A situação, em geral, traduz a nossa enorme dependência face ao comportamento da economia europeia, mas, em termos domésticos, é sabido que a persistência do comportamento do consumo está ligada à evolução do desemprego, tanto aos seus valores actuais como às previsões dos cidadãos sobre o seu agravamento.

O círculo vicioso é conhecido. Sem crescimento significativo não há aumento do número de empregos e um alto nível de desemprego induz comportamentos cautelares que retardam o desenvolvimento económico.

Há uma primeira questão a que esta interpelação não foge: que responsabilidades podem ser pedidas a um Governo que leva seis meses de mandato? Bem se sabe que o PS e o PSD discutem, hoje, a responsabilidade pela política de combate à inflação. A verdade é que quem quer que vença essa disputa tomará sempre em acréscimo a responsabilidade pelo comportamento do emprego.

**Vozes do CDS-PP:** — Muito bem!

**O Orador:** — Já ninguém, hoje, de facto, sustenta a originalidade do modelo português de desenvolvimento,

cuja virtualidade consistia, diziam-nos, incluindo o Sr. Deputado Vieira de Castro, em conciliar milagrosamente as correcções estruturais da economia portuguesa com um alto nível de emprego. A verdade é bem diferente. Nem reestruturámos nem defendemos o emprego, como o meu partido aqui vem dizendo desde 1994!

Em lugar de reestruturarmos o tecido produtivo nacional, usámos as derrogações do mercado único e as ajudas comunitárias para, artificialmente, ganharmos tempo e tempo eleitoral. Em lugar de fortalecermos as empresas portuguesas e de corrigir o funcionamento do Estado, abusámos das políticas monetária e cambial, em claro prejuízo dos sectores produtivos e, Srs. Deputados, que não defendemos o emprego, essa é a realidade que mais duramente, hoje, se nos impõe!

É sabido que o desemprego, aqui como em outras paragens, não depende apenas do comportamento da conjuntura mas, sobretudo, das transformações ditadas pela evolução técnica e pelo movimento de liberalização do comércio mundial. Aqui, como é óbvio, ainda se pode pedir pouco ao PS, mas já seria útil que, por Portugal, erguesse bem a voz, rejeitando acordos ou derrogações de prazos respeitantes ao comércio com países que desprezam o nosso modelo social, e, fundamentalmente, pedisse-se ao PS que, levantando a voz, obtivesse resultados. Para isso, contariam, aliás, connosco, como já mostrámos.

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — Muito bem!

**O Orador:** — De facto, Sr. Presidente e Srs. Deputados, o verdadeiro nome do inimigo do desemprego é crescimento e competitividade. Que obtivemos, realmente, com as medidas específicas de promoção de emprego? Não é verdade que essas medidas, tributárias, aliás, de orientações comunitárias, não se alteraram apreciavelmente com a substituição do Governo? Não é igualmente verdade de que a actual Ministra não conseguiu soluções mais criativas do que a simples adaptação das medidas sugeridas por Falcão e Cunha, então Ministro? E não é dramaticamente verdade que, apesar de tudo, a eficácia concreta de tais medidas específicas é decepcionante, sabendo-se que apenas escassíssimos milhares de empregos foram por elas induzidos?

Quanto ao crescimento, a enorme dependência da economia portuguesa tem, sobretudo, produzido sentimentos pouco consequentes. De um lado têm estado, de facto, os que, numa perspectiva consumista, apenas ambicionam gerir um compasso de espera pelo despertar da economia europeia, do outro lado estão, frequentemente, aqueles que, numa perspectiva federalista, ainda que nem sempre consciente, sugerem uma política de promoção do emprego conduzida ao nível comunitário.

O certo é que, por entre a passividade com que Portugal participa na discussão das futuras regras da União, não vemos quem diga alto que nenhuma integração monetária com apertadas regras de convergência nominal pode ser obtida e gerida sem dano das componentes mais fracas, se não se lograr um maior volume de recursos para afetar à redistribuição interestadual.

Mas é sobretudo quanto à promoção da competitividade de que mais sentido tinha um exame deste Governo e é sobretudo aqui, em domínios da sua responsabilidade, que o resultado desse exame é francamente insatisfatório, pois quase nada foi feito para estimular a competitividade das empresas portuguesas com os meios e instrumentos que o Estado ainda controla.

De facto, que soluções foram propostas para diminuir a burocracia a que estão sujeitas as empresas, nomeadamente por causa da constituição de sociedades, do licenciamento de certas actividades comerciais e industriais ...

**Vozes do CDS-PP:** — Muito bem!

**O Orador:** — ... ou do acesso a programas específicos?

Não é verdade, igualmente, que este Governo ainda não desmontou a enorme confusão e promiscuidade que, com dano da economia, existe entre o Estado produtor e o Estado regulador?

**Vozes do CDS-PP:** — Muito bem!

**O Orador:** — Com efeito, para nós, não se exploraram ainda, o que é lamentável, as vias de redução dos custos dos factores controlados ou influenciados pelo Estado.

**Vozes do CDS-PP:** — Muito bem!

**O Orador:** — O gás, a electricidade, as telecomunicações, parecem estar mais dependentes de uma política de privatizações obcecada pelo encaixe financeiro do que da eficiência da economia real.

**Vozes do CDS-PP:** — Muito bem!

**O Orador:** — Em terceiro lugar, não se procurou utilizar a margem de manobra do nosso sistema fiscal para o tornar competitivo internacionalmente e para o colocar também ao serviço das empresas portuguesas, o que é pena porque, em boa verdade, quase todas as soluções de harmonização da tributação directa elencadas pela Comissão das Comunidades determinam uma melhor situação para as empresas portuguesas.

Finalmente, em matéria de recuperação e reestruturação de empresas, o Governo passou de uma política causticista para uma política abstracta, de que se não conhecem os contornos com suficiente exactidão. Não se sabe, por exemplo, se as medidas de recuperação são gerais ou selectivas e se, sendo selectivas, se a iniciativa pertence aos particulares ou ao Estado. Não se sabe, ainda, que mecanismos rodearão a transformação de créditos fiscais em capital das empresas, nem se conhecem os processos de gestão dessa nova carteira do Estado, bem como da respectiva alienação.

Infelizmente, o que se sabe é que as intervenções concretas conhecidas neste domínio não foram transparentes e que as hesitações e os atrasos levaram muitas empresas a deixar de pagar os seus impostos à espera de uma qualquer solução milagrosa.

**Sr. Presidente e Srs. Deputados:** Este Governo pode queixar-se por muito tempo de que foi vítima do governo que o precedeu. Tê-lo-á sido porventura, mas a verdade é que hoje, decorridos estes seis meses, é, sem dúvida, uma vítima culpada e com o andar do tempo oxalá não se torne somente culpado porque então, seguramente, as vítimas seremos apenas nós.

*Aplausos do CDS-PP.*

**O Sr. Presidente (João Amaral):** — Para pedir esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado Sérgio Ávila.

**O Sr. Sérgio Ávila (PS):** — Sr. Presidente, Sr. Deputado António Lobo Xavier, a questão que quero colocar-lhe tem a ver com o conjunto de referências que fez.

Penso que é comum e consensual que o desemprego não é uma questão conjuntural mas, sim, essencialmente estrutural e que os desafios que se colocam à economia portuguesa derivam em parte da sua globalização, facto que é difícil de combater do ponto de vista diplomático mas que temos de aceitar porque gera vantagens comparativas na totalidade da economia e em termos de competitividade e de desenvolvimento. Assim, temos de definir quais as nossas vantagens competitivas e adoptar uma política que se dirija para o seu desenvolvimento, apesar de sabermos que a globalização da economia tirou-nos uma grande vantagem e que foi a da existência de uma mão-de-obra competitiva. Nesse sentido, temos que derivar a nossa produção de uma estrutura de trabalho para uma estrutura que terá de ser colocada em outros padrões de qualificação da própria mão-de-obra.

A questão fundamental que quero colocar-lhe é esta: não considera que a redução do défice orçamental e da dívida pública consagrada como princípio no Orçamento para este ano levará a uma diminuição da pressão sob a procura em termos dos mercados financeiros e, consequentemente, a uma baixa das taxas de juro, quer de curto prazo, quer de médio e longo prazo? Estas duas políticas de redução do défice orçamental e da dívida pública não serão fórmulas de gerar maior competitividade para a nossa economia, que, como todos sabemos, tem graves problemas a nível dos encargos financeiros das empresas derivados da política passada, em que houve uma sobrevalorização do escudo através de altas taxas de juro mantidas de forma artificial? Não considera que a redução do défice orçamental e da dívida pública não é uma forma de contribuir para a baixa das taxas de juro e para a competitividade da economia e das empresas portuguesas?

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**O Sr. Presidente (João Amaral):** — Para responder, tem a palavra o Sr. Deputado António Lobo Xavier.

**O Sr. António Lobo Xavier (CDS-PP):** — Sr. Presidente, Sr. Deputado Sérgio Ávila, vou responder à sua questão recordando-lhe, em primeiro lugar, que procurei centrar a minha intervenção num aspecto que pode legitimamente ser questionado ao PS.

O PS pode dizer muitas coisas sobre o pouco tempo que leva de governo e lembrar que o Orçamento acabou de entrar em vigor há poucos dias. Foi por isso que me debrucei sobre questões que não se prendem com a entrada em vigor desse instrumento de formalização da política económica mas, sim, com a vontade política de resolver as coisas. O que quis dizer foi que há muitas questões que, sem restrições orçamentais e sem estar ligadas às preocupações de convergência, podem ser solucionadas a bem da competitividade desde que haja vontade para isso — de resto, estas soluções não são inéditas e, por exemplo, não vejo ser postas em prática nem ser levadas a sério as propostas feitas no domínio do fórum português para a competitividade.

Pergunta-me se concordo que a redução do défice e da dívida pública é um caminho útil. Sr. Deputado, ainda o PS não tinha acordado para a bondade desses caminhos e já nós os andávamos aqui a defender há muito tempo!

**Vozes do CDS-PP:** — Muito bem!

**O Orador:** — O Sr. Deputado nunca me ouviu aqui criticar esses caminhos. Ouviu, sim, criticar os caminhos e o tempo de percurso dos mesmos, impostos por quem não teve em atenção as nossas próprias condições e o nosso próprio passado.

**Vozes do CDS-PP:** — Muito bem!

**O Orador:** — Nunca o Sr. Deputado ouviu aqui alguém condenar a redução do défice ou da dívida pública ou condenar a necessidade de controlar o crescimento dos preços. Creio que isso é positivo e foi por isso que não o referi na minha intervenção e que o meu partido prescou-se a viabilizar o Orçamento apresentado.

Por último, quero dizer-lhe que essa redução das taxas de juro não é sentida nem atinge as pequenas e médias empresas.

**Vozes do CDS-PP:** — Muito bem!

**O Orador:** — É uma redução que abrange apenas um sector muito reduzido de empresas que têm acesso, por questões de garantia e de risco, às *prime rates* mas não as pequenas e médias empresas em geral. Portanto, pode baixar a taxa de juro e não baixar a taxa efectiva do crédito concedido às empresas, mas esse caminho não é mau e, por isso, não foi esse que critiquei.

*Aplausos do CDS-PP.*

**O Sr. Presidente (João Amaral):** — Para uma intervenção, tem a palavra o Sr. Secretário de Estado da Administração Pública.

**O Sr. Secretário de Estado da Administração Pública (Fausto Correia):** — Sr. Presidente, Srs. Deputados: A estabilidade e segurança de emprego na Administração Pública é uma questão demasiado séria para constituir arma fácil de arremesso parlamentar e daí eu querer responder à questão colocada pela Sr.ª Deputada Manuela Ferreira Leite, sem prejuízo da resposta já dada pelo Sr. Secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares.

Sobre a questão da admissão ou não de funcionários na Administração Pública, esta já é a terceira vez que respondo.

Venho, pois, aqui pela terceira vez assegurar à Sr.ª Deputada e à Câmara que este Governo não despedirá um só trabalhador que seja. Como V. Ex.ª sabe, ao abrigo da autorização legislativa concedida, o Governo vai extinguir o Quadro de Excedentes Interdepartamentais, que o PSD criou através do tristemente célebre Decreto-Lei n.º 247/92, de 7 de Novembro. No fundo, o PS vai acabar com a instabilidade e insegurança que esse diploma legal trouxe à Administração Pública — e, como sabe, esse decreto-lei ainda hoje é conhecido como «Lei dos Despedimentos na Administração Pública», que foi, repito, da exclusiva responsabilidade do PSD e do seu governo.

A alínea c) do artigo 6.º desse decreto-lei, com o título «Opção por medidas excepcionais de descongestionamento da Função Pública», contempla exactamente a desvinculação. Este decreto-lei, para além da pré-aposentação, contempla também a aposentação voluntária e a licença sem vencimento por tempo indeterminado.

O governo do PSD partiu do princípio de que havia funcionários a mais e, nessa medida, actuou em confor-

midade. Ao invés, o Governo do PS não parte desse princípio e admite tão só que existe pessoal a mais em alguns serviços e pessoal a menos noutros, na medida em que, infelizmente, não há nenhum número credível de funcionários da Administração Pública. Isto é, ao fim de 10 anos de governação do PSD não há nenhum número credível que diga quais são os funcionários da Administração Pública, onde estão colocados, que habilitações têm e de que formação necessitam. Repito, não há nenhum instrumento de gestão que nos permita retirar um número credível, mas, como sabem, ele oscila entre os 600 000 e 800 000 trabalhadores. Em relação àqueles que têm uma vinculação precária, também não existe um número certo, mas sabemos que anda entre 20 000 e 70 000.

Assim, o referido decreto-lei traduziu-se, na prática, em despedimentos e em desvinculações da função pública. Vamos fazer precisamente o contrário até, pelo menos, sabermos quantos funcionários existem, o que vai ser feito através de um recenseamento geral, cujos trabalhos preparatórios já se iniciaram.

O QEI é um quadro fechado, mas vai ser «esvaziado» célere e progressivamente. Essa é a alternativa para que os trabalhadores, caso a passagem para o activo não seja viável ou se assim não quiserem, possam escolher entre a aposentação e a desvinculação da função pública. Como partimos do princípio (até prova em contrário, obtida ou não em sede de recenseamento) de que não há funcionários públicos em excesso, não vamos criar um quadro de disponíveis mas absorver os existentes pela sua prioritária passagem à actividade e só em alternativa é que preveremos a escolha do próprio entre a aposentação e a desvinculação.

Sr. Presidente, Srs. Deputados: Este não é o momento adequado para abordar o número exacto de trabalhadores da função pública. O que posso prometer a todos é que, quer os números da vinculação precária — que podem atingir 80 000 — quer os números totais do recenseamento, serão aqui trazidos logo que ele esteja concluído o recenseamento.

Em conclusão, foi o PSD e o seu governo quem criou instabilidade, insegurança e precariedade na Administração Pública. É o PS e o seu governo que veio criar, através da extinção do QEI, estabilidade e segurança de emprego na Administração Pública.

Estou convencido de que com esta minha terceira resposta, que é igual às anteriores, a Sr.<sup>a</sup> Deputada poderá sossegar o seu espírito inquieto. Pela minha parte continuo com a consciência tranquila!

#### Aplausos do PS.

O Sr. Presidente (João Amaral): — Para pedir esclarecimentos, tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Deputada Manuela Ferreira Leite.

A Sr.<sup>a</sup> Manuela Ferreira Leite (PSD): — Sr. Presidente, Sr. Secretário de Estado da Administração Pública, começo por agradecer a sua vinda propositada ao Parlamento a propósito de uma pergunta que formulei, o que vem dar razão à dúvida que tínhamos!

#### Vozes do PSD: — Muito bem!

A Oradora: — Com certeza, não tenho a importância devida para o Sr. Secretário de Estado se deslocar de propósito!...

Em segundo lugar, não queria deixar de dizer que discordo, profundamente, do facto de o Sr. Secretário de Estado ter a tutela da Administração Pública e considerar que quando falamos dela o fazemos como arma de arremesso parlamentar. Penso que não lhe fica bem e seria bom alterar a «frenalidade» neste domínio. Além do mais, Sr. Secretário de Estado, já nos entendemos, várias vezes, sobre esta matéria, e isso está nas actas. Aliás, segundo as actas, foi introduzida uma autorização legislativa para permitir os despedimentos na função pública, à qual os senhores sempre têm respondido que se trata de uma iniciativa para resolver o quadro dos excedentes.

Só que o Sr. Secretário de Estado sabe melhor do que eu, porque creio que é jurista e eu não, que não pode fazer uma lei de despedimento dirigida a meia dúzia de pessoas do quadro de excedentes que o está a incomodar. O senhor só pode fazer uma lei de despedimento da função pública genérica, e foi essa lei que nós nunca fizemos! É por isso que essa «meia dúzia» que os incomoda também nos incomodou durante algum tempo.

Sr. Secretário de Estado, se a lei que o senhor está a pretender fazer neste momento é tão contrária aos princípios que estavam estabelecidos na anterior lei, princípios esses que davam, exclusivamente, ao Governo a possibilidade de mobilizar funcionários e não de os despedir — tratava-se, portanto, de um critério de mobilidade —, e se isso tanto o incomodava, provavelmente poderia ter revogado, de uma forma mais fácil, esse diploma e elaborado outro que lhe fosse mais adequado, sem ter introduzido a autorização legislativa para o despedimento, porque essa autorização não se dirige apenas a alguns: vai dirigir-se a todos! Para tanto, basta que o Sr. Secretário de Estado considere que alguém não está adequado à função para, no dia seguinte, o poder despedir. A discricionariedade que fica subjacente a essa ideia é muito grande.

Como deve calcular, a situação que se vive neste momento na Administração Pública leva-nos a ter a maior das preocupações e a questionar o Governo sobre estas matérias sempre que o entendermos, mas sem fazermos disso uma arma de arremesso, porque o que está aqui em causa, evidentemente, é uma forma indirecta de poder «despachar» algumas pessoas que são incómodas por vários motivos, que os senhores saberão quais são.

#### Vozes do PSD: — Muito bem!

O Sr. Presidente (João Amaral): — Para responder, tem a palavra o Sr. Secretário de Estado da Administração Pública.

O Sr. Secretário de Estado da Administração Pública: — Sr. Presidente, Sr.<sup>a</sup> Deputada Manuela Ferreira Leite, em primeiro lugar queria manifestar, uma vez mais e sempre, o grande respeito e consideração que tenho por si, o que constitui um razão acrescida para estar aqui a responder a esta questão, tentando sossegar o seu espírito, obviamente, inquieto.

Em segundo lugar, Sr.<sup>a</sup> Deputada, a questão do arremesso fácil do Grupo Parlamentar não diz respeito à Administração Pública, mas à questão da instabilidade e da insegurança que a sua pergunta encerra em si mesma, necessariamente! Também lhe quero dizer que vamos mesmo revogar o QEI, mas sem criar disponíveis. Essa é a grande diferença! E, como é natural, vamos fazê-lo com pontos de vista diferentes e soluções diversas das vossas, designadamente através de um sistema, com a necessária

mobilidade, de colocação transitória do pessoal, porventura, conjunturalmente excedentário na Administração Pública.

Sr.<sup>a</sup> Deputada, vamos ver se nos entendemos em relação à questão fundamental. E a questão fundamental é o vosso Decreto-Lei n.º 247/92, cuja alínea c) diz o seguinte: «desvinculação da função pública mediante indemnização! Esta era vossa lei dos despedimentos. Mais, Sr.<sup>a</sup> Deputada...

A Sr.<sup>a</sup> Manuela Ferreira Leite (PSD): — Sr. Deputado, permitê-me que o interrompa?

O Orador: — Faça favor, Sr.<sup>a</sup> Deputada.

A Sr.<sup>a</sup> Manuela Ferreira Leite (PSD): — Sr. Secretário de Estado, queria apenas dizer que é preciso inserir essa alínea no respectivo contexto, ou seja, dizer que isso só acontece por opção!

O Orador: — Sr.<sup>a</sup> Deputada, é claro que é por opção! Na altura própria e no momento adequado falaremos da questão da vinculação precária, essa sim preocupante, dado o número de pessoas que, aos mais diversos níveis e sobre as mais diversas formas, nos últimos 10 anos, entram na Administração Pública através, como sabe, de recibo verde, de contrato a termo certo e até, pasme-se, da contratação oral! Na altura própria, dizia, trarei a esta Câmara e à Sr.<sup>a</sup> Deputada esses números para que possam constatar o aumento do pessoal da Administração Pública nos últimos 10 anos, quer dos quadros, quer em termos de vinculação precária.

*Aplausos do PS.*

O Sr. Presidente (João Amaral): — Para uma intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Nuno Abecasis.

O Sr. Nuno Abecasis (CDS-PP): — Sr. Presidente, Srs. Ministros e Secretários de Estado, Srs. Deputados: Venho a esta hora tardia falar-vos do problema da crise do desemprego e dos nossos sistemas de educação e de formação profissionais. Sei que corro o risco de incomodar a Sr.<sup>a</sup> Deputada Manuela Ferreira Leite, farta que está de ouvir falar neste problema incômodo do desemprego. Peço-lhe, desde já, desculpa, mas não é razão suficiente para que não me preocupe e pronuncie sobre um problema que faz sofrer tantas famílias portuguesas.

Apesar de tudo, não é demais, oito dias passados, trazer aqui um problema que talvez se tenha agravado, nestes oito dias, em mais alguns milhares de desempregados.

O ritmo assustador a que está a crescer o número dos desempregados, a quase estagnação do aumento do nosso produto interno, o crescente número de empresas em falência, mas principalmente a dúvida, que persiste, da capacidade de mantermos actividade produtiva em sectores que tem sido dominantes na nossa actividade económica, fazem crescer a certeza, que nos assalta, de que estamos face a uma gravíssima crise estrutural que urge analisar, combater e ultrapassar.

Tem-se vindo a afirmar que a única arma adequada a essa ultrapassagem reside num renovado e bem dirigido sistema de educação e de formação profissional, capazes de conferir às novas gerações aptidões tão actualizadas e eficazes, como as de que dispõem os jovens dos países mais desenvolvidos, e aos trabalhadores dos sectores em

crise uma adequada reciclagem para outros tipos de actividade, que sejam compatíveis com as capacidades do país.

Assim seria desejável, mas a verdade é que nada disto se tem passado. Bem pelo contrário, parece não haver nexo entre o nosso sistema educativo e as necessidades do mundo moderno, e os sistemas de formação profissional, implantados nas diversas regiões, em nada se preocupam com as capacidades locais para o desenvolvimento da actividade económica. É elucidativo, por exemplo, o caso do distrito de Setúbal, onde se conta pelo dobro da média nacional o índice do desemprego e que, sendo particularmente dotado para o desenvolvimento de actividades ligadas ao turismo, não conta com qualquer escola de formação profissional para este tipo de actividades.

De 1992 até hoje, com a taxa de desemprego a passar de 4,1% para 7,2%, consumiram-se milhões de contos na dita formação profissional, mais como um substituto ao emprego, mercê das subvenções recebidas pelos que frequentaram os cursos, do que como instrumento para gerar nos seus alunos aptidões para laborar noutros tipos de actividade que se pudessem considerar como consolidadas.

Esta é outra preocupação, e não menor, a juntar à certeza que temos de estar em face de uma situação estrutural geradora de desemprego, de uma forma consolidada.

Esta ilusão de que quem recebe compensação monetária por frequentar acções de formação profissional é como se estivesse empregado não só é falsa como gravemente prejudicial dos interesses nacionais. A verdade é que, e os números aí estão a confirmá-lo, se podem contar pelos dedos os que vieram a encontrar uma actividade continua e consolidada por causa e na sequência destas acções de formação.

A Sr.<sup>a</sup> Elisa Damião (PS): — Muito bem!

O Orador: — Nós pensamos que, estando em face de uma crise estrutural que afecta o emprego, há que mobilizar todos os recursos nacionais, todas as capacidades e todas as vontades para que, em tempo, se encontrem as soluções alternativas capazes de dar resposta às novas condições que se nos deparam.

Se há sectores que provavelmente caminharão para a extinção, ou até para uma considerável redução no conjunto da actividade, há que pensar, com tempo, se há possibilidade de deslocalização, e para onde, e quais as novas oportunidades que poderão vir a ocupar as posições deixadas livres.

Como entender, porém, que se formulam políticas de formação profissional, que em qualquer caso custam milhões à comunidade, sem as confrontar com estratégias de desenvolvimento previamente estudadas e definidas? Como se pode entender que se ponham homens e mulheres a estudar e a treinar-se para coisa nenhuma?

E não se diga que não há alternativas. Portugal é hoje um país que tem ao abandono mais de metade da sua dimensão, em largura, sem sequer se ter dado ao trabalho de reconhecer as suas riquezas e as possibilidades que tão vasto território alberga. Exemplo gritante é o de Castro Verde, onde, ao descer abaixo dos 400 metros de profundidade, se encontrou uma das mais ricas minas de cobre do mundo. São-no também os nossos quartzos, de qualidade única, que persistimos em vender em bruto, apesar de sabermos que se valorizariam mais de seiscentas vezes se fôssemos nós a moê-los. E os mármores do Vimioso que continuam por explorar, apesar da sua excepcional qualidade.

Dir-se-ia que tratamos com tal displicência as nossas coisas que só os estrangeiros conseguem enriquecer com o que é nosso.

**Vozes do CDS-PP:** — Muito bem!

**O Orador:** — Temos dito e repetido que é necessário e urgente, mas além disso também promissor, pensarmos o nosso desenvolvimento e a nossa transformação económica em correlação com o desenvolvimento económico dos países que, em África, falam a nossa língua. Por razões históricas, de solidariedade e de justiça, sem dúvida, mas também por razões de inteligência. Nesse espaço conjugado, há lugar, com vantagem mútua, para que muitas actividades que desenvolvemos, mas tem os seus dias contados no espaço europeu, aí possam criar riqueza e ocupar mão-de-obra. Muitos, porém, já esqueceram que a palavra cooperação é um conceito de ida e de volta. Nos tempos que estamos passando, a cooperação é tão importante para nós como o é para os países nossos irmãos.

Refiro este facto para que se perceba que nem afomos capazes de aliar as estruturas de formação às aptidões e aos interesses nacionais.

Sr. Presidente, Srs. Ministros, Srs. Secretários de Estado, Srs. Deputados: Com esta interpelação, quis o Partido Popular trazer-vos a enorme preocupação que sente ao verificar que, face a uma crise estrutural que afecta a economia e o trabalho, não estamos a usar, nem utilizámos até hoje, as nossas possibilidades, as nossas aptidões, os nossos recursos capazes para a ultrapassar. Não nos motiva a crítica fácil, mas o desejo sincero de que todos nos mobilizemos, e, antes de todos, o Governo, na busca das verdadeiras soluções capazes de pôr fim ao desemprego que aflige tantas famílias portuguesas.

*Aplausos do CDS-PP.*

**O Sr. Presidente (João Amaral):** — Para pedir esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado Joel Hasse Ferreira.

**O Sr. Joel Hasse Ferreira (PS):** — Sr. Presidente, Sr. Deputado Nuno Abecasis, começo por dizer que gostei de ouvir a sua intervenção. Andava preocupado com o que o n.º 2, da sua lista, por Setúbal anda a escrever e a dizer, mas penso que o senhor revelou, de facto, uma posição e fez uma análise coerentes.

Sr. Deputado, não me pareceu que tenha referido um aspecto que, penso, é um dos factores de dificuldade da nossa economia, não só no distrito de Setúbal como noutras áreas do País, não em todas, felizmente, qual seja alguma falta de capacidade empresarial e o desajustamento da cultura dos nossos empresários em certos sectores neste mundo onde a globalização económica avança. Gostava que se pronunciasse sobre isto.

Quero igualmente perguntar se partilha o sentido das apreciações que o Sr. Deputado Manuel Monteiro fez sobre a intervenção do Sr. Ministro da Economia. É que há problemas importantes que têm a ver com a reestruturação do ciclo produtivo e com o adiamento que, durante o cavaquismo, se foi fazendo dessa reestruturação através de paliativos, camuflagem de situações, etc., para além de uma outra medida que, apesar de tudo, ao longo de 10 anos, devia ter sido tomada.

Queria também partilhar consigo um aspecto que referei e que tem a ver com o completo desajustamento, em muitos casos, entre a formação, a reciclagem e a oferta

de emprego, para não falar de outros aspectos marginais de corrupção, clientelismo, etc. Devo dizer que concordo consigo nesse aspecto. Foi, de facto, aquilo a que chamei de uma década de oportunidades perdidas.

Sr. Deputado, para terminar, pergunto: em relação à estratégia económica hoje apresentada pelo Sr. Ministro da Economia e em relação à estratégia de emprego apresentada pela Sr.ª Ministra para a Qualificação e o Emprego....

**O Sr. Jorge Ferreira (CDS-PP):** — Qual estratégia?!

**O Orador:** — ... em sua opinião, quais são os pontos essenciais onde manifesta alguma divergência no terreno das orientações políticas, e reafirmo que concordo com o balanço que fez do cavaquismo, dessa década de oportunidades perdidas que leva a Sr.ª Deputada Manuela Ferreira Leite a tentar agarrar-se a coisas que neste momento já nem fazem sentido?! Que divergências, que modelo, que orientações — e o Sr. Deputado conhece bem a realidade económica — preconiza neste domínio?

**O Sr. Presidente (João Amaral):** — Para responder, tem a palavra o Sr. Deputado Nuno Abecasis.

**O Sr. Nuno Abecasis (CDS-PP):** — Sr. Presidente, Sr. Deputado Joel Hasse Ferreira, começo por agradecer as questões que colocou. É evidente que não tenho tempo para esboçar uma resposta, mas uma coisa queria dizer-lhe: considero que este é um problema grave demais porque, quer queiramos quer não, condiciona o futuro de Portugal.

Mais: se nada fizermos e se continuarmos a empurrar responsabilidades uns para os outros, dentro de dois a três anos, estaremos aqui a chorar Portugal, estaremos principalmente a chorar a amargura de inúmeras famílias portuguesas, não já de quinhentas mil mas de muitas mais.

Aquilo que eu quis dizer foi que não basta falar nos conceitos, é preciso que nos disponhamos a sentar à volta de uma mesa e, se há problema que deva ser objecto de um acordo interpartidário, de um acordo global para encontrar soluções, este é um deles.

Nós não conhecemos as riquezas do País, afirmo-o sabendo o que estou a dizer, nós não conhecemos as potencialidades do País, nós estamos a usar fundos que deveriam destinar-se a formar os portugueses e não a colmatar feridas e a tapar brechas — fizemo-lo antes e continuamos a fazer hoje, iludindo os problemas como se fôssemos avestruzes.

Chegou a hora de acordar. Este problema é da responsabilidade de todos nós pelo passado ou pelo futuro, depende da atitude que estivermos dispostos a tomar. Agora, que é um problema que condiciona o futuro de Portugal e dos portugueses sobre isso não tenho dúvida.

Não é num debate como este que o problema se resolve, mas, se todos estivermos dispostos e trabalharmos com seriedade, conseguimo-lo resolver.

*Vozes do CDS-PP:* — Muito bem!

**O Sr. Presidente (João Amaral):** — Vou dar agora a palavra ao Sr. Secretário para proceder à leitura de um relatório e parecer da Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias.

**O Sr. Secretário (Artur Penedos):** — Sr. Presidente e Srs. Deputados, o relatório e parecer é do seguinte teor:

1. Em reunião da Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias, realizada no dia 30 de Abril de 1996, pelas 10 horas e 30 minutos, foram observadas as seguintes retomas de mandatos e substituições de Deputados:

a) Retoma de mandato de Deputado, nos termos do artigo 6.º, n.ºs 1 e 2, do Estatuto dos Deputados (Lei n.º 7/93, de 1 de Março):

Grupo Parlamentar do Partido Socialista (PS):

António Rui Esteves Solheiro (Círculo Eleitoral de Viana do Castelo), em 2 de Maio próximo, inclusive, cessando António José Guimarães Fernandes Dias;

b) Substituição de Deputados, nos termos do artigo 5.º, n.º 2, alínea b) do Estatuto dos Deputados (Lei n.º 7/93, de 1 de Março), por um período não inferior a 45 (quarenta e cinco) dias:

Solicitada pelo Grupo Parlamentar do Partido Social-Democrata (PSD):

Álvaro Roque de Pinho Bissaia Barreto (Círculo Eleitoral de Castelo Branco), por Manuel Joaquim Barata Frexes, com início em 2 de Maio próximo, inclusive;

c) Substituição de Deputados, nos termos do artigo 20.º, n.º 1, alínea l) do Estatuto dos Deputados (Lei n.º 7/93, de 1 de Março);

Solicitada pelo Grupo Parlamentar do Partido Socialista (PS):

Horácio Neto Carvalho (Círculo Eleitoral de Faro), por Luís António do Rosário Veríssimo, com início em 26 de Abril corrente, inclusive.

2. O Deputado António Rui Esteves Solheiro, do PS, pelo Círculo Eleitoral de Viana do Castelo, veio declarar existir motivo de suspensão do respectivo mandato, nos termos da alínea c) do n.º 1 do artigo 4.º e alínea h) do n.º 1 do artigo 20.º do Estatuto dos Deputados (Lei n.º 7/93, de 1 de Março), com início em 2 de Maio próximo, inclusive. Todavia, como simultaneamente requereu o levantamento da correlativa suspensão, ao abrigo do n.º 2 do artigo 4.º do mencionado estatuto, tem de ser considerado como Deputado verificado e no exercício de funções.

3. Analisados os documentos pertinentes de que a Comissão dispunha, verificou-se que os substitutos indicados são realmente os candidatos não eleitos que devem ser chamados ao exercício de funções, considerando a ordem de precedência das respectivas listas eleitorais apresentadas a sufrágio pelos aludidos partidos nos concernentes círculos eleitorais.

4. Foram observados os preceitos regimentais e legais aplicáveis.

5. Finalmente, a Comissão entende proferir o seguinte parecer: a retoma de mandato e as substituições em causa são de admitir, uma vez que se encontram verificados os requisitos legais.

*Entretanto, reassumiu a presidência o Sr. Presidente, Almeida Santos.*

O Sr. Presidente: — Está em apreciação.

Não havendo pedidos de palavra, vamos votar o parecer.

*Submetido à votação, foi aprovado por unanimidade, registando-se a ausência de Os Verdes.*

O Sr. Presidente: — Para uma intervenção, tem a palavra a Sr.ª Deputada Maria José Nogueira Pinto.

A Sr.ª Maria José Nogueira Pinto (CDS-PP): — Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr.ºs e Srs. Deputados, assiste-se hoje em Portugal a uma preocupante di-

cotomia: por um lado, os que tudo querem contabilizar, desde os valores até às consciências, e nessa contabilidade assentam o mérito ou demérito das tarefas sociais; por outro, os que insistem numa obstinação cega e irrealista em nada quantificar.

Por isso, julgo oportuno, no âmbito deste debate suscitado pela minha bancada, trazer aqui, perante esta Câmara, uma outra contabilidade: a dos chamados custos-sombra individuais e colectivos, que vão do desemprego à insegurança, da destruição ambiental à marginalidade, da solidão ao medo.

O fracasso do modelo socialista, tornado claro com a queda dos regimes marxistas, pode ter levado alguns a pensarem numa definitiva superioridade moral do capitalismo.

Julgamos, porém, que não é assim. De facto, a única conclusão legítima é a de que o modelo socialista morreu por falta de funcionalidade. Mas se essa funcionalidade é hoje bem mais patente no modelo de uma economia de mercado, nada nos pode levar a afirmar que não sejam muitos os factores de correção que se impõem.

Um deles é, precisamente, o de introduzir novos critérios de cálculo económico, ou seja, passar a incluir nas contas que se fazem (na análise económica e financeira dos países, das empresas, dos projectos e do quotidiano) variáveis sociais e culturais, e não apenas económicas, e indicadores de qualidade, e não apenas de quantidade, para além dos chamados custos-sombra.

Vejamos alguns aspectos desta urgente contabilidade. Quais serão, por exemplo, os custos-sombra da desagregação da família, principal amortecedor da pobreza, prevenção privilegiada, porque feita pelo afecto, da marginalidade e da exclusão, essa instituição privada de solidariedade social por excelência, logo, parceira ímpar do Estado no combate da crise e dos seus efeitos?

Os países do norte da Europa, bem como os Estados Unidos e o Canadá já fizeram esta contabilidade, já levantaram os custos — financeiros, mas também sociais e humanos — da transferência para o Estado de funções importantíssimas que as famílias deixaram de poder cumprir.

Quais são os custos ocultos que resultam da situação da mulher — que se sabe ser um agente insubstituível da mudança e desenvolvimento social —, pelo sistemático enfraquecimento da sua posição relativa na sociedade portuguesa e o empobrecimento da sua condição?

Custos-sombra (e sombrios) são os que resultam do aumento do consumo de droga, do aumento da prostituição como fenômeno correlativo da propagação de novas doenças, do abandono de recém-nascidos marcados pelo estigma da seropositividade ou da SIDA.

Quais são os custos da ligação imediata destes factores à total alteração da fisionomia do universo prisional, com cadeias superlotadas, instituições de menores cheias, hospitais prisionais com doentes em fase terminal?

E os custos elevadíssimos desse ócio compulsivo de mulheres e homens ainda na força da vida, um ócio que nada tem a ver com a utopia do desenvolvimento ou da perfeição da sociedade mas antes resulta das implacáveis regras de um mercado global, sem rosto, sem nome, sem nacionalidade, um ócio gerador de degradações múltiplas e escaladas de violência?

Por fim, quais são os custos da ausência de uma política de habitação capaz de providenciar aquele mínimo sem o qual é inútil falar de saúde, educação, desenvolvimento e promoção?

O Sr. Jorge Ferreira (CDS-PP): — Muito bem!

**A Oradora:** — É necessária uma política de habitação que não seja apenas a construção de gavetas para arrumar pessoas, mas que considere a importância de um ordenamento ambiental e a integração de apoios sociais.

Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados: Esta enumeração é real. Julgo mesmo que será do conhecimento de todos.

A estas situações descritas correspondem nomes e moradas. E sobretudo muito sofrimento. Em todas elas se nota — diria mesmo, é quantificável — o mesmo esforço dos que, no terreno, quer sejam funcionários públicos, quer façam parte do contingente de boa vontade da sociedade civil, lutam diariamente contra a falta de meios, a ineficácia das respostas, a tirania da burocracia. Em todos eles é visível — diria mesmo, quantificável — o mesmo medo, o mesmo desalento face à perspectiva de enfrentar o mundo exterior, do regresso ao mundo dos vivos por parte dos que, entre o provisório e o definitivo, estiveram à margem de tudo.

Rejeitando nós o mito do esplendor liberal, aceitando o modelo de mercado que vale o que vale mas parece ser o menos mau, não cremos contudo que seja nele e por ele, apenas ou sequer, que estes problemas encontrarão solução mas, antes, num Estado que saiba ser parceiro e numa sociedade que saiba ser providêncial.

O primeiro precisará de mais informação, melhor planificação, capacidade de inter-relacionamento transversal e maior operacionalidade.

A segunda vai precisar de maior consciência social, maior autonomia e maior capacidade de realização.

E ambos precisarão de uma maior integração de processos e respostas, de uma equilibrada e adequada partilha de responsabilidades.

Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados: A certeza, dada por muitos anos de trabalho no terreno, de que um pobre doente é mais pobre, um doente pobre é mais doente, e de que todos aqueles a quem o sistema vai condenando a um ócio involuntário serão certamente os mais pobres e os mais doentes a curto prazo; e a certeza de que, na busca de soluções e na habituação — que não banalização — da convivência com uma sociedade em fim de ciclo e de século, dominada pela globalização de problemas, crises e paliativos, não servem as «políticas de avestruz» nem as demagogias, as penas e os lamentos mas, sim, uma vontade política alicerçada em imperativos éticos e num instinto de sobrevivência social que não exclua, antes se escore, no sentido último da dignidade humana, levam-nos a crer que a contabilização seria destes custos-sombra — ocultos muitas vezes nas estatísticas, na mistificação do real e na banalização do sofrimento com que a sociedade portuguesa é hoje bombardeada — obriga a não separar as questões do emprego (ou desemprego) da nova arquitectura da segurança social, prometida pelo Governo socialista.

Isto, quer por força das causas, quer por força das consequências. E sobretudo porque, entre as causas e as consequências, estão as pessoas, mulheres e homens, crianças, jovens e idosos. É por todos eles também que hoje estamos aqui e por eles responderemos amanhã.

*Aplausos do CDS-PP.*

**O Sr. Presidente:** — Srs. Deputados, não havendo mais pedidos de palavra, terminou a fase de debate. Passemos agora às intervenções de encerramento desta interpelação ao Governo.

Para uma intervenção, em nome do CDS-PP, tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Ferreira.

**O Sr. Jorge Ferreira (CDS-PP):** — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados: Antes das eleições legislativas de Outubro, o PS escreveu no seu programa eleitoral e no Programa de Governo que «o governo do PSD deixa ao País um grave problema: mais de 400 000 desempregados». Isto é verdade, por muito que custe aos ex-ministros do PSD a lembrança deste mau *curriculum* em matéria de desemprego.

O problema é que, hoje, este legado dramático do PSD foi já aumentado pelo PS para quase meio milhão de desempregados. Por isso, costumamos dizer que o Partido Socialista é o amplificador dos erros, dos defeitos e das ineficiências do PSD, em matéria de desemprego.

Como temos dito nos últimos anos, as políticas educativa, económica e social do PS e do PSD são essencialmente irmãs; as suas consequências perversas são, por isso, também as mesmas.

O PSD engordou a Administração Pública à custa de tarefeiros; o PS quer aumentar a Administração Pública à custa de uma nova classe política e de funcionários regionais.

O PSD massificou um ensino teórico, laxista e desadequado da realidade do mundo de trabalho; o PS não sabe, não quer ou não pode mudar esta situação.

O PSD obcecou-se com a moeda única; o PS obcecado está com a moeda única.

O PSD consentiu que milhares de empresas e de postos de trabalho resvalassem para uma crise inevitável, porque havia, antes de mais, que salvaguardar a todo o custo a ilusão cavaquista do paraíso na terra; o PS, em vez de ter a coragem de dizer a verdade ao País, quer manter a mesma ilusão, fiado que está de que, mais dia, menos dia, haverá eleições antecipadas e, por isso, há que garantir o prolongamento da ilusão cavaquista, desta vez a benefício do Eng.º António Guterres.

**O Sr. Nuno Baltazar Mendes (PS):** — Dessa não sabíamos!

**O Orador:** — É por este conjunto de razões que ao PS e ao PSD convém o fogo de artifício da regionalização: o PS quer distrair o País dos problemas económicos e sociais que se avolumam todos os dias; o PSD quer distrair a memória do País das suas responsabilidades na autoria dos mesmos problemas económicos e sociais.

A verdade é que o PSD refundou o desemprego em Portugal como primeiro problema social e o PS está a aumentá-lo. Parece até que a regionalização é o novo «ópio do povo» para desviar as atenções dos problemas reais dos portugueses.

Intencionalmente, o Grupo Parlamentar do Partido Popular agendou esta interpelação sobre o combate ao desemprego precisamente para a véspera do dia dos trabalhadores. O objectivo é simples e consiste em evitar, enquanto é tempo, que o dia dos trabalhadores passe a ser designado por dia dos ex-trabalhadores.

*Vozes do CDS-PP: — Muito bem!*

**O Orador:** — A principal conclusão política desta interpelação ao Governo sobre desemprego é a de que o Partido Popular é a alternativa política real ao PS e ao PSD....

*Protestos do PS.*

... cada vez mais nítida e mais preparada para governar Portugal. E quanto mais olho para o Deputado José Malhães, mais me convenço do que estou a dizer.

#### Risos do PS.

Essa alternativa tem diferenças claras: o PS e o PSD são as duas faces da mesma moeda, precisamente a moeda única, dão ambos prioridade à convergência nominal, formal e, diria mesmo, artificial da economia portuguesa; o PP dá prioridade à economia real, à produção, ao emprego e às dificuldades concretas das empresas.

O PS e o PSD vivem na ilusão de que o desemprego se combate com mais investimento público, mais Estado, mais assistencialismo, mais socialismo e, necessariamente, mais impostos; o PP entende que só haverá emprego duradouro com base no crescimento da economia e que esse crescimento só é possível a partir do aumento do investimento privado e da diminuição do investimento público.

O PS e o PSD são autores de um sistema de ensino unificado, literário, sem rigor e sem exigência; o Partido Popular quer recriar o ensino comercial e industrial, variar a educação para o emprego e avaliar, com rigor e exigência, os conhecimentos adquiridos.

Até nos chamados «pacotes» de combate ao desemprego, o PS e o PSD são iguais. O primeiro «pacote» do Governo do PS é igual ao último pacote do Governo do Prof. Cavaco Silva. A sua eficácia será, lastimavelmente, igual. Ou seja, o desemprego continuará a aumentar, indiferente aos pacotes tecnocráticos. Por esta razão, o Grupo Parlamentar do Partido Popular pediu hoje a ratificação do Decreto-Lei n.º 34/96, para confrontar o Governo do PS e os responsáveis do PSD com propostas alternativas concretas, em matéria de fomento de emprego.

O Partido Popular continuará a sua luta pela criação de emprego para os portugueses para lá desta interpelação e não dará descanso ao Governo do Partido Socialista enquanto não começar a cumprir aquilo que o líder da oposição da altura, hoje Primeiro-Ministro, prometeu ao País: contra a realidade do crescimento do desemprego pelos Governos do PSD, a promessa de criação de empregos pelo Governo do PS. Até hoje não a cumpriu. Continuaremos vigilantes.

#### Aplausos do CDS-PP.

**O Sr. Presidente:** — Para uma intervenção, em nome do Governo, tem a palavra o Sr. Ministro da Solidariedade e Segurança Social.

**O Sr. Ministro da Solidariedade e Segurança Social (Ferro Rodrigues):** — Sr. Presidente, Srs. Deputados: Não temos dúvidas de que o principal factor de combate ao desemprego, de forma sustentada e consistente, reside na inversão das tendências do ciclo económico e no alcance de um crescimento mais forte — não é o único, mas é um factor muito importante.

Os instrumentos essenciais para, em termos de política económica, auxiliar essa inversão consistem na existência de um quadro macroeconómico estável e coerente, na existência de opções estratégicas claras e partilhadas pela sociedade civil e num clima de concertação entre os parceiros sociais.

O Governo tem sabido gerir uma difícil conjuntura externa num clima de estabilidade.

O Governo partilha, com a grande maioria dos agentes económicos e sociais, uma postura de defesa da parti-

pação integral de Portugal no processo de construção europeia, como caminho central para o desenvolvimento do País.

O Governo tem estimulado um ambiente de concertação, que atingiu níveis únicos na história da nossa democracia.

Sr. Presidente, Srs. Deputados: É para nós claro que não basta, para combater eficazmente o desemprego, apanhar o «comboio» do crescimento económico internacional.

É indispensável que a nossa economia esteja preparada para aproveitar todas as oportunidades de investimento, de comércio externo, de criação de emprego. Tal só poderá ser feito com empresas competitivas e com mercados saudáveis.

O Governo está a trabalhar para tal, estimulando a recuperação das empresas viáveis, que atravessam crises sérias, e estimulando o investimento e a modernização.

E está a acompanhar este esforço com novas políticas estruturais (na educação, na ciência e tecnologia, nas infra-estruturas), indispensáveis à construção de uma economia sustentavelmente competitiva.

É também indiscutível que a dimensão dos problemas estruturais e conjunturais exige uma utilização de políticas activas de emprego.

Estas políticas assumem diversas vertentes: no estímulo ao emprego de jovens e à contratação de desempregados de longa duração; no estímulo à criação de pequenas empresas e ao auto-emprego; no desenvolvimento de políticas inovadoras de formação profissional.

Esta é a linha de trabalho do Governo, na certeza, porém, que este tipo de medidas não serão eficazes, se não forem acompanhadas por uma substancial melhoria da eficácia dos serviços públicos de emprego e formação. E essa melhoria está em curso.

#### Vozes do PS: — Muito bem!

**O Orador:** — Sr. Presidente, Srs. Deputados: O combate ao desemprego é também significativamente tributário da exploração de segmentos de mercado que a evolução sócio-económica não tem podido acompanhar.

É aqui que se insere o mercado social de emprego. Este não é uma qualquer panaceia, nem uma invenção última hora; é uma realidade que se afirma nas sociedades modernas, em toda a Europa.

Existem necessidades sociais que não estão satisfeitas. Existe, inclusivamente, uma procura de bens e serviços, muitos deles essenciais, que não encontra resposta no mercado.

O Estado e as autarquias, e também as instituições particulares de solidariedade, podem e devem servir de estímulo à resposta a estas necessidades e podem fazê-lo criando emprego.

Estamos a trabalhar para o conseguir.

Sr. Presidente, Srs. Deputados: O Governo está, porém, consciente de que a dimensão dos problemas que enfrentamos é de tal ordem que permanecerão, inevitavelmente, segmentos da população portuguesa que sofrerão fenómenos de exclusão e fragilidade social.

Para eles, tem de existir uma sólida e inovadora política de protecção social.

#### Vozes do PS: — Muito bem!

**O Orador:** — Política essa que assegure a confiança nos mecanismos da segurança social. Relem-

bro que, tal como consta do Acordo Social de Curto Prazo, na concertação estratégica, será avaliado o sistema actual do subsídio de desemprego e subsídio social de desemprego, de forma a que também se passem a ter em conta os anos de contribuição e a necessidade de melhorar a cobertura e o combate à fraude.

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**O Orador:** — Aliás, aproveito para anunciar que a concertação estratégica vai arrancar na próxima semana e terá a primeira sessão de debates no dia 6 de Maio.

Por outro lado, é necessário que a política enquadre os esforços da sociedade civil, estimulando a solidariedade e racionalizando o uso dos recursos públicos, e garanta um mínimo de recursos para os mais excluídos, em situação debilidade limite.

É também neste caminho que estamos a trabalhar.

Sabemos que combater o problema do desemprego, problema maior das sociedades modernas, exige políticas integradas e envolvimento de toda a sociedade.

Julgo que o Governo trilha o caminho certo, nos cinco planos que referi: a estabilidade macro-económica; o estímulo à modernização empresarial; o desenvolvimento eficaz das políticas activas de emprego; o desenvolvimento do mercado social de emprego; a afirmação das políticas sociais de solidariedade.

A este empenhamento de todo o Governo, estamos certos que corresponde, e corresponderá cada vez mais, uma mobilização activa de toda a sociedade portuguesa.

Assim sendo, será possível confiar no êxito deste combate.

**Sr. Presidente, Srs. Deputados:** Não vou falar da intervenção do PSD. A tentativa de criar ameaças fantasmagóricas sobre despedimentos na função pública já começa a roçar algum ridículo.

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**O Orador:** — O Partido Popular, a quem agradecemos a oportunidade de esclarecimento que nos proporcionou, pela voz do Sr. Deputado Manuel Monteiro, na primeira intervenção, não resistiu à tentação de confundir rigor na análise com desculpabilização em nome do passado. Seria uma falsificação, não do passado mas do presente, escamotear que a evolução do desemprego tem, na sua origem, não apenas um crescimento insuficiente, que atinge a Europa, mas a dramática situação em que encontrámos a economia portuguesa e muitas centenas, ou mesmo milhares, de empresas, quando tomámos posse em finais de Outubro de 1995.

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**O Orador:** — O Partido Popular, pela voz do Sr. Deputado Manuel Monteiro, não resistiu também à tentação de caricaturar a política económica portuguesa, entrando, aliás, em contradição com toda a tradição da sua postura em matéria macroeconómica. Na verdade, como é que um partido que faz da sacralização da redução do défice público a questão essencial da sua política macroeconómica pode vir, agora, defender políticas públicas viradas para o crescimento da despesa?

**Vozes do PS:** — Muito bem!

**O Orador:** — Sr. Deputado, a forma como colocou a questão da inflação, do meu ponto de vista, é errada, porque, hoje, a inflação desce num contexto de estabilidade cambial e não de valorização do escudo e altas taxas de juro; a inflação desce num contexto de crescimento dos salários, ordenados e pensões e não no quadro de ataques ao poder de compra da maioria dos consumidores.

*Aplausos do PS.*

O Partido Popular, pela voz do Sr. Deputado Manuel Monteiro, não resistiu também à tentação da ameaça política sobre o Governo, afirmado, inclusivamente, a sua disponibilidade para, certamente, se associar a quem o queira fazer cair.

**O Sr. Manuel Monteiro (CDS-PP):** — Não é nada disso!

**O Orador:** — Sr. Deputado Manuel Monteiro, o Governo, nem aquando do debate sobre o Orçamento do Estado para 1996, nem agora, se sente refém da sua ou de qualquer outra bancada da oposição.

*Aplausos do PS.*

É, com efeito, verdade que não há nada como cada um assumir as suas responsabilidades, com a certeza de que, em última análise, os portugueses não deixarão também de assumir as suas e de confrontar cada bancada com a sua prática.

No entanto, o Partido Popular, também pela voz do Sr. Deputado Manuel Monteiro, veio propor um pacto para o relançamento da economia portuguesa. Esperamos que, neste caso, não se trate de mera tentação retórica. As medidas que o Governo está a avançar, viradas para as empresas e para a economia, exigem concertação estratégica. Um partido como o PP, em minha opinião, pode e deve ter um papel positivo nesse processo — sem ameaças, que não nos limitam nem nos impressionam.

*Aplausos do PS.*

**O Sr. Presidente:** — Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo e Srs. Deputados, terminou a interpelação n.º 2/VII — Sobre os temas do combate ao desemprego e das políticas de emprego (CDS-PP).

A próxima sessão plenária terá lugar na próxima quinta-feira, 2 de Maio, pelas 15 horas, tendo como ordem do dia a discussão conjunta dos projectos de lei n.º 136/VII — Altera a Lei-Quadro das Regiões Administrativas (PS), 137/VII — Lei de Criação das Regiões Administrativas (PS), 49/VII — Sobre as atribuições das Regiões Administrativas (PCP), 94/VII — Processo de criação e instituição das Regiões Administrativas (PCP), 143/VII — Criação e processo de instituição das Regiões Administrativas no Continente (Os Verdes) e 144/VII — Altera a Lei-Quadro das Regiões Administrativas no que se refere às suas atribuições. Título III da Lei n.º 56/91, de 13 de Agosto (Os Verdes) e dos projectos de deliberação n.ºs 10/VII — Assegura adequada transparência e participação no processo legislativo respeitante à regionalização do Continente (PS) e 2/VII — Definição de um calendário para a regionalização (PCP).

À hora regimental, realizar-se-ão votações.

Srs. Deputados, está encerrada a sessão.

*Eram 20 horas e 20 minutos.*

*Entraram durante a sessão os seguintes Srs. Deputados:*

**Partido Socialista (PS):**

**António Alves Marques Júnior.**  
**António Alves Martinho.**  
**Carlos Alberto Dias dos Santos.**  
**Eduardo Ribeiro Pereira.**  
**José Manuel Niza Antunes Mendes.**  
**José Manuel Rosa do Egípto.**  
**Maria Helena do Rego da Costa Salema Roseta.**  
**Pedro Luís da Rocha Baptista.**  
**Raimundo Pedro Narciso.**

**Partido Social Democrata (PSD):**

**António Germano Fernandes de Sá e Abreu.**  
**Fernando Manuel Alves Cardoso Ferreira.**  
**João Bosco Soares Mota Amaral.**  
**José Álvaro Machado Pacheco Pereira.**  
**José Augusto Santos da Silva Marques.**  
**José Macário Custódio Correia.**  
**José Manuel Durão Barroso.**  
**José Manuel Nunes Liberato.**  
**Luís Carlos David Nobre.**

**Partido do Centro Democrático Social — Partido Popular (CDS-PP):**

**Gonçalo Filipe Ribas Ribeiro da Costa.**

**Partido Comunista Português (PCP):**

**João António Gonçalves do Amaral.**

*Faltaram à sessão os seguintes Srs. Deputados:*

**Partido Socialista (PS):**

**Acácio Manuel de Fries Barreiros.**

**Joaquim Sebastião Sarmento da Fonseca Almeida.**

**Jorge Manuel Fernandes Valente.**  
**José Carlos Correia Mota de Andrade.**  
**José Carlos da Cruz Lavrador.**  
**Laurentino José Monteiro Castro Dias.**  
**Mário Manuel Videira Lopes.**  
**Rui Manuel Palácio Carreteiro.**  
**Sérgio Carlos Branco Barros e Silva.**

**Partido Social Democrata (PSD):**

**António Fernando da Cruz Oliveira.**  
**Artur Ryder Torres Pereira.**  
**Carlos Manuel Duarte de Oliveira.**  
**João do Lago de Vasconcelos Mota.**  
**José Carlos Pires Povoas.**  
**José Mendes Bota.**  
**Luís Filipe Menezes Lopes.**  
**Manuel Castro de Almeida.**  
**Maria do Céu Baptista Ramos.**  
**Miguel Fernando Cassola de Miranda Relvas.**  
**Pedro Augusto Cunha Pinto.**  
**Pedro Domingos de Souza e Holstein Campilho.**  
**Pedro Manuel Cruz Roseta.**

**Partido do Centro Democrático Social — Partido Popular (CDS-PP):**

**Rui Manuel Pereira Marques.**

**Partido Comunista Português (PCP):**

**Carlos Alberto do Vale Gomes Carvalhas.**  
**Luís Manuel da Silva Viana de Sá.**

**A DIVISÃO DE REDAÇÃO E APOIO AUDIOVISUAL.**



Depósito legal n.º 8818/85

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA, E. P.

1 — Preço de página para venda avulso, 9\$00 (IVA incluído).

2 — Para os novos assinantes do *Diário da Assembleia da República*, o período da assinatura será compreendido de Janeiro a Dezembro de cada ano. Os números publicados em Outubro, Novembro e Dezembro do ano anterior que completam a legislatura serão adquiridos ao preço de capa

3 — O texto final impresso deste *Diário* é da responsabilidade da Assembleia da República

**PREÇO DESTE NÚMERO 432\$00 (IVA INCLUIDO 5%)**

Toda a correspondência, quer oficial, quer relativa a anúncios e a assinaturas do «Diário da República» e do «Diário da Assembleia da República», deve ser dirigida a administração da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, I. P., Rua de D. Francisco Manuel de Melo, 5 - 1092 Lisboa Codex